

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Portal ou Porteira?

*Os Professores e uma experiência de integração da
Internet no Ensino Fundamental por meio de um Portal Educativo*

Estudo de caso

ISMAEL PORDEUS BEZERRA FURTADO

**FORTALEZA
2004**

ISMAEL PORDEUS BEZERRA FURTADO

Mestrado em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Ceará

Portal ou Porteira?

*Os Professores e uma experiência de integração da
Internet no Ensino Fundamental por meio de um Portal Educativo*

Estudo de caso

Dissertação apresentada à
Coordenação do Curso
de Mestrado em Educação da
Universidade Federal do Ceará
como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre, sob a
orientação do Prof. Dr. Hermínio
Borges Neto.

FORTALEZA
2004

Portal ou Porteira?

***Os Professores e uma experiência de integração da
Internet no Ensino Fundamental por meio de um Portal Educativo***

Estudo de caso

Fortaleza, 08 de outubro de 2004

Ismael Pordeus Bezerra Furtado

Banca Examinadora

Prof. Hermínio Borges Neto, Doutor

Prof. Paulo Gileno Cysneiros, Doutor

Prof. Elian de Castro Machado, Doutor

Prof. José Aires de Castro Filho, Doutor

Dedico este trabalho

A “Seu” Assis, Dona Sylvia,
Ana Ângela, Ronaldo Salgado,
Hermínio Borges Neto e Adelmir Jucá.

Agradecimentos

Esta dissertação não existiria sem as bênçãos e a proteção do Perfeito Mestre Jesus e de Mãe Santíssima. A generosidade e o acolhimento do Hermínio Borges Neto, que me “adotou” quando meu mestrado vagava sem rumo. A Rossana Moura, que mostrou e compartilhou o caminho. Ao José Aires de Castro Júnior, professor solidário dos primeiros dias. Elian Machado, pelo apoio para enfrentar a seleção. Ao Adelmir Jucá, companheiro de mestrado, que virou chefe, professor e grande amigo. Valeu, chapa! A Adriana Limaverde, leitora atenciosa e crítica deste trabalho. A todos os coordenadores e professores do Colégio Sete de Setembro, especialmente ao Bosco, Milton Colares e Rita. A Ednilo Soárez, um *gentleman* que me abriu as portas do Colégio, ao Gilmar de Carvalho, Tânia Furtado, Ronaldo Salgado, Inês Mamede, Ricardo Jorge, Paula Neves, Selene Penaforte, Fátima Coutinho e a todos os que fazem o Laboratório Múltiplos e o CRID, em especial à Viviane Pereira, Janete, Sílvia Sales, Bel, Márcia, Cristiane, Marquinhos, Adriano. Tantas pessoas a lembrar que, sozinho, nada posso. Perdoem-me se esqueci de citar alguém. A todos os que acreditaram, duvidaram, perguntaram e reclamaram de “Dona Didi”

Muito obrigado!

RESUMO

Computadores e Internet são instrumentos de nossa cultura e, como tal, estão profundamente inseridos em nosso modo de produzir, comunicar e pensar. As redes digitais, com suas ferramentas de comunicação, interação e hipertextualidade, representam uma nova tecnologia intelectual. Na educação, a Internet cada vez mais se configura como um instrumento de apoio ao processo de ensino e aprendizagem, incorporando elementos tradicionalmente associados à educação a distância ao ensino formal. Dessa junção, surge um modelo híbrido de ensino, reunindo momentos presenciais e não presenciais, ampliando o espaço da sala de aula para além dos seus limites físicos. Ao mesmo tempo em que abre campos de possibilidades, a utilização da Internet na escola exige novos métodos e, sobretudo, o preparo do professor. É nesse quadro que surgem os portais educacionais, que ao reunir todos os recursos das redes digitais e apresentarem uma proposta de metodologia, tentam substituir o uso da Internet e a formação dos professores, por via de um modelo pronto e acabado. Entre estes portais, abordamos o Portal Educacional e a sua utilização pelo Colégio 7 de Setembro, em Fortaleza, Ceará. Por intermédio de um estudo de caso, procuramos acompanhar a evolução dessa relação, tentando compreender sua metodologia de trabalho e formação docente. Buscamos ainda dar voz aos professores para que eles, como principais agentes do processo educativo, relatem como vêem a Internet antes da chegada do portal à escola, suas reações e avaliações sobre o Educacional. Como resultado dessa análise, chegamos à elaboração de uma proposta metodológica, pelos professores, para o trabalho com a Internet no Ensino Fundamental, tendo como base os saberes experienciais acumulados no trabalho cotidiano com as redes digitais, por meio do Portal Educacional.

Palavras-chave: Internet, educação a distância, educação presencial e não presencial, portais educativos, ensino fundamental, formação de professores e metodologia para a Internet.

ABSTRACT

Computers and Internet are cultural tools and, therefore, they are deeply inserted in our ways of producing, communicating and thinking. Digital networks, with their tools of communication, interaction and hipertextuality, represent a new intellectual technology. In education, the internet becomes more and more a supporting tool to the learning-teaching process, incorporating elements traditionally associated to distance learning and to the formal/traditional teaching. From this gathering, a hybrid teaching model comes to life, uniting distance and on-site moments, widening the classroom space beyond its physical boundaries. At the same time that it opens possibility fields, the use of the internet in school settings demands new methods and, mainly, teachers' preparation. In this setting, the educational web portals come to sight and by reuniting all the resources of the digital networks and presenting a methodological proposal they try to replace internet use and the preparation of teachers, by means of showing a final and ready product. Among these portals, we approached the Educational Portal and its use by 7 de Setembro school in Fortaleza, Ceará. By means of a case study, we tried to follow the evolution of this relationship, trying to understand its methodology of action and of teacher preparation. Yet, we sought to give the teachers an opportunity so that they, as the main agents of the educational process, could tell how they see the Internet before the arrival of the Web Portal in the school system and their reactions and assessment about the Educational Portal. As a result of this analysis, we came to the preparation of a methodological proposal, by the teachers, to the work with the internet in Elementary School, based on the knowledge produced in the daily work with the digital networks through the Educational Portal.

key-words: Internet, distance learning, on-site learning and distance learning, educational web portals, elementary teaching, teacher preparation, Methodology for the internet.

- Internet!? Falam tanto nela. Será que ela pode me ajudar?
- Eu acho que sim. Dizem que ela é muito útil.
- Tá, mas você já pensou? Além de dar aulas, corrigir tarefas, me aperfeiçoar, ainda tenho que aprender a lidar com a Internet?

Diálogo entre duas professoras, trecho de uma história em quadrinhos que apresenta o Portal Educacional aos professores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 A ESCOLA NAS TEIAS DA REDE	
1.1 Ferramentas de comunicação	23
1.2 Ampliando as funções psicológicas superiores	29
1.3 Comunidades virtuais de aprendizagem	40
1.4 Modelos híbridos: a distância está presente	43
CAPÍTULO 2 INTERNET NA ESCOLA: PORTAIS OU PORTEIRAS?	
2.1 Portais educativos	51
2.2 Navegação livre, controle ou censura?	55
2.3 O modelo Portal e a questão cultural	58
2.4 O velho com o novo, ou a necessidade de uma nova metodologia	60
2.5 Portal Educacional, o negócio da educação na Web	62
2.6 Colégio Sete de Setembro, a tradição em busca da modernidade	69
CAPÍTULO 3 EDUCACIONAL E C7S: GÊNESE E EVOLUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA COM A WEB NO ENSINO FUNDAMENTAL	
3.1 Surge a necessidade da Internet	77
3.2 Educacional, uma escolha que os educadores não fizeram	80
3.3 A Informática Educativa no C7S e o Portal: universos paralelos	82
3.4 A expectativa dos professores	86
3.5 A capacitação dos professores	87
3.6 O planejamento de 2002	90
3.7 A hora da prática, ou sobre as primeiras decepções	91
3.8 Críticas aos conteúdos	95
3.9 A questão da autoria	97
3.10 O declínio da presença do Portal no planejamento de 2003	98
3.11 Dois anos depois, o que é feito com o Portal?	99
3.12 O Portal e os professores do C7S	103
3.13 A resposta está com os professores	104

CAPÍTULO 4 O PORTAL NOS CORAÇÕES E NAS MENTES DOS PROFESSORES DO C7S

4.1	Internet na Educação, uma pré-visão dos educadores	107
4.2	Experiência com os computadores e Web antes do Portal	110
4.3	Imaginando um ensino melhor com a Internet	113
4.4	Como os professores reagiram ao Portal Educacional	115
4.5	A formação dos professores para o trabalho com o Portal Educacional	117
4.6	Os professores avaliam a capacitação	120
4.7	Um ano e meio depois, os Professores conhecem o Portal?	123
4.8	Avaliação: o que é o Portal Educacional?	127
4.9	O Portal Educacional-C7S segundo os Professores	131
4.10	Uma proposta metodológica dos professores do C7S para a Internet no Ensino Fundamental	136
4.11	Pesquisa e seleção de conteúdos	138
4.12	Os alunos e a Internet: liberdade ou controle?	142
4.13	Internet na Escola: como usar?	145

COSIDERAÇÕES FINAIS	149
----------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA	157
---------------------	------------

ANEXOS

INTRODUÇÃO A INTERNET E OS NOVOS FLUXOS DO SABER

Vivemos uma era marcada pela velocidade. Os avanços da ciência, sobretudo na interseção das telecomunicações com a informática, estão produzindo cada vez mais rápidas e profundas transformações em nosso modo de interagir, trabalhar e, sobretudo, pensar, produzir e circular novos e antigos conhecimentos. As tecnologias digitais estão de tal modo inseridas em nossa vida que nem percebemos como são recentes.

A velocidade vertiginosa com que se dá a evolução tecnológica encontra seu exemplo mais expressivo na evolução da rede mundial de computadores – Internet. Em pouco menos de dez anos, a Internet saltou dos limites da academia para se transformar na mais poderosa rede de circulação de conhecimentos, com implicações e influências para além do ainda restrito universo de pessoas com acesso à Internet.

Essa mesma velocidade, no entanto, muitas vezes não nos permite refletir sobre as novas tecnologias e suas implicações nos processos educacionais. Novos métodos de construção do conhecimento são rapidamente desenvolvidos; a partir da Internet, eles são incorporados ao cotidiano de um número incalculável de aprendizes. A massificação da grande rede representa muito mais do que uma transformação de hábitos de consumo ou de relacionamentos. O maior impacto de todas essas transformações advindas com a Internet talvez esteja nas profundas transformações ocorridas na formação e na veiculação do conhecimento, na informação e na formação de sentido.

Com a Internet, superam-se as limitações temporais e espaciais, o que implica recriação dos conceitos de educação a distância, a partir do surgimento de modelos híbridos de ensino, reunindo-se elementos presenciais e não presenciais, com possibilidades de interações em tempo real. As ferramentas de interatividade, as multimídias e a capacidade de simulações, projetam novos e poderosos ambientes de aprendizagem.

As ferramentas de comunicação a interatividade e a ampliação dos processos psicológicos superiores, como a imaginação e a memória, assim como a Internet, representam um grande desafio para os educadores e as escolas. Apesar de profundamente inseridas no modo de vida e no imaginário de crianças e jovens, as

novas tecnologias digitais demandam uma reorganização dos métodos de ensino das escolas e exigem uma formação adequada dos professores.

É nesse cenário de mudança, que a sociedade exige da escola uma preparação dos aprendizes para um mundo conectado, no entanto, a escola não está estruturada nem seus professores capacitados para essa tarefa. É nesse contexto que florescem os portais educacionais. Basicamente, os portais educacionais são grandes sítios especializados em oferecer soluções prontas e acabadas para as principais necessidades das escolas: observa-se a ausência de um método de trabalho com a Internet e a falta de capacitação dos professores para tal ferramenta.

Ao longo dos últimos anos, os portais educacionais experimentam um grande crescimento, configurando-se muito mais do que um grande negócio na área da educação. Apesar de serem predominantemente empreendimentos comerciais voltados ao lucro, os portais se fortalecem como um modelo de utilização da Internet pelas escolas, sobretudo no Ensino Fundamental, até mesmo entre órgãos governamentais da área de educação.

No início de 2003, pesquisando a utilização da Internet pelas escolas, constatei a expansão do modelo portal em pelo menos seis escolas particulares e uma escola pública de Fortaleza. E aqui começa a trilha seguida até chegar a esta pesquisa. Simultaneamente a essa constatação, deparei-me com dificuldades para obter informações sobre a existência de experiências mais sistematizadas no que diz respeito à utilização da Internet nas escolas.

Essas constatações, bem como a raridade de estudos sobre experiências de utilização de portais, impulsionaram a realização deste estudo. A escassez de elaborações teóricas sobre os portais educativos formava (e ainda forma) uma contraposição rarefeita a artigos de caráter publicitário e apologéticos sobre os portais educativos, veiculados em revistas voltadas à temática da educação.

A partir desse momento, percebi a importância de que essas experiências que utilizam os portais educacionais como ferramenta de ensino fossem investigadas e analisadas pela academia antes que se consolidassem como um modelo predominante de incorporação dos recursos da Internet no processo de ensino e aprendizagem. Acredito que é fundamental a reflexão crítica da academia sobre tudo o que esteja afeto à educação.

Definido esse campo de pesquisa, busquei investigar a bibliografia mais apropriada ao objeto portal. Mais uma vez, deparei-me com uma literatura muito escassa. Ao fazer uma revisão bibliográfica, percebi que a fundamentação teórica teria que se dar por meio de adaptações de teorias e reflexões de campos conexos e convergentes como a educação a distância e educação *on line*. O que era uma hipótese revelou-se um fato concreto: a produção teórica não conseguia acompanhar a velocidade do avanço do modelo portal sobre as escolas.

Dessa forma, não há um pesquisador ou teórico específico, tampouco uma corrente teórica que possa isoladamente dar conta da complexidade de novas questões apresentadas pela apropriação da rede mundial de computadores no universo das escolas de ensino fundamental.

A partir das primeiras observações no campo empírico e revisão bibliográfica, uma série de questões foram surgindo e sendo reelaboradas. Num primeiro momento de exploração da temática, a questão mais imediata dizia respeito à seguinte interrogação: como os portais trabalham?

Construído o objeto – os portais educacionais - fez-se necessário realizar as primeiras delimitações e recortes. Foi então que tomei conhecimento do porte da experiência do Colégio 7 de Setembro, em Fortaleza, com o Portal Educacional, do Grupo Positivo, em Curitiba, envolvendo mais de 10.000 (dez mil) alunos, e vi que estava diante do caso a ser estudado.

A partir de contatos com a direção do Colégio 7 de Setembro e com o representante do Portal Educacional, obtive autorização para iniciar a pesquisa. Passei a visitar a escola e conversar com coordenadores e professores. Foi a partir desses contatos informais que houve uma mudança na minha questão principal. Constatei que não havia uma utilização intensa dos recursos do portal pelos professores em suas atividades com os alunos. E a questão principal do presente trabalho, que era *como* o portal era utilizado pelo Colégio, passou a ser *por que o portal não é utilizado?*

Ao longo da pesquisa, cheguei à conclusão de que os caminhos para a resposta passavam, necessariamente pela problemática da formação dos professores, da ausência de uma metodologia de trabalho com a web e da oferta de uma infra-estrutura adequada.

Modificada a questão principal, tive de reconstruir as questões complementares, que passaram a ser:

- Qual a metodologia do Educacional?
- Como é o processo de formação dos professores?
- Qual formação em informática e Internet os professores do C7S possuíam antes da chegada do Portal?
- Antes da Internet, como os professores imaginavam utilizar a Internet em suas aulas?
- Como os professores avaliam o portal?
- Qual a forma de uso da Internet os professores propõem?
- A partir dos saberes experienciais acumulados ao longo de mais de um ano e meio de trabalho com o portal, qual a proposta metodológica que os professores do C7S propõem para a integração da Web à Escola?

Redefinidas as questões principal e secundárias, refiz a pesquisa bibliográfica e novamente me deparei com escassez da literatura e a necessidade de realizar algumas adaptações do campo da educação a distancia.

Entre os autores que empreguei nesse trabalho, destacamos Pierre Lévy, Cysneiros e Nelson Pretto, sobretudo na elaboração dos cenários de mudança no universo da educação em que se inserem os portais educacionais. Na abordagem dos sistemas híbridos – típicos dos portais – ressalto as contribuições de Manuel Moran, Elian Machado e Vani Kenski. No campo da educação a distância, recorri às contribuições de Maria Luiza Belloni, Seraphin Alava, Anne Heide e Linda Stillborne, e novamente, Vani Kenski.

Ao abordar a questão das avaliações sobre o portal, a forma de uso da Web e a elaboração da proposta metodológica pelos professores, foram de fundamental importância os aportes teóricos de Philippe Perrenoud e Maurice Tardif.

A despeito de qualquer pretensão, acredito na relevância e no ineditismo do presente trabalho. Reforçam essa convicção uma pesquisa realizada no banco de teses de CAPES (www.capes.gov.br). Ao pesquisar com a palavra-chave portal, ou portais educativos, não obtive nenhum resultado, em qualquer período disponível no sítio. Quando empregamos a palavra-chave sistemas híbridos, novamente não encontro nenhuma dissertação ou tese.

Já ao utilizar Internet como palavra-chave, obtenho cerca de 80 (oitenta) trabalhos no banco de dados da Capes. Desse grupo de trabalhos, encontro resumos sobre trabalhos de áreas diversas, como a engenharia de produção,

educação, ciências da computação e comunicação. Analisando os trabalhos da área de educação, não encontramos trabalhos que abordassem os portais educativos.

Chegar a esse trabalho representa uma trajetória natural para este pesquisador. Internet e portais fazem parte de minha formação e de minha vida profissional. Trabalhava como bancário, em 1994, quando fui convidado a conhecer a Internet, apresentado pela área de tecnologia do banco em que trabalhava. Em 1995, trabalhei na montagem do sítio do Banco do Estado do Ceará. Dois anos depois, defendi uma monografia em que analisava a edição eletrônica do Jornal O Globo, como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social. Esta monografia foi a primeira a abordar o jornalismo *online* do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

A partir desse trabalho, minha carreira tomou outros rumos. Passei a trabalhar em editorias de informática e na montagem do sítio do Jornal Diário do Nordeste. Em 2001, trabalhei na implantação do Portal Noolhar.com (www.noolhar.com), como editor. Nessa função, conheci de perto a essência desse tipo de site, sua organização e gerenciamento das informações. Assim a opção sobre o tema portais na educação se consolida como uma decorrência da minha trajetória profissional e busca pela formação do pesquisador.

Esta pesquisa foi organizada em quatro capítulos, assim estruturados:

O primeiro - *A Escola nas Teias da Rede* - procura discutir inicialmente a presença de computadores e redes digitais no universo simbólico de crianças e adolescentes, a partir do reconhecimento de que a Informática e a Internet fazem parte intrínseca das sociedades contemporâneas, uma vez que são instrumentos de nossa cultura. Em um segundo momento, procuro discorrer sobre como a Internet pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica, apresentando as suas principais ferramentas de comunicação, interatividade e ampliação de processos psicológicos superiores, como a imaginação, a memória e a criatividade.

No segundo capítulo, *Internet nas Escolas: Portais ou Porteiras?*, apresento o conceito de portal, as origens, o desenvolvimento e conotações que esse modelo de site adquiriu ao longo da história recente da Internet. A partir daí, passei a abordar os portais educacionais, analisando os serviços e recursos que eles oferecem. Nesse contexto, apresento os objetos e o *locus* desta pesquisa: o Portal Educacional e um colégio particular de Fortaleza, no Ceará.

Já no terceiro capítulo - *Educacional e a Escola: gênese e evolução de uma experiência com a Web no Ensino Fundamental* - procuro reconstruir a evolução histórica da relação entre o Portal Educacional e a Escola privada, desde o processo de escolha do portal ao trabalho cotidiano de professores e alunos com a Internet, passando pela implantação e a formação de professores. Dessa forma, pude conhecer a sistemática de trabalho do portal na Escola e seus métodos de capacitação dos professores. Para isso, vamos nos basear nos depoimentos dos coordenadores do colégio privado, que atuam como mediadores entre as decisões pedagógicas e didáticas do Colégio e os professores.

No quarto capítulo, *O Portal nos Corações e nas Mentes dos Professores*, darei voz aos docentes. São eles que nos contarão de suas expectativas com relação à incorporação da Internet à escola, como eles imaginavam utilizar a rede mundial de computadores em suas aulas e qual a sua experiência e conhecimento das ferramentas da rede. Buscando aprender com a experiência do Portal Educacional – Colégio privado, ouço os professores sobre como eles avaliaram a preparação que receberam do Portal e como avaliam esse modelo de Internet na Escola. A partir dos saberes experienciais, acumulados ao longo de mais de um ano e meio de trabalho com a Internet, os professores do Colégio apresentam um modelo de utilização da rede no processo de ensino e aprendizagem.

Nas considerações finais, elenco as reflexões resultantes de toda a pesquisa, algumas considerações e sugestões e novos desafios intelectuais que emergiram ao longo deste trabalho, na expectativa de que elas possam de alguma forma servir aos educadores e escolas interessados em integrar as ferramentas da Internet às suas aulas e escolas. Convido-o a navegar.

1 A ESCOLA NAS TEIAS DA REDE

Computadores e Internet são alguns dos mais importantes instrumentos da cultura de nosso tempo. As máquinas conectadas à rede fazem parte intrínseca do nosso modo de produzir e viver, estando completamente integradas ao imaginário coletivo, e como tal, presentes no universo simbólico, mesmo daqueles que não têm computadores e não acessam a rede mundial.

Crianças e jovens convivem naturalmente com as novas tecnologias digitais¹, como videogames, computadores, jogos em rede, Internet e outros instrumentos tecnológicos. Embora a grande maioria dos jovens e crianças de nosso País não tenha acesso a computadores e outros equipamentos digitais, o conhecimento e a vivência dessas tecnologias constituem uma realidade em suas vidas, mesmo que apenas como um bem de seu universo simbólico.

Para avaliarmos a presença significativa das novas tecnologias, sobretudo da Internet no cotidiano da juventude, podemos citar que uma pesquisa do IBOPE², realizada em agosto de 2002, revelou que as crianças brasileiras só perdem em número de horas de acesso à Internet para as crianças norte-americanas e japonesas, com uma média de 3 horas e 15 minutos, ou seja, apesar da dificuldade de acesso amplo, as crianças brasileiras que conectam a Internet o fazem em maior intensidade do que as européias.

Dessa forma, como nos adverte Nelson Pretto, “precisamos entendê-la (a Internet) não como uma questão meramente tecnológica, mas essencialmente, como um fator de cultura” (PRETTO in BARRETO org., 2001:37). Como instrumento essencial e plenamente integrada ao nosso modo de viver e produzir, a Internet chega às escolas na bagagem simbólica das crianças e dos jovens, presente nos trabalhos e pesquisas, fazendo parte de um aprendizado anterior à escola.

Essa forma de conhecimento é da maior importância, como nos ensina Vigotski: “O aprendizado das crianças começa muito antes de elas freqüentarem a

¹ Neste trabalho, empregam-se as expressões novas tecnologias e novas tecnologias digitais para conceituar os dispositivos e sistemas que permitem a circulação de informações a partir de sua codificação nos sistemas de dígitos binários, como o computador e a Internet.

² Pesquisa publicada na Revista eletrônica *I-Coletiva*. Disponível em www.icoletiva.com.br, em 23/12/2002.

escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia” (1998:110).

Antes de chegar à escola, crianças e jovens passaram por processos significativos de educação na família e nos media eletrônicos, com sua linguagem e lógica próprias. Elas utilizam a Internet e outros meios eletrônicos para brincar, aprender, comunicar-se, estabelecer novos relacionamentos, entre outras práticas. Nessas atividades cotidianas, marcadas pela interatividade e pela riqueza sensorial, elas desenvolvem novos processos cognitivos, exercitam novas formas de inteligência, raciocínio e sociabilidade. Sérgio Amaral ressalta a naturalidade com que ocorre esse processo, quando argumenta que

“a tecnologia propriamente dita presente na Internet não é questionada pelas crianças enquanto aparato técnico, pois ela adquiriu uma determinada ‘transparência’ que lhes permite lidar com pessoas, informações, jogos, serviços, aplicações e amigos ”. (AMARAL in SILVA, coord., 2003:46)

José Manoel Moran ressalta que os meios de comunicação eletrônicos com os quais as crianças convivem, como a televisão, utilizam-se de uma narrativa que combina várias linguagens superpostas, o que as acostumou a lidar com a informação de forma “atraente, rápida, sintética, o que traz conseqüências para a capacidade de compreender temas mais abstratos de longa duração e de menos envolvimento sensorial” (2000:20).

Há outro aspecto da maior importância na relação das crianças e jovens com os meios eletrônicos e a Internet: a dimensão afetiva, prazerosa, construída pela sedução, emoção, intensa exploração dos sentidos. Nesse império da subjetividade, as emoções imediatas por vezes encobrem qualquer tentativa de contextualização, de racionalização do mundo.

Assim, crianças e jovens convivem naturalmente com enorme quantidade e variedade de informações multimidiáticas e fragmentadas, percorridas em meios a toques e cliques do controle remoto e do *mouse*, dos movimentos dos *joysticks* - instrumentos de um mundo marcado pela velocidade, da não-linearidade, da pluralidade.

Ao adentrar na escola, trazem hábitos, conhecimentos, atitudes e comportamentos que delineiam uma nova cultura permeada pela imaginação, velocidade e emoção. Assim, crianças e jovens incorporam ao universo escolar

hábitos, práticas, informações e conhecimentos que a escola desconhece ou com estes não está suficientemente apta a trabalhar.

Isso leva ao surgimento de uma distância comunicativa visível entre uma cultura digital e a cultura escolar tradicional, baseada na oralidade, no discurso linear, da divisão compartimentada do saber. Abre-se, com efeito, um fosso entre o universo cultural das crianças e jovens e as práticas do universo escolar.

Pretto alerta a escola para que reconheça essa nova cultura audiovisual, com forte inserção dos meios eletrônicos, convidando-a a

“observar o comportamento dos jovens em idade escolar, já criados numa convivência íntima com os videogames, televisores e computadores, pode ser significativo para entender, por um lado, algumas das razões do fracasso da escola atual e, por outro, alguns elementos para uma possível superação destes fracassos. (PRETTO, 1996:103)

Em nossos dias, as novas tecnologias digitais já se encontram inseridas no universo da educação como poderosos instrumentos auxiliares de aprendizagem fora do sistema formal de ensino. Milhões de pessoas de todas as idades, espalhadas por todo o mundo, utilizam os computadores e a Internet para ter acesso a imensuráveis bases de conhecimentos, trocar informações, discutir temáticas específicas, buscar notícias e atualizar-se em todos os campos do conhecimento humano.

Nada mais lógico do que a educação - entendida em sua acepção mais ampla como o lugar de iniciação social das novas gerações - incorporar os artefatos técnicos que o engenho e o trabalho humano vão criando ao longo da história.

A escola tem um papel essencial a cumprir no sentido da inserção dos indivíduos na cultura nas sociedades nas quais estão inseridos. É na escola que se trabalham sistematicamente os conhecimentos produzidos pela humanidade. Para Goulart, isso significa

“Trabalhar com e através da lógica das formas de pensamento oriundas da tecnologia, da informática, e da cultura atual e desenvolver conhecimentos com significação lógica e psicológica, articulação com a realidade e contextualização” (GOULART, org. 1995:111).

Como a escola pode ignorar esse distanciamento entre o modo de vida das sociedades? Como superar essa fenda entre a forma como a educação é

transmitida e o modo como passamos a obter conhecimento em nossa sociedade? Eis um grande desafio para os educadores: estabelecer uma ponte entre dois mundos que se distanciam, construir uma mediação, promover o diálogo entre diferentes linguagens.

Para Nelson Pretto, ao mesmo tempo, não cabe à escola simplesmente aderir às novas tecnologias, como se não houvesse outra opção: “Ao contrário, incorporar essas tecnologias é fundamental, inclusive, para uma melhor compreensão do que elas estão significando no mundo contemporâneo” (PRETTO in CANDAU, org., 2000:166).

Nas entrelinhas da afirmação de Pretto, vemos uma clara sinalização da necessidade de uma incorporação crítica, com a escola reconhecendo a importância das novas tecnologias na vida das pessoas, mas atuando como um espaço de reflexão sobre estas mesmas tecnologias. Para cumprir sua missão, a escola não pode ignorar, resistir ou insistir em uma prática que não contempla as mudanças culturais das crianças e jovens, devendo apropriar-se continuamente do desenvolvimento científico que reorganiza continuamente a sociedade.

Isto se torna ainda mais relevante quando nos damos conta de que não vivemos a simples mudança de uma tecnologia para outra, a mera inserção de novos artefatos humanos visando a um incremento na produção. As novas tecnologias digitais “interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimento. Criam uma nova cultura e sociedade” (KENSKI, 2003:23).

As novas tecnologias digitais, segundo Pierre Levy, configuram-se como uma nova *tecnologia intelectual*, análoga em importância ao advento da escrita ou da palavra impressa, trazendo em si um novo modo de pensar o mundo, de conceber as relações com o conhecimento, de aprender coisas (1999).

Diante desse marco significativo do desenvolvimento das formas de produção e circulação do conhecimento humano, cabe à escola “apreender o real que está nascendo, torná-lo auto-consciente, acompanhar e guiar seu movimento, de forma que venham à tona suas potencialidades mais positivas” (LÉVY, 1993:118).

Não faz mais sentido, portanto, discutir a conveniência de se integrar ou não a Internet ao processo de ensino-aprendizagem. Como nos adverte Machado (1995:9):

"Usar ou não usar já não é mais a questão. (...) a escola pode até fechar os olhos para ele [o computador] mas estará deixando de lado aspectos significativos da realidade extra-escolar, da sociedade como um todo."

O que se torna pertinente – e urgente - é a discussão aprofundada sobre como a Internet deve ser integrada à escola, a formação de professores, o desenvolvimento de metodologias específicas, em uma reflexão que contextualize a realidade brasileira e sua ampla diversidade cultural.

Outro fator da maior importância para uma forte demanda social relativamente à incorporação da Internet à educação é a exigência da formação para o trabalho. Com os computadores e as redes totalmente associados à atividade econômica e as transformações contínuas no processo produtivo, o domínio destas tecnologias tornou-se obrigatório. A ausência desses domínios configura-se na própria exclusão do mercado de trabalho, no que se denominou exclusão digital.

Lévy vislumbra um crescimento significativo da importância da Educação em nossa sociedade, cada vez mais permeada pela cultura digital, e argumenta que estamos vivendo uma grande expansão da demanda por ensino. Entre os fatores que condicionam essa realidade é que pela primeira vez na história da humanidade, em sua maioria, as competências adquiridas por uma pessoa no início de sua formação profissional estarão obsoletas antes do final de sua carreira.

No cenário contemporâneo, os saberes não são mais estáveis, acumuláveis pelos indivíduos no ensino formal, como nas escolas e universidades. Na velocidade das transformações tecnológicas, o saber assume a forma de um fluxo. Cada vez mais, trabalhar significa aprender, produzir e transmitir novos conhecimentos, reinventar cotidianamente o próprio ofício. Lévy aponta, ainda, que as demandas por formação não crescem apenas do ponto de vista quantitativo, como apresenta na seguinte citação:

"Ela sofre também uma profunda mutação qualitativa no sentido de uma necessidade crescente de diversificação e de personalização. Os indivíduos toleram cada vez menos seguir cursos uniformes ou rígidos, que não correspondem às suas necessidades reais e à especificidade de seu trajeto de vida" (1999:169).

É nesse quadro social extremamente dinâmico que se consolidou um conceito quase hegemônico nas sociedades modernas quanto à importância de integrar as novas tecnologias digitais à educação regular e à formação e

(re)qualificação para o trabalho. Nesse momento, há um número incalculável de experiências de ensino presencial e a distância com a utilização dos meios eletrônicos (Internet, CD-ROM, videoconferências etc.), sobretudo no campo da educação corporativa (*e-learning*), passando por cursos de curta duração, extensão e técnicos, especializações, MBA's, cursos de graduação e pós-graduação a distância, numa autêntica "corrida do ouro" do ensino mediado por computadores e redes telemáticas.

Outro campo fértil de experiências de ensino mediadas pela Internet é o ensino superior, com a criação de cursos a distância de graduação e pós-graduação, como os realizados pela Universidade Virtual Pública do Brasil –Unirede (www.unirede.br), um consórcio que reúne 70 instituições públicas de ensino superior, e por universidades privadas.

É no Ensino Fundamental, porém, que observamos o mais vasto e significativo campo para a integração da Internet à Escola. É nesse nível de escolaridade que vamos encontrar o maior número de alunos pertencentes ao que poderíamos chamar de "geração digital", ou seja, as crianças e jovens que nasceram e cresceram convivendo naturalmente com as novas tecnologias digitais. É na Escola Fundamental que neste momento se vive o conflito entre a cultura multimidiática e a tradição da oralidade e da linearidade, onde a dicotomia aflora.

No âmbito da rede pública, as poucas experiências com a Internet são marcadas pela deficiência de investimentos governamentais, descontinuidade e limitações dos projetos, e, o que é mais significativo: pela ausência de uma política de capacitação dos professores, prevalecendo uma visão tecnicista, como relata Cysneiros:

"Tenho registrado muitos depoimentos e identificado escolas onde as máquinas estão ociosas e os professores não sabem o que fazer com elas, ou, quando sabem, não tem condições de utilizá-las em suas aulas, devido as condições de trabalho precárias, amplamente conhecidas dos que pesquisam em educação" (in BARRETO org. 2001:132).

Nesse quadro tão conhecido de carências e limitações que insistem em caracterizar a escola pública, há pouca ou nenhuma margem de manobra para a realização de experimentações significativas com o uso de computadores e a Internet.

Nas escolas particulares, até por conta de uma maior infra-estrutura, vamos encontrar um número bem mais significativos de experiências com a utilização da Internet - embora nem sempre por inspirações de ordem pedagógica, mas de natureza comercial. As escolas privadas – em sua disputa por clientes (alunos) – tentam explorar a imagem de modernidade, de avanço tecnológico que os computadores inspiram. Em todos os materiais de propagação e campanhas publicitárias, as escolas privadas alardeiam seus “laboratórios de informática” e “metodologias modernas” que “preparam para o futuro”.

Ressalte-se ainda, que essas estratégias mercadológicas que vendem uma idéia de modernidade e sugerem a existência de uma metodologia de integração das novas tecnologias digitais à escola também são amplamente empregadas por governantes. Aqui mesmo, em nosso Estado, podemos encontrar nos muros de escolas da rede pública estadual pinturas que alardeiam – “Escola conectada à Internet”, sem fazer referência a uma infinidade de peças publicitárias que tratam das realizações no campo da Educação. Seja na escola privada ou pública, proliferam imagens de crianças e jovens com expressões de fascínio diante das telas de computadores, de laboratórios de informática repletos de aprendizes.

Diante dessa realidade, optamos por não realizar o presente trabalho na rede pública de ensino, fazendo aqui nosso primeiro recorte no nosso objeto de pesquisa. Na ausência de experiências significativas com a integração da Internet ao Ensino Fundamental, houvemos por bem acompanhar a experiência de uma escola particular. Acredito que muito do que for experimentado nas escolas particulares certamente contribuirá para definir uma metodologia de uso da Internet, o que possivelmente repercutirá nos rumos a serem seguidos na escola pública.

Por tudo o que foi exposto, a discussão necessária não é mais sobre a importância de usar ou não a Internet na Educação. A questão que se delineia como uma esfinge diante de nós é: *como* usar os computadores e as redes como instrumentos eficientes na ampliação qualitativa do processo de ensino e aprendizagem? O que a Internet pode oferecer aos alunos e professores? Que novas (e velhas) questões ela suscita? Em que medida ela transforma a escola?

Estamos diante da opção de realizar novas potencialidades ou são apenas velhas promessas de revoluções nunca acontecidas? O que a Internet pode fazer para melhorar a escola?

Longe de pretender encontrar respostas para estas complexas questões, tampouco de descrever tudo o que a Internet oferece em termos de novos recursos para a Educação, esboçaremos a seguir rápido painel das potencialidades da rede mundial de computadores que podem ser efetivadas para uma melhoria da qualidade dos processos de ensino e aprendizagem.

1.1 Ferramentas de comunicação

Entre todos os recursos e potencialidades da utilização ou da integração da rede mundial de computadores (Internet) às escolas, as mais conhecidas e utilizadas são as chamadas ferramentas de comunicação e interatividade, como o correio eletrônico, as salas de bate-papo (*chat*), as listas de discussão ou fóruns e as videoconferências.

Menos conhecidos, mas nem por isso de menor importância, sobretudo no campo da educação, os *softwares* de compartilhamento somam-se às ferramentas de comunicação, formando um conjunto rico de aplicações potenciais no cotidiano das escolas, como detalharemos a seguir.

Poderíamos incluir ainda, neste grupo de ferramentas, as páginas e sítios da Internet, mas como as características do ambiente multimídia da rede transcendem à questão da comunicação, implicando múltiplas questões educacionais, optamos por abordar essas ferramentas em um tópico dedicado à ampliação dos processos psicológicos superiores.

Quando pensamos no universo da Educação, é inquestionável a importância dos meios de comunicação, como bem resume Peraya:

“não há formação sem comunicação, sem mediação das informações e dispositivos (...), não podemos esquecer que toda relação pedagógica é também uma inter-relação feita de informações transmitidas e de mediação”.
(in ALAVA org. 2002:18)

O reconhecimento do poder das ferramentas de comunicação mediadas por computadores e Internet faz com que cada vez mais elas sejam empregadas como ambientes sistematizados ou espontâneos de aprendizagem.

As ferramentas de comunicação da Internet podem ser classificadas em duas modalidades, determinadas pela sua natureza técnica e comunicativa: síncronas e assíncronas. As comunicações síncronas (ou *online*), como o telefone ou a sala de bate-papo (*Chat*), desenvolvem-se em tempo real. Os interlocutores comunicam-se partilhando o mesmo tempo.

Já nas ferramentas de comunicação assíncronas, caso do correio eletrônico (*e-mail*) e dos fóruns, a comunicação se desenvolve em um tempo diferido, demandando um tempo entre a mensagem e a resposta, entre os dois momentos da interação.

A seguir, apresentamos alguns dos recursos de comunicação da Internet:

CORREIO ELETRÔNICO (E-MAIL) – O Correio Eletrônico, ou simplesmente *e-mail*, é o mais utilizado de todas os recursos que a rede mundial de computadores oferece. Seu emprego na Educação é da maior importância. Por meio dessa aplicação, alunos e professores podem estabelecer uma comunicação potencializadora da relação pedagógica.

A facilitação e a multiplicação dos encontros entre alunos e professores, alunos e alunos por meio do correio eletrônico, representam uma ampliação do processo de aprendizagem. Para os professores, o *e-mail* representa a possibilidade de um contato com seus alunos ou com um aluno em particular, podendo oferecer novas informações, sugestões, distribuição de materiais didáticos, avisos urgentes e o que mais for pertinente à relação pedagógica.

Já para os alunos, o correio eletrônico representa a possibilidade de acesso direto ao professor para além do tempo e do espaço das aulas, podendo realizar consultas, pedir instruções, encaminhar trabalhos etc. Dialogando, discutindo, pesquisando, perguntando e respondendo, por meio desta ferramenta, professores e alunos estreitam seus vínculos, em uma relação mais próxima, igualitária, mais personalizada e afetiva.

Para Masetto, o *e-mail* é recurso muito importante para a aprendizagem dos estudantes, uma vez que os coloca em contato imediato com professores e colegas, “favorecendo a interaprendizagem, a troca de materiais, a produção de textos em conjunto” (MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2000:158).

Heide e Stilborne vão um pouco mais além e nos fazem pensar sobre as profundas implicações que as ferramentas de comunicação trazem para a escola:

(...) “quando os alunos comunicam-se com pessoas e lugares estranhos e distantes, eles começam a entender, apreciar e respeitar as diferenças e similaridades culturais, políticas e ambientais, geográficas e lingüísticas. Sua visão do mundo e de seu lugar no mundo mudam” (2000:24).

Ainda de acordo com Masetto, as práticas educacionais em que a comunicação é mediada pelo correio eletrônico favorecem o aprendiz na adoção de um papel mais ativo no processo de aprendizagem.

Outra contribuição relevante do *e-mail*, é permitir à comunidade escolar o acesso a professores especialistas, grandes autores, pesquisadores, crianças e jovens de outras escolas, cidades e países, outros povos, etnias e culturas. Por via desta ferramenta simples de usar, oferecida gratuitamente por inumeráveis serviços e provedores da Internet, a comunidade escolar amplia sua interlocução com o mundo, criando amplas possibilidades de interação, troca de experiências e aprendizagens, valorizando a pesquisa e a comunicação.

LISTAS DE DISCUSSÃO E FÓRUNS - Outra ferramenta de comunicação assíncronica que pode ser muito bem empregada na educação formal são essas listas. Elas expressam o espírito cooperativo da rede mundial de computadores, reunindo pessoas separadas pela distância, mas unidas em torno de temáticas e interesses em comum.

Pelas listas, as pessoas podem entrar em contato com informações, opiniões, idéias e conceitos, produzindo conhecimentos para a coletividade participante. As listas configuram-se essencialmente como espaços de aprendizagem coletiva. Os fóruns são variações das listas.

Basicamente, em termos funcionais, as listas atuam como organizadoras da circulação de correspondências entre os membros de um grupo. A auto-organização é a regra, com os participantes estabelecendo normas de funcionamento, limites, normas de convivência e a otimização das discussões em torno do tema de interesse do grupo.

O pesquisador Renato Souza, em artigo publicado no livro *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar* (COSCARELLI Org., 2003:98), enumera uma série de benefícios que as listas podem agregar aos processos formais de ensino:

- travar contato com idéias correntes, lançamentos e eventos no campo de estudo;
- ter a oportunidade de obter rapidamente respostas de qualidade;
- conseguir materiais de valor, ou indicações de como conseguí-los;
- aprender sobre o meio em si;
- adquirir o sentimento de fazer parte de uma comunidade de interesse;
- ter a oportunidade de expressar idéias e sentimentos;
- ter a oportunidade de intensificar contatos com pessoas, compartilhando interesses similares.

Ao aderir a uma lista, aprendizes e professores sinalizam uma iniciativa e um compromisso com a aprendizagem em torno de um determinado tema. Souza defende a idéia que as listas de discussão favorecem maior participação de alunos que não se sentem à vontade nos debates orais, uma vez que nas listas elas dispõem de tempo para pensar e preparar suas opiniões.

Outro aspecto a merecer citação, é o fato de que as informações trocadas por meio de uma lista, além de serem mais amplas, contemplando maior riqueza de opiniões, permanecem à disposição do coletivo, o que assegura maior aprofundamento nos debates, quando comparamos com os observados nos meios de comunicação síncronos.

Convém ressaltar que, assim como acontece com o correio eletrônico, os programas de organização de listas de discussão facilmente são encontrados na rede, gratuitamente. A partir do acesso à Internet, na escola ou em qualquer outro lugar, encontra-se facilmente um grande número de provedores e sítios que oferecem ferramentas de criação e gerenciamento de listas de discussão gratuitamente.

BATE-PAPO (*CHATs*) - Ao contrário da idéia de uma conversação descomprometida que o próprio nome pode sugerir, as salas de bate-papo representam algumas das mais efetivas experiências de integração das ferramentas de comunicação síncronas da Internet à Educação.

Mais do que um espaço virtual para o diálogo, as salas podem ser empregadas de forma planejada - a partir de uma mínima organização

metodológica, para o debate de temas relevantes ao processo de ensino e aprendizagem, com a participação de professores e alunos.

Reunidos em uma determinada sala de bate-papo previamente escolhida em um sítio qualquer da rede mundial, durante um tempo determinado, (que pode ser fora dos dias e horários das aulas), os membros de uma comunidade escolar podem expressar livremente suas dúvidas e idéias sobre um determinado assunto, previamente escolhido pelo professor.

Os bate-papos ampliam a interação e a sociabilidade da sala de aula, com alunos e professores interagindo intermediados por de um diálogo textual que beira a maleabilidade da interlocução oral, sem muitos rigores na elaboração dos conceitos emitidos por parte dos alunos.

É justamente essa naturalidade, nessa fluidez de idéias, facilitada pela ambiência quase lúdica dos bate-papos, que resulta um espaço privilegiado para avaliações, bem como compreensão maior por parte do professor quanto ao nível de compreensão dos alunos sobre o tema debatido. De acordo com Moran, o bate-papo permite ao professor, entre outros recursos,

“conhecer as manifestações espontâneas dos participantes sobre determinado assunto ou tema, aquecendo um posterior estudo e aprofundamento sobre o tema; possibilita-nos também preparar uma discussão mais consistente, motivar o grupo para um assunto, incentivar o grupo quando o sentimos apático” (MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2000:157).

O registro do que foi debatido pode ficar disponível para consultas, servindo para que o professor possa avaliar as deficiências e potencialidades do grupo. Outra aplicação dos *chats* no universo escolar é a realização de entrevistas com outros professores, com especialistas ou personalidades que possam contribuir para ampliar o conhecimentos dos alunos sobre um determinado tema.

As salas de bate-papo e outros *softwares* de comunicação síncrona podem vir a ser empregados na criação de ambientes de apoio à aprendizagem, quando houver necessidade de uma interação instantânea de alunos com professores, como na preparação de trabalhos ou na proximidade de provas e exames.

VIDEOCONFERÊNCIAS – A Internet tem como uma das suas principais especificidades a capacidade de fazer circular dados e informações dos diversos

media, sob o formato digital. Transformados em dígitos binários, arquivos de vídeo, áudio, fotos, gráficos, animações e textos circulam pela rede mundial de computadores.

É essa essência multimidiática da rede que permite que seja possível, a partir de boa estrutura física de acesso à rede, realizar videoconferências, conectando com áudio e vídeo alunos, professores e especialistas, que podem estar em qualquer lugar do mundo. Isso pode beneficiar diretamente a comunidade escolar, pela realização de conferências, debates e aulas com professores-especialistas que dificilmente poderiam se deslocar à escola.

Ao mesmo tempo, porém, em que inaugura possibilidades, as videoconferências via Internet apresentam uma restrição técnica que inviabiliza um maior uso dessa ferramenta. A realização das videoconferências exige linhas velozes de comunicação e uso de equipamentos, como câmaras, projetores ou monitores de tela grande. Isso demanda investimentos que poucas escolas podem realizar, tornando as videoconferências a ferramenta de comunicação e interatividade da Internet menos utilizada na Educação regular.

As videoconferências representam, ainda, um desafio em termos do desenvolvimento de uma metodologia que explore melhor essa ferramenta de comunicação sincrônica. Há o permanente risco de que elas reproduzam a oralidade, o monólogo, desperdiçando um meio extremamente propício ao diálogo, à troca.

Mais uma vez, recorreremos à reflexão de Moran, que nos esboça uma proposta metodológica para explorar a mediação pedagógica das videoconferências. De acordo com o pesquisador, é importante que ela seja precedida de estudos sobre o tema, que sejam passadas informações sobre o pensamento do conferencista, e que seja realizado “um debate no ar, com perguntas, aportes, exemplos, debates” (MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2000:156).

SOFTWARES DE COMPARTILHAMENTO – Nova forma de comunicação sincrônica mediada por computadores e Internet, e que permite uma enorme gama de aplicações na educação formal, são os *softwares* de compartilhamento, como por exemplo, o Microsoft NetMeeting.

Estes programas trabalham fazendo com que outros programas possam ser usados simultaneamente por dois ou mais usuários conectados à Internet. Com

estes programas, é possível a utilização cooperada de aplicativos, como editores de textos, planilhas, ferramentas de desenhos, programas educativos etc.

Isso representa um universo de aplicações para os sujeitos inseridos nos processos de ensino e aprendizagem. Exemplificando essa potencialidade: um professor pode realizar exercícios de Geometria com seus alunos, a distância, com o uso compartilhado de um *software* de Matemática. Um grupo de alunos pode co-escrever uma redação em um editor de textos como o Microsoft Word.

Ainda pouco disseminados no campo da educação, os programas de compartilhamento apontam para novas práticas educacionais baseadas na formação de comunidades de aprendizagem coletiva e no trabalho cooperativo dos aprendizes.

1.2 Ampliando as funções psicológicas superiores

Para muito além das ferramentas de comunicação e interatividade, a Internet oferece um conjunto de tecnologias intelectuais que podem ser utilizadas para a ampliação e a exteriorização de muitas das funções cognitivas que fazem parte das chamadas funções psicológicas superiores³, como a memória, a imaginação, o raciocínio e a criatividade.

Estas tecnologias intelectuais abrem possibilidades de acesso à informação, ampliando a memória, estimulando novas formas de raciocínio e conhecimento, de experimentação sensorial, como a leitura hipertextual em banco de dados, bibliotecas virtuais, sítios e portais. Inauguram formas de experimentações, como as simulações, estimulam o raciocínio, como nas aplicações da inteligência artificial e a modelagem de dados complexos e a criatividade, com a intensa utilização de diversas formas de arte, como o vídeo, a fotografia, o desenho e sons, combinados com a produção textual sob a forma de páginas pessoais na Internet e apresentações de trabalhos escolares multimídias.

³ O conceito de funções psicológicas superiores que adotamos é o utilizado por L.S. Vigotski, para definir os processos mentais próprios dos homens e de origem sociocultural, em contraposição aos processos psicológicos elementares, de base meramente biológica. (VIGOTSKI, 1986).

Cysneiros destaca o fato de as tecnologias da informação e da comunicação (TICs)⁴ possibilitarem a ampliação das capacidades dos alunos, mesmo que não estejam disseminadas e que as tecnologias ainda estejam longe de ser utilizadas na maioria das disciplinas

“no trabalho, com conteúdos escolares, transformando – selecionando, ampliando, reduzindo – a experiência pessoal e de grupo envolvendo textos, números, imagens, sons; acesso remoto à informação, comunicação, registro; relações entre professor e aluno” (1998).

Quando conectados à Internet, de uma forma sistematizada, o pensamento dos aprendizes assume novas características, trilha novos caminhos, potencializando a aprendizagem, como descreve Kerckhove:

(...) “na rede, alcançamos o conteúdo da memória e da imaginação de muita gente. A tela de cada usuário transforma-se no espaço onde a imaginação e memórias próprias se encontram com a imaginação e a memória de muitas outras pessoas” (KERCKHOVE, apud KENSKI, 2003:103)

É nesse encontro do individual com o coletivo, mediado pela Internet, que se estabelece uma potencialização do pensamento e do conhecimento, pela ampliação colaborada da atividade mental, em um processo que Lévy define como inteligência coletiva.⁵ A seguir, abordaremos individualmente as ferramentas e recursos que podem ser integrados à educação formal, ampliando os processos psicológicos superiores.

SIMULAÇÃO - A capacidade que os computadores e as redes de informação possuem de criar simulações ocupa um lugar central entre os novos gêneros de conhecimento da chamada Cibercultura⁶.

A simulação envolve a criação de modelos dinâmicos e complexos do mundo real, o que permite a professores e alunos explorarem situações fictícias, situações de risco, como a manipulação de substâncias químicas ou objetos perigosos,

⁴ As novas tecnologias digitais, por suas ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas, também podem ser denominadas de tecnologias da informação e da comunicação (TCIs).

⁵ Segundo Pierre Lévy, inteligência coletiva é “a valorização, a utilização otimizada e a colocação em sinergia das competências, imaginações e energias intelectuais, independentemente de sua diversidade qualitativa e de sua localização” (LÉVY, 1998).

⁶ Cibercultura pode ser compreendida como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, modos de pensamento e valores que se desenvolvem junto com as redes comunicação digital. (LÉVY, 1999)

representando uma situação real. Experimentos como a dissecação de cadáveres, até a criação de planetas e viagens na história da humanidade podem ser realizados utilizando *softwares* e sítios disponíveis na Internet.

Na escola, os programas e sites de simulação possibilitam a apresentação de “cenários que se assemelham a situações concretas das mais variadas áreas do conhecimento, nas quais os usuários podem tomar decisões e comprovar logo em seguida as conseqüências da opção selecionada”. (MORAN, MASETO e BEHRENS, 2000:98)

As simulações podem ser de dois tipos: fechadas ou abertas. Nas simulações fechadas, os fenômenos a serem estudados são previamente disponibilizados dentro de um número determinado de variações e possibilidades, não exigindo que o aluno desenvolva suas hipóteses, faça testes e analise os resultados e reconstrua conceitos.

Já nas simulações abertas, os programas fornecem algumas situações previamente definidas, que estimulam o aluno a formular hipóteses que deverão ser validadas pelo processo de simulação, numa experimentação sensorialmente rica. Dessa forma, o computador alavanca o nível de compreensão, uma vez que permite ao aluno entender o processo, realizá-lo, analisar os resultados e refazer, em um processo que Papert classifica de DERD: descrição, execução, reflexão e depuração (1994).

As simulações, sobretudo as que envolvem imagens interativas, representam enorme potencial de aplicações pedagógicas. Como ferramenta do processo de ensino-aprendizagem, elas não substituem a experiência real, nem a realidade, muito menos a existência de laboratórios “reais” nas escolas. O que as simulações podem fazer é permitir rápida exploração de um grande número de hipóteses, ampliando a capacidade de pensamento. Como nos fala Lévy, “a capacidade de fazer variar facilmente os parâmetros de um modelo e observar de imediato e visualmente as conseqüências dessa variação constitui-se numa ampliação da imaginação” (1999:116).

Enquanto o pensador francês vislumbra potenciais, José Armando Valente e F. J. Almeida reconhecem a utilidade das simulações para os trabalhos em grupo, e chama a atenção para a necessidade de criar condições para que os alunos façam uma transição entre a simulação e o fenômeno no mundo real, reafirmando a

necessidade da integração deste recurso da Internet com o ensino presencial. (VALENTE e ALMEIDA, 1998)

Evidenciamos o papel relevante da Internet ao disponibilizar para a escola uma atividade essencial nas pesquisas científicas, nos projetos industriais e na criação de novos meios de entretenimento.

HIPERTEXTO – WORLD WIDE WEB - A face mais visível da Internet é o seu ambiente gráfico e multimidiático, a chamada World Wide Web - (grande teia mundial), WWW, ciberespaço⁷ ou simplesmente Web. Esta interface gráfica⁸ e multimídia, que exploramos com os programas de navegação (*browsers*), é tão abrangente que pode ser considerada a Internet.

É a partir da Web que podemos ter acesso a todas as ferramentas de comunicação, como o *e-mail*, as listas, as salas de bate-papo, entre outras, bem como o universo de recursos que potencializam os processos psicológicos superiores, como a memória, a percepção e a criatividade. Tal é a grandeza e complexidade do ciberespaço, para a inteligência coletiva da humanidade, que muitos enxergam na WWW a reedição do mito da Biblioteca de Alexandria - o espaço depositário de grande parte do conhecimento humano.

Essa visão não soa deslocada, quando observamos o volume imensurável de dados, sob os mais diversos formatos de mídia, e que podem ser consultados a partir de alguns cliques no *mouse*. A Web é um gigantesco banco de dados, uma biblioteca sem limites, onde todos podem colocar livremente suas informações, conhecimentos, idéias e pontos de vista, onde o texto pode assumir a forma de imagens, de sons, animações e gráficos. Isso representa um potencial gigantesco, em termos de pesquisas e de projetos coletivos para os aprendizes. Na Web

“o mundo está disponível como um recurso de currículo: cientistas da Nasa, pilotos profissionais, biólogos mapeando o genoma humano, sábios orientais estudando o pergaminho do mar morto, músicos, dissidentes refugiados da

⁷ O termo ciberespaço foi criado pelo escritor William Gibson no romance *Neuromancer*, de 1984. Segundo o autor, ciberespaço é um espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores através dos quais todas as informações (sob as mais diversas formas) circulam. Essa expressão é muito utilizada como um sinônimo de Internet.

⁸ Em uma concepção mais ampla, refere-se a *softwares* que dão forma à interação do usuário com o computador. Para isso, utiliza-se da representação figurada (botões, ícones, barras de rolagem, *links*, menus etc), que substituem as representações codificadas, como as linguagens de programação (LÉVY, 1996).

China, professores e alunos podem ser encontrados online, juntos com as informações geradas por suas pesquisas e atividades. As implicações disso para as escolas são profundas” (HEIDE e STILBORNE, 2000:24).

A Web é uma complexa malha de informações que se interligam. A partir de qualquer sítio, pode-se acessar rapidamente qualquer outro ponto da rede, em um infinito campo hipertextual. É essa capacidade que faz da Internet a concretização de um velho sonho da humanidade, e que encontra na Biblioteca de Alexandria (não sem razão uma das “sete maravilhas” do mundo antigo) seu mito fundante, e uma nova tecnologia intelectual, uma nova proposta cognitiva.

Em 1945, o matemático Vannevar Bush no célebre artigo “*As we may think*”, defende o argumento de que as formas hierárquicas de organização de informações utilizadas pela humanidade estavam distantes de nossa forma de pensar, da maneira associativa como nossa mente funciona. Na década de 1960, Ted Nelson retomou as idéias de Bush e propôs a criação do hipertexto⁹. Nelson assim o descreve:

“As idéias não precisam ser separadas nunca mais (...) Assim, eu defino o termo hipertexto simplesmente como escritas associadas não-sequênciais, conexões possíveis de se seguir, oportunidades de leituras em diferentes direções” (NELSON, apud LÉVY, 1996:29).

Segundo Ramal (2002), há de fato uma proximidade entre a navegação que realizamos pelas conexões do hipertexto na Web com nossos modelos de pensamento, pois

“escrevemos e lemos, construímos nossa vida, justamente abrindo janelas, fazendo links que vão nos associar a outros textos, outros fragmentos, outras idéias. Talvez estejamos chegando à forma de leitura e escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado à palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos oferece”.

A tecnologia hipertextual, com suas infinitas possibilidades de conexões, confere à Internet um caráter permanente de multivocalidade, permitindo que se

⁹ Segundo Lévy, o Hipertexto é um blocos de informações conectadas por links, onde os blocos de informações pode ser textos, áudios, vídeos, gráficos, animações etc. (Lévy, 1996). Por conta dos recursos multimidiáticos da Internet, o hipertexto também é chamado de hiperímídia.

estabeleça uma navegação¹⁰ pelas mais diversas versões dos fatos, infundáveis fontes de informação e diferentes visões de mundo. Com a Web, não há mais única visão, a supremacia de um ponto de vista. Essa multiplicidade de vozes situa-se como forte contraposição à oralidade e à unidirecionalidade do discurso professor-aluno, livro didático-aluno, nos quais a escola tradicional está fundada.

A rede expõe o contraditório, dá voz a vencidos e vencedores e, sobretudo, enriquece substancialmente o processo de construção do conhecimento. Nas malhas da rede mundial de computadores, encontramos infinitas possibilidades de leitura. É correto dizer-se que Web é um imenso livro sem fim, o que inaugura possibilidades de a escola trabalhar mais intensamente a prática da leitura. Podem ser consultadas bibliotecas virtuais, encontrados livros e textos, explorando-se um acervo onde as trajetórias de leitura-navegação apresentam-se multiplicadas pelos *links* e conexões possíveis.

De tal ordem é a mudança nas práticas de leitura na Internet, que Séraphin Alava identifica sete novas e distintas formas de leituras, o que demonstra a diversidade de percursos de pesquisas e de leitura possíveis na Web (ALAVA, 2002:205). Lévy identifica uma mudança ainda mais profunda da leitura na Internet: sua transformação em leitura-escrita, com o surgimento do leitor-autor, pois o ato de navegar pela rede representa a efetivação de uma leitura única do hipertexto, o que faz surgir um novo texto. “O navegador participa assim da redação ou pelo menos da edição do texto que lê, uma vez que determina sua organização final” (LÉVY, 1996:45).

Outros aspectos relevantes, quando refletimos sobre as novas possibilidades abertas pela Internet com relação à leitura, está no fato de que a rede mundial de computadores oferece todos os gêneros textuais: dos clássicos às formas mais contemporâneas de produção de textos, marcadas pela proximidade da oralidade, passando por jornais, revistas e trabalhos acadêmicos. A Web representa uma possibilidade concreta de oferta aos alunos de uma diversidade de gêneros textuais recomendados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, (BRASIL, 1998), como defende Ribeiro,

¹⁰ Navegação é uma imagem-conceito que designa a interação com a Web. Navegar vem do latim *navis* (barco) e *agere* (mover, se dirigir). Como a navegação pela rede acontece sem rotas ou mapas previamente escolhidos, simboliza o ato da descoberta, do desbravamento.

“ensejar a leitura de múltiplos gêneros textuais em diversos suportes é um meio de incluir os novos aprendizes em todos os canais de conhecimento e treiná-los para que possam mover-se, com agilidade e versatilidade, por todas as formas de linguagem” (RIBEIRO in COSCARELLI, 2002:88).

Cada vez mais “ler na tela torna-se uma prática social corrente, e os hipertextos são, agora, escritos sociais tão legítimos quanto os documentos impressos, como fontes de transferências didáticas”, anota Philippe Perrenoud (2000:128).

Ao navegar pelo ciberespaço, o aluno pode encontrar uma infinidade de informações sobre qualquer assunto, com a vantagem de provirem das mais variadas culturas, de significações diversas. Isso descortina horizontes para alunos e professores.

Imaginemos uma aula de História sobre o cangaço. Pesquisando pela rede, os aprendizes encontrarão páginas onde Lampião é visto como um herói (www.infonet.com.br/lampiao/), numa contraposição à história oficial. Um aula de literatura em que o aluno visite o sítio de seu escritor favorito e escolha a poesia que deseje recitar. Isso enriquece, em muito, a aprendizagem, como bem resume Andrea Cecília Ramal na citação a seguir:

“Quando uma escola se conecta à Internet, um novo mundo de possibilidades se abre diante dos alunos e professores. Não mais falamos, a partir daí, de alguns instrumentos didáticos, como o livro ou uma enciclopédia; falamos de uma infinidade de livros, e de sites que o aluno pode visitar; de uma nova realidade de conceitos, representações e imagens com as quais os alunos a lidar e que vão ajudar a desenvolver outras habilidades, capacidades, comportamentos e até processos cognitivos que a escola tradicional não previa e que o mundo pós-moderno já exige dele” (1996).

Não sem sentido, o termo hipertexto é usado por Lévy (1996,1999) como metáfora do conhecimento, retomando a idéia segundo a qual o conhecimento é uma rede de relações. De fato, o hipertexto adequa-se a diversas aplicações educativas, em especial como instrumento de uma pedagogia ativa. “A multimídia interativa, graças à sua dimensão reticular, não-linear, favorece a (sic) uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado” (COSCARELLI, org., 2003:90).

Outra característica fundamental da WWW, da maior importância quando pensamos na formação de crianças e jovens, é a multimídia. A reunião de imagens,

movimentos, cores e textos, proporciona enorme mobilização criativa, com a incorporação de novos formatos de informação, como os vídeos, fotografias e animações digitalizadas, que enriquecem o conteúdo dos trabalhos escolares, convertendo-os em apresentações multimidiáticas. Mais do que o aspecto meramente estético, isso representa um estímulo permanente à criatividade dos alunos, que se podem valer de instrumentos da cultura e das artes na elaboração de trabalhos e pesquisas escolares, revelando talentos e ampliando os conteúdos, incorporando novas formas de linguagens ao cotidiano. Isso se torna mais importante quando percebemos que essas linguagens audiovisuais são cada vez mais presentes e determinantes na vida das sociedades contemporâneas.

A multiplicidade de vozes e visões da Internet, uma vez incorporadas à educação, propicia uma flexibilização dos limites colocados pelos currículos e reforçam a perspectiva multidisciplinar. A repercussão da Web nos currículos está sendo vista por alguns autores como tão profunda que, apesar de incipiente, na literatura sobre a integração da web à escola, já encontramos autores que defendem novas formas de currículo em função do hipertexto. É o caso de Cecília Ramal, que vislumbra o que resolveu denominar de *currículos em rede*¹¹.

O universo multivocal e a capacidade multimídia, fazem da Internet um excelente instrumento de estímulo à pesquisa, de instigar ao prazer da descoberta, práticas cada vez mais necessárias em um mundo onde o conhecimento está em permanente transformação, onde aprender a aprender é essencial.

Não nos podemos limitar, contudo, às potencialidades, quando pensamos na integração do ambiente multimídia da Internet à Educação. Há o risco da dispersão, da navegação que não transpõe a superficialidade, e que se transforma num fim em si mesma. Também é possível que o aluno perca tempo e encontre informações pouco significativas.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que abre perspectivas enormes, o hipertexto representa um desafio para os professores e a escola. A partir da pesquisa na rede, surgem informações que o professor não conhece, novos

¹¹ Na visão da autora, currículo em rede, é uma transposição do hipertexto para o universo da Educação. Por esse conceito, busca-se a superação da fragmentação dos currículos seqüenciais e lineares, por um modelo de currículo que funciona segundo os princípios hipertextuais descritos por Pierre Lévy: matamorfose (continuamente reconstruídos); heterogeneidade (multidisciplinaridade), exterioridade (relação com o exterior) e mobilidade dos centros (os conteúdos são acionados conforme a necessidade). Essa idéia é exposta no artigo *Avaliar na Cibercultura*, disponível em 15.07.04, no endereço <http://www.instructionaldesign.com.br/artigos/AvaliarnaCibercultura.pdf>

conhecimentos que precisam ser validados ou falseados para descarte. As informações encontradas livremente na rede precisam ser transformadas em conhecimentos e para isso, “é preciso um trabalho processual de interação, reflexão, discussão, críticas e ponderações”, como propõe Kenski (2003:123). Este é um dos novos papéis que a escola passa a assumir com a presença da Web, cada vez mais intensa, no universo das crianças e jovens.

WEBQUESTs – O universo de informações da rede mundial de computadores tem inspirado diversas experiências educacionais voltadas para o engajamento de alunos e professores em atividades de pesquisa, no tratamento crítico da informação e na produção de conhecimentos.

Entre estas experiências, destacam-se as chamadas WebQuests, uma proposta de metodologia de pesquisa escolar a partir da Internet, criada em 1995 pelo professor norte-americano Bernie Dodge. Uma WebQuest, segundo a definição do seu sistematizador, é “uma atividade orientada para a pesquisa em que algumas ou todas as informações com as quais os aprendizes interagem são recursos provenientes da Internet”. (DODGE, apud HEIDE e STILBORNE, 2000:154)

A prática das WebQuests encontra-se disseminada nos EUA e em Portugal. No Brasil, é empregada em algumas escolas e objeto de pesquisas pela Escola do Futuro¹², da Universidade de São Paulo (USP). Os seguidores dessa proposta enfatizam a proximidade da metodologia das WebQuests com a pedagogia Freinet¹³, que desaconselha o uso de livros didáticos, com os aprendizes tendo acesso direto a publicações científicas autênticas e recentes.

As WebQuests têm entre seus objetivos a aprendizagem cooperativa, o aprender a aprender, a transformação ativa das informações e o incentivo à criatividade dos alunos. No modelo proposto por Dodge, o importante é “acessar,

¹² Páginas da Escola do Futuro, da Universidade de São Paulo – USP, sobre webquests. Disponíveis no endereço www.webquest.futuro.usp.br, em 30.05.2003.

¹³ Celestin Freinet, pensador Francês, crítico da escola tradicional e da chamada “Escola Nova”. Para Freinet, as mudanças necessárias e profundas da Educação deveriam ser feitas pelos professores. Fundou um movimento pedagógico que propõe o uso do desenho livre, o texto livre, as aulas-passeio, a correspondência interescolar, o jornal, o livro da vida (diário e coletivo), o dicionário dos pequenos, o caderno circular para os professores, entre outras atividades e técnicas.

entender e transformar as informações existentes, tendo em vista uma necessidade, problema ou meta significativa.”¹⁴

Heide e Stilborne defendem a noção de que as WebQuests fomentam a aprendizagem ativa, onde o objetivo é a aquisição e integração do conhecimento. “De modo ideal, o aluno lidará com uma quantidade significativa de informações, interpretando-as por síntese e análise, e, finalmente, transformando-as em conhecimento” (2000:156).

Outro aspecto de maior importância na proposta das WebQuests é o favorecimento ao trabalho de pesquisa e autoria dos professores. A proposta metodológica de Dodge defende o argumento de que as WebQuest devem ser produtos intelectuais dos professores e não de especialistas ou técnicos, “oferecendo oportunidades para que os professores se vejam e atuem como os autores de sua obra” (DODGE, apud HEIDE e STILBORNE, p. 156) .

Ainda na perspectiva do ensino, além da questão autoral, as WebQuests têm como característica a proposição de que elas sejam trocadas entre os professores, estimulando o intercâmbio de experiências, que podem ser trocadas e constantemente atualizadas, podendo ser aproveitadas nos anos seguintes.

As WebQuests não seguem uma fórmula rigorosa, nem exigem *softwares* específicos, tampouco equipamentos ou sistemas especiais que exigem investimentos das escolas. Em sua realização, podem-se utilizar os serviços gratuitos de acesso à rede, salas de bate-papo, listas etc. Isso faz com que sejam facilmente adotadas pelas escolas. Sem a preocupação técnica, os esforços podem voltar-se para a metodologia e a pesquisa.

Dentro da proposta autoral, as WebQuests utilizam as facilidades de criação de páginas na Internet para a publicação de todo o material produzido, desde as discussões iniciais até o resultado final da pesquisa. E aqui chegamos a uma nova e poderosa aplicação da Web para a escola.

FERRAMENTAS DE PUBLICAÇÃO - BLOGs - Muito mais do que uma multiplicidade de informações, conceitos, olhares e pontos de vistas sobre qualquer temática do conhecimento humano, a Internet permite que publiquemos a nossa opinião, nossos trabalhos, nossa visão de mundo. Como afirmam Heide e Stilborne,

¹⁴ IDEM

“Talvez a aplicação mais poderosa da tecnologia da Web para salas de aulas seja como ferramenta de publicação. Com a capacidade de publicar homepages, os alunos podem compartilhar seu trabalho com outros e até torná-lo disponível para o mundo” (2000:163).

Com ferramentas cada vez mais simples (várias delas gratuitas), que dispensam a necessidade de dominar algum conhecimento de natureza técnica, alunos e professores podem criar páginas e sítios na rede, compartilhando os conhecimentos produzidos, suas dúvidas, pontos de vista, dando uma visibilidade global às atividades escolares.

Entre essas ferramentas de publicação, as mais popularizadas são os *blogs*. O termo é uma redução de *weblog*, onde Web é a própria Internet e *log*, que pode ser compreendido como um registro. Em uma definição mais simplificada, os weblogs são diários na Internet, o que muda por completo a idéia de um diário como um documento reservado, de caráter pessoal. Ao contrário, os *blogs* visam dar ampla visibilidade ao que nele é registrado.

Os blogs também podem ser descritos como uma ferramenta de criação de sítios personalizados, que se caracterizam pela facilidade de uso e atualização rápido e freqüente, onde se pode publicar qualquer coisa – relatos pessoais, manifestações artísticas e políticas etc. A criação e a atualização de um blog é algo simples para qualquer pessoa com acesso à Internet, em sítios especializados como o blogspot (www.blogspot.com) ou em alguns portais, como o Terra (www.terra.com.br) e Uol (www.uol.com.br). A navegação por esses sítios também é simples, já que praticamente todo o conteúdo está disponível na primeira página, prescindindo a seleção de *links* internos.

Os blogs oferecem recursos que permitem que se possa comentar os seus (deles) conteúdos, adicionar ou acessar *links*, *e-mails* e recursos de multimídia. Isso faz dos blogs uma poderosa ferramenta de comunicação, interatividade e registro, sendo muito propício à formação de comunidades virtuais e redes de relacionamento, onde indivíduos, reunidos sob interesses e projetos em comum, discutem e expõem suas idéias e conhecimentos.

Assim, eles são mais do que espaços para a manifestação do pensamento individual, representando grandes potencialidades em aplicações na Educação formal. Os *blogs* são ambientes de construção cooperativa do conhecimento, da

criação de comunidades de pesquisa, constituindo-se em mídia alternativa, dando voz a todos no ciberespaço.

Os sítios/blogs podem ser coletivos – criados especificamente para uma escola, uma turma ou disciplina, ou os sítios pessoais dos professores e alunos. O Professor pode criar uma página no ciberespaço ou utilizar o site da escola como um espaço virtual de encontro, divulgação, um lugar de referência para cada disciplina (ou turmas) e para seus alunos. A página amplia o alcance do trabalho do professor, com a divulgação de suas idéias e produções, além de poder reunir os conteúdos e arquivos de suas aulas, indicações de leituras, lista de sítios recomendados etc.

A página da escola e/ou do professor pode funcionar ainda como um espaço para o debate, o diálogo, a troca de informações e orientações. O professor pode publicar os trabalhos produzidos por seus alunos, incentivar a troca de idéias, o trabalho cooperativo. O fundamental é que professores e alunos tenham um espaço além do presencial para dar continuidade e aprofundar a relação pedagógica.

A Integração da Internet ao universo da escola, além das novas ferramentas pedagógicas da Web, está revitalizando e ampliando a utilização de metodologias e ferramentas aplicadas à Educação. É o caso dos projetos pedagógicos, dos jogos educativos (games), da realidade virtual e da inteligência artificial, que se utilizam da rede como ferramenta de pesquisa e de distribuição.

Não nos deteremos nessas aplicações, uma vez que elas não são originárias da Internet – nosso objeto de estudo. Apenas valem-se da rede como local de aplicação ou canal de distribuição.

1.3 Comunidades virtuais de aprendizagem

A utilização, de forma sistêmica, das ferramentas de comunicação e interatividade e do espaço hipertextual da Internet permite a criação de comunidades virtuais de aprendizagem, que ampliam o espaço de aprendizagem da sala de aula, dando forma ao conceito de inteligência coletiva.

Vale destacar que o fato de que o virtual aqui é compreendido não como o oposto daquilo que é concreto, real, mas no sentido de possível, de potencial, do vir

a ser. O virtual¹⁵ é percebido como força criadora, que não se opõe ao real, mas ao atual, pois, como bem sintetiza Gilles Deleuze em *Différence et répétition*, “o possível é exatamente como o real: só lhe falta a existência”. (DELEUZE, apud LÉVY, 1996:16)

Com a utilização das ferramentas de comunicação e da hipertextualidade da Internet, professores e alunos podem trocar informações, compartilhar experiências e tarefas, suscitar questões e pontos de vista, ampliando o diálogo da sala de aula, em qualquer lugar ou tempo. Dessa forma, ampliam-se as relações e as interações – essenciais à construção do conhecimento.

Essa relação ampliada do espaço da aprendizagem e da relação entre professores e alunos também é apontada por Kenski, ao relatar que

“em épocas anteriores, a educação era oferecida em lugares física e ‘espiritualmente’ estáveis: nas escolas e nas mentes dos professores. O ambiente era situado no tempo e no espaço. O aluno precisava deslocar-se regularmente até os lugares do saber – um campus, uma biblioteca, um laboratório – para aprender” (KENSKI, 2003:32).

A velocidade com a qual o conhecimento se desloca pelas redes impõe novas dimensões espaciotemporais à Educação. Se anteriormente era necessário o deslocamento do aluno aos espaços destinados ao saber, hoje pode-se ver que o conhecimento está acessível a (quase) todos, e em (quase) todos os lugares. Nesta perspectiva, abre-se o espaço para grandes discussões, como, por exemplo, sobre o papel do livro didático como o principal repositório de conhecimentos no universo da escola.

A qualquer momento, o aluno pode consultar os colegas e/ou o professor ou um especialista, ainda que se encontrem fisicamente distantes, tornando a relação alunos/professores e alunos /alunos mais aberta e participativa. As salas de aulas presenciais ganham nova dinâmica com a integração da Internet.

Kenski descreve as comunidades virtuais de aprendizagem como

“professores e alunos, reunidos em equipes ou comunidades de aprendizagem, partilhando informações e saberes, pesquisando e aprendendo juntos; dialogando com outras realidades, dentro e fora da

¹⁵ Outro sentido que pode ser dado ao virtual é para fazer referência àquilo que é *online* ou fruto da telemática. Esses são os sentidos que aplicamos quando nos referimos a espaço virtual e comunidade virtual.

escola, esse é o novo modelo educacional possibilitado pelas tecnologias digitais” (KENSKI, 2000, apud KENSKI, 2003).

As atividades didáticas passam a dispor de ferramentas que valorizam o trabalho em equipe, a interação de alunos e professores. O diálogo e a troca de informações, o estímulo ao desenvolvimento do pensamento lógico, de base científica, se faz por meio das trocas comunicativas que possibilitam efetiva construção do conhecimento.

As comunidades de aprendizagem “ultrapassam as temporalidades regimentais estabelecidas pela cultura educacional e vão além. Seu tempo é o tempo em que seus membros se interessam em ali permanecer em estado de troca, colaboração e aprendizagem.” (KENSKI, 2003:107)

A utilização dessas ferramentas de comunicação digital implica mudanças de tal ordem, que demandam uma revisão em nosso conceito de aula, pois, como preconiza Moran,

“hoje entendemos por aula um espaço e um tempo determinados. Esse tempo e espaço cada vez serão mais flexíveis. O professor continua ‘dando aula’ quando está disponível para receber e responder mensagens dos alunos, quando cria uma lista de discussão e alimenta continuamente os alunos com textos, páginas de Internet, fora do horário específico de sua aula” (2000:137).

Ao serem virtualizados, os ambientes formais de ensino e aprendizagem adquirem características diferenciadas de uma sala de aula, principalmente no que diz respeito às relações de tempo e espaço. Isso leva a mudanças no planejamento, na avaliação e na organização nos sistemas de ensino presenciais, com a incorporação gradual de processos até então exclusivos da Educação a Distância.

Devemos, no entanto, ressaltar que as comunidades virtuais de aprendizagem não se diferenciam, em sua dimensão subjetiva, das comunidades escolares que conhecemos no universo “real”. Alunos e professores apenas transpõem para o ciberespaço suas práticas, valores e cultura.

A importância fundamental dos ambientes virtuais de aprendizagem está em sua capacidade de ampliar o espaço, o tempo e as relações pedagógicas para além dos limites da escola; sobretudo quando se percebe que os espaços e tempos escolares tradicionais já não conseguem suprir as necessidades do mundo contemporâneo, como seu saber em fluxo, sua complexidade crescente.

Ensinar e aprender, neste contexto, requerem menos conteúdos fixos e exigem processos mais flexíveis de pesquisa, maior comunicação e interação. É preciso que a escola esteja atenta para essas demandas. Para Coscarelli

“o entendimento do potencial dos ambientes de interação deve aumentar sua utilização, seja como ambientes autônomos de aprendizagem, premeditados e organizados, ou espontâneos e livres; seja como suportes e auxílio de outras estratégias de ensino e aprendizagem” (COSCARELLI, org. 2003:108).

Quando descrevemos as potencialidades de interação e comunicação que propiciam a ampliação e a flexibilização do *estar junto*, temos em foco a importância da relação, da proximidade entre alunos e professores e alunos-alunos.

1.4 Modelos híbridos: a distância está presente

Com a integração cada vez mais freqüente das ferramentas síncronas e assíncronas de comunicação e interação hipertextual da Internet nas escolas, mais do que os conceitos do tempo e do espaço da sala de aula, altera-se profundamente a noção de “presencialidade”, da idéia de presença, com a incorporação de elementos que historicamente estiveram associados à Educação a Distância.

A utilização do correio eletrônico (*e-mail*), das listas para discussão, salas de bate-papo e páginas da Internet criam uma dissociação dos atos de ensino e aprendizagem, com a ruptura da simultaneidade da presença dos atores da comunicação pedagógica. Ao permitir que o aprendiz e o professor entrem em interação mesmo quando separados no tempo e no espaço físico, as novas tecnologias de comunicação digital põem em xeque a distinção dos modelos educacionais baseados na presença física.

A própria noção de aula altera-se, reveste-se de um hibridismo. Ela não é mais apenas um espaço determinado, mas o tempo e o espaço contínuos de aprendizagem individual ou grupal. A navegação pela Web, a multimídia e as ferramentas de comunicação e interação, apontam para a necessidade de se repensarem as distinções entre o ensino presencial e a distância, uma vez que as profundas modificações representadas pelas novas tecnologias de comunicação e

interação permitem-nos supor que as definições de projetos de educação em função da “distância” podem continuar se sustentando.

Na medida em que as escolas incorporam a rede mundial de computadores como uma ampliação da sala de aula, é estabelecido um novo modelo de ensino, que combina elementos do ensino presencial com elementos que historicamente sempre estiveram associados à educação a distância, fazendo surgir um modelo híbrido de ensino, ou semi presencial.

Com a Internet nas escolas, o que é presencial se torna virtual e a distância se faz presencial. Os encontros em um mesmo espaço físico (a sala de aula) combinam-se com os encontros virtuais, realizados através da rede, que, por sua vez, podem aproximar mais alunos e professores, formando comunidades de aprendizagem. Belloni vê nessa conjunção

“a implementação de sistemas mistos, presenciais e a distância, ou mais precisamente para modalidades novas de ensino e aprendizagem, com cursos elaborados em torno de atividades presenciais com o professor, estudos autônomos dos alunos com diferentes mídias” (BELLONI, 2001:96).

Ensinar e aprender já não mais se limitam tanto ao trabalho dentro da sala de aula, mas também ocorrem fora desse espaço, o que implica uma reorganização pedagógica do que acontece no presencial e no virtual, concebidos com momentos distintos mas integrantes do mesmo processo de ensino e aprendizagem.

Nos novos modelos híbridos, que conjugam o sistema presencial com a utilização das ferramentas da Web, aportaram novas questões para os educadores. Quais as atividades que devem ser feitas em sala de aula e quais as atividades devem ser realizadas na Internet? “Como combinar, integrar, gerenciar, a interação presencial e a virtual? Como ‘dar aula’ quando os alunos estão distantes geograficamente e podem estar conectados virtualmente?” (MORAN, 2003).

Os modelos híbridos resultam em novas propostas metodológicas, uma vez que “permitem **combinar a flexibilidade da interação humana** (com relação à fixidez dos programas informacionais, por mais interativos que sejam) **com a independência no tempo e no espaço**”¹⁶ (BELLONI, 2001:59).

O que se projeta é uma tendência cada vez maior das práticas educativas combinarem cursos presenciais e virtuais. Como prevê Moran,

¹⁶ Grifos da autora.

“uma parte dos cursos presenciais será feita virtualmente, uma parte dos cursos a distância será feita presencial, ou virtual-presencial, ou seja, vendendo e ouvindo-nos, intercalando períodos de pesquisa individual com outros de pesquisa e comunicação” (1993).

Os modelos de ensino híbridos ou semi presenciais valem-se da combinação dos métodos de ensino presencial com ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas, que podem acontecer em laboratórios de informática ou na própria sala de aula – os dois modelos clássicos de utilização da Informática Educativa¹⁷.

Isso representa uma multiplicidade de formas de trabalho na escola. A realização de aulas a distância com a possibilidade de interação ao vivo (*on line*) e aulas presenciais com interação a distância (*off line*) são algumas das aplicações possíveis.

Em todos os novos modelos resultantes da conjunção do presencial e do virtual, há uma valorização da interação, do estar-junto, do sentido de comunidade reunida em torno da aprendizagem. Uma possibilidade cada vez maior de professores e alunos estarem juntos, ainda que separados em muitos tempos e em muitos espaços.

A integração da Internet não suprime, tampouco substitui qualquer tarefa ou prática da escola. Nos modelos híbridos, busca-se reunir o melhor de dois mundos – as melhores práticas do sistema presencial, com as poderosas tecnologias intelectuais advindas com a web.

Este encontro representa vasto e fértil campo de experimentações que podem representar um marco evolutivo na Educação. Não se trata aqui de nenhuma apologia às novas ferramentas, muito menos é a proclamação de uma revolução iminente.

A Internet aponta novos trajetos, recria o campo do possível, apresenta novos desafios e problemas. Não serão as tecnologias que irão operar uma revolução na Educação. As tecnologias são condicionantes, não determinantes da mudança da escola. O avanço da cultura digital que bate à porta das escolas não suprime nem minimiza nenhum dos graves problemas enfrentados por todos os que fazem a Educação. Até porque, os processos de comunicação ou interação sempre

¹⁷ “Uma classificação sobre a utilização do computador pela Escola”, versão reelaborada de artigo apresentado no IX ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, realizado em maio de 1998..

dependeram da ação humana. Seja com um giz ou com um computador conectado ao ciberespaço.

2 Internet na Escola: Portais ou Porteiras?

Novas tecnologias exigem novas palavras e criam sentidos para as já existentes. Esse é o caso da expressão portal, definida pelo Dicionário Aurélio como “a porta principal, ou o conjunto das portas principais, de um edifício, artisticamente ornamentada” (FERREIRA, 2001). Com o advento da Internet, a palavra portal ganhou novo significado, passando a ser empregada para denominar os sítios que oferecem grande volume de informações e/ou amplo conjunto de serviços aos internautas.

Não foi de forma aleatória que se recorreu à expressão portal no momento de adotar uma palavra para denominar os sítios de grande porte. O ponto de partida para a apropriação e a ressignificação da palavra estava implícito nos próprios objetivos primordiais dos portais: fazer com que esses sítios sejam a porta de entrada, o lugar de início, ponto de partida, o rito obrigatório de passagem para o ciberespaço.

O primeiro registro literário da associação do termo portal à Internet está no livro *Telépolis* (1994), de Javier Echeverría. Ao referir-se à constituição de uma cidade onde as ações são mediadas pelas tecnologias, atribui à Internet o caráter de rua pública, em contraposição às redes fechadas, como as redes militares: “Todo telepolita (cidadão de Telépolis) puede tener ‘portal’ en la calle Internet, numerado conforme a sua clave de usuário” (ECHEVERRIA apud MACHADO, 2004:162).

Os precursores dos portais foram as ferramentas de busca, como o Yahoo (www.yahoo.com) e Excite (www.excite.com), espécies de “páginas amarelas” da Web. À medida que estes sítios passam a ampliar sua oferta de serviço, agregando notícias, correio eletrônico, listas e outros serviços gratuitos, eles passam a receber a denominação de portais.

Em 1995, inspirado nesse modelo, surgiu o *Cadê*, o primeiro portal brasileiro. Com a abertura do acesso comercial à Internet, no ano seguinte, provedores de acesso passam a adotar o modelo portal, como no caso do UOL e ZAZ “seja porque refletem verdadeiramente uma estratégia de marketing e *status*, supondo-se que um portal é muito mais importante que uma página web” (SAAD, apud MACHADO, 2004:165).

André Lemos, estudioso do ciberespaço e autor do manifesto *Morte aos Portais*¹⁸, reforça a intencionalidade presente na escolha da expressão portal, em razão da aura transcendental que a expressão sugere. “A palavra Portal tem uma conotação mística, como porta de passagem, como canal que nos abriria à outros mundos, à novos universos possíveis e impossíveis” (LEMOS, 2000). Assim, até mesmo em uma leitura mais subjetiva, portal reflete a idéia de um caminho, uma passagem que nos conduz em meio ao caos informacional da grande rede, ao encontro de mundos mais racionais e seguros.

De fato, para o senso comum, o *oceano* de informações da rede mundial de computadores, ao mesmo tempo em que encanta e atrai, representa algo arriscado, ameaçador. Há o temor de naufragar nos mares de dados, de não se chegar ao *porto* desejado, de encontrar monstros assustadores, como a pornografia e a violência.

É nesse quadro que os portais se inserem, produzindo, selecionando, editando e publicando informações e serviços em tal volume, buscando credenciarem-se como referências essenciais, lugares indispensáveis a quem navega pela rede, ponto de partida e permanência, longe dos *perigos* da Internet. A lógica implícita do modelo portal é: não mais precisamos navegar pela Internet em busca de informações ou serviços. *Tudo* está nos portais.

José Afonso Silva Júnior sintetiza os objetivos de conquista e manutenção de audiência dos portais, ao afirmar que

“o portal constitui-se numa poderosa variante de publicização de conteúdo na Internet, no sentido de, ao mesmo tempo procurar uma maior permanência do usuário dentro de determinado sítio, (site) e agregar a essa possível navegação do usuário uma miríade de serviços que antes, senão impensada, era improvável de ser executada com eficiência técnica” (SILVA JR., apud MACHADO, 2004: 176)

Se por um lado os portais podem representar uma forma de organização das informações, em uma sistematização na oferta de informações e serviços, seu caráter concentrador representa uma forma de redução, de limitação e controle do acesso à rede.

¹⁸ Manifesto lançado em Porto Alegre, em junho de 2000. Disponível no endereço <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/portais.html>, em 21/01/04.

Para Lemos, embora busquem agregar conteúdos considerados importantes, os portais aprisionam os internautas em informações estruturadas em uma nova ordem digital pelos arautos da segurança e da mediocridade “nas garras do banal, do mesmo ou do instituído, achando apenas o que procuramos, perdendo a possibilidade de cruzar com o inusitado que poderia balançar nossas certezas” (2000).

Nesse sentido, os portais podem vir a ser autênticas porteiras, uma forma de confinamento, de restrição à aventura da navegação e da descoberta. “Os portais-currais configuram-se como estrutura de informação (conteúdo) que nos tratam como bois digitais forçados a passar por suas cercas para serem aprisionados em seus calabouços interativos” (LEMOS, 2000).

De fato, o modelo portal pode representar uma tentativa de padronização, de concentração de fontes de informações, com uma homogeneização dos conteúdos - sinais evidentes da globalização dos meios de comunicação de massa. Para Camargo e Becker, os portais são inevitáveis, diante da infinidade de informações da Internet, mas vêem nesse fato a formação do que classificam de *muralha*,

“dada a brutal supressão da diversidade de fontes de informações e o conseqüente direcionamento da ação de tomar conhecimento de alguns em detrimento de outros fatos, de alguns aspectos da realidade e não de outros, de apenas uma versão, perspectiva ou razão de um dado acontecimento, tornado os habitantes do planeta um pouco menos cidadãos a cada dia” (CAMARGO e BECKER, apud MACHADO, 2004:176).

Os portais podem ser classificados em dois tipos: horizontais e verticais. Os portais horizontais existem em maior número, são os mais acessados, e caracterizam-se pela amplitude das temáticas que abrangem. Os maiores portais brasileiros são do tipo horizontal, como o Universo Online - UOL, (Grupo Folha), Terra (Grupo Telefonica) e Globo.Com (Rede Globo). No Ceará, podemos citar os Portais Verdes Mares (www.verdesmares.com.br) e Noolhar (www.noolhar.com.br). Nos portais horizontais, encontramos dezenas de *canais* especializados nas mais diversas e imagináveis temáticas, como notícias, esportes, culinária, fofocas, esoterismo, economia etc.

Neste tipo de portal, dificilmente um internauta deixará de encontrar informações sobre temas de seu interesse. Os portais horizontais reproduzem um

padrão *broadcasting*¹⁹, com uma *programação* diversificada, visando a atingir todos os segmentos do público. Da mesma forma que as emissoras de televisão abertas, os portais buscam conquistar o maior número possível de visitantes (audiência), originando lucros com a venda de anúncios publicitários.

E aqui nos deparamos com a vocação comercial dos portais. Muito embora existam exceções, caso dos portais de instituições governamentais e organizações não governamentais, que não visam ao lucro, mas a uma maior visibilidade para as suas ações, manter um portal, ao contrário dos sítios pessoais, requer investimentos elevados em infra-estrutura e pessoal especializado. O que vai diferenciar os portais como negócio, é que a maioria deles visa ao lucro, enquanto poucos sobrevivem de um patrocínio ou entidade mantenedora.

Os portais verticais, por sua vez, optam pela especialização e elegem um tema específico em detrimento da ampla abrangência de temáticas e públicos. Nesse tipo de portal²⁰, o público-alvo é muito bem definido. Os conteúdos dos portais verticais procuram explorar ao máximo o assunto ao qual se dedicam, oferecendo o maior número possível de informações, reunindo especialistas, agrupando comunidades, prestando muitas vezes consultorias e serviços adicionais. Os portais verticais operam mais intensamente a potencialidade da web em termos de personalização.

Embora sejam de natureza diferenciada, horizontais e verticais têm em comum, além de um grande volume de informações, uma grande oferta de serviços aos internautas. Horizontais ou verticais, compartilham do objetivo de agrupar em suas páginas as principais ferramentas da Internet, de tal forma que os internautas possam explorar toda a potencialidade da rede, sem precisar recorrer a outros sítios. Entre esses serviços estão o correio eletrônico, salas de bate-papo, as listas de discussão, boletins eletrônicos (*newsletters*), a criação de páginas e diários pessoais (*webloggers*).

Os portais tentam conquistar o maior número possível de internautas, e fazer com que permaneçam o maior tempo, acessando o maior número de páginas, gerando audiência e visibilidade para os seus anunciantes patrocinadores. Quanto

¹⁹ É chamado de *broadcasting* o modelo comunicativo dos chamados meios de comunicação de massa, em que um único emissor transmite para milhares ou milhões de receptores, e cujo exemplo mais evidente é o da televisão aberta.

²⁰ Podemos apontar como exemplos de portais verticais: www.pele.com.br (futebol);

maior a audiência, maior a comercialização publicitária e por conseqüência, maiores os lucros.

Essa natureza comercial, concentradora e hegemônica dos portais se contrapõe às características únicas da web, como a comunicação ponto a ponto (*peer to peer*), a capacidade de comunicação e de interatividade, em que todos são receptores e emissores e todos podem interagir com todos. Esse modelo é qualificado por Elian Machado como um “equivoco comunicacional”. (MACHADO, 2002).

2.1 Portais educativos

Os portais verticais dedicados à temática da Educação no Brasil surgiram e experimentaram um crescimento vertiginoso nos últimos três anos. Na origem dos portais educativos, está a percepção da importância de integrar à Internet ao processo de Educação formal, reunindo experiências realizadas na utilização da rede no ensino a distância e na aprendizagem aberta.

Quando, porém, observamos a natureza dos portais educativos brasileiros, voltados para a Educação infantil, e os Ensinos Fundamental e Médio, encontramos três tipos diferenciados: os mantidos por organizações envolvidas com a educação e que se valem de sua presença na rede para ampliar suas atividades-fins e fortalecer ações de *marketing* educativo; os portais comerciais, montados por empresas que exploram o mercado de produtos educacionais para escolas da rede privada e pública e que visam tão somente aos lucros; por último, mas não menos importantes, estão os portais públicos, criados por órgãos governamentais.

Entre os portais educativos ligados a organizações não governamentais podemos citar o Aprendiz (www.aprendiz.com.br), mantido pela ONG Cidade Escola Aprendiz, de São Paulo, que atua na formação de crianças e jovens, e o EduKbr (www.educk.com.br), mantido pela Fundação Padre Leonel Franca e sediado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Os portais educativos de ONG's podem ser utilizados gratuitamente pelas escolas e sua manutenção é custeada por meio de parcerias.

Já os portais comerciais, como a Escola 24 Horas (www.escola24horas.com.br), Educacional (www.educacional.com.br) e Aprende Brasil, (www.aprendebrasil.com.br) são tentáculos na Internet de grupos empresariais que exploram a produção e a venda de materiais didáticos, assessoria, franquias, terceirização e o controle acionário de escolas, como a Trend Tecnologia Educacional (Escola 24 Horas) e o Grupo Positivo (Educacional e Aprende Brasil). Há também o Portal Universitário, do Grupo Positivo, o primeiro destinado especificamente ao Ensino Superior.

Apesar de pertencentes ao mesmo grupo empresarial, o Portal Educacional é direcionado às escolas particulares, enquanto o Portal Aprende Brasil tem como público-alvo as escolas da rede pública.

Os portais educacionais também começam a despertar o interesse e a iniciativa dos órgãos governamentais. O Governo do Estado do Paraná, por meio da Secretaria de Educação, mantém o Portal da Educação (www.seed.pr.gov.br), iniciativa que começa a ser seguida, como, por exemplo, pela Prefeitura de São Paulo (www.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/educacao).

Mas o que fazem os portais educativos? O que eles oferecem às escolas? Dentro do espírito totalizante que fundamenta os portais, eles tentam oferecer o maior número possível de informações e serviços, centralizando a comunicação, materiais didáticos e paradidáticos, atividades escolares e até mesmo parte da administração da escola contratante (portais comerciais) e conveniadas (ONGs).

O objetivo dos portais educacionais é apreender em suas páginas todo o universo escolar, contemplando quatro públicos-alvo: alunos, professores, pais de alunos e escolas. Para maior compreensão, passamos a descrever de forma sintética o que os portais educacionais oferecem, além dos aplicativos de Internet (correio eletrônico, listas e grupos de discussão, entre outros). Ressalte-se que essa é uma base comum, uma vez que cada portal oferece conteúdos, atividades e serviços específicos.

CONTEÚDOS – Trata-se do principal foco dos portais educacionais. Selecionam e disponibilizam conteúdos, sugestões de atividades, oficinas, projetos, materiais de apoio e complemento às aulas para todas as disciplinas e séries da Educação Infantil, fundamental e média. Estes conteúdos são ofertados sob diversos

formatos de mídia. Há, ainda, jogos e outras atividades lúdicas que envolvam alunos e grupos de alunos.

EQUIPE DE ESPECIALISTAS – Os portais oferecem aos seus usuários equipes de especialistas, que podem ser consultados por professores, pais e alunos para o esclarecimento de dúvidas, por meio de ferramentas síncronas e assíncronas.

CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES – Os portais acenam com a oferta de capacitação para os professores, principalmente sobre o uso dos recursos da Internet e do próprio portal.

ASSESSORAMENTO – Os portais disponibilizam uma assessoria às escolas em seus projetos pedagógicos, no planejamento e na elaboração de currículos, como também na elaboração de estratégias de *marketing*.

FORMAÇÃO DE COMUNIDADES VIRTUAIS – Por meio de suas ferramentas de interatividade, como o correio eletrônico (*e-mail*), ferramentas de comunicação instantânea, listas e grupos de discussão, e salas de bate-papo, os portais promovem a formação de comunidades de aprendizagem.

ENVOLVIMENTO COM A FAMÍLIA – As ferramentas de interatividade, bem como a integração com os sistemas das escolas, permitem que os portais ofereçam aos pais a possibilidade de acessar boletins, diários e outras formas de acompanhamento do desempenho dos filhos na escola. Os portais buscam, ainda, envolver os pais de alunos, criando áreas de conteúdos e atividades específicas para esse segmento do universo escolar.

Como podemos aferir, os portais educativos oferecem ampla gama de conteúdos, atividades e serviços. Em alguns casos, assumem funções antes desempenhadas apenas pelas escolas e novas atribuições, como manter um sítio, selecionar e disponibilizar conteúdos educativos e ferramentas de interatividade.

E aqui chegamos a uma questão essencial na reflexão sobre o papel dos portais educativos. Mais do que por suas qualidades ou benefícios, os portais

educativos, ainda que sob um vasto questionamento, respondem a uma série de desafios que a Internet apresenta à escola.

Maria Luiza Belloni classifica produtos iguais aos portais educativos como modelos fordistas de Educação, por seus processos industriais de produção, marcados pela concentração e centralização da produção, burocratização, que retira o controle e a autonomia dos professores. Vani Kenski questiona a qualidade dos pacotes educativos,

“realizados por equipes técnicas que, em geral, não entendem de educação, esses programas são apresentados às escolas como potencialmente revolucionadores do ensino. Em geral, são programas pedagogicamente ruins e com conteúdos ‘aculturados’, ou seja, traduzidos e adaptados de outras realidades” (2003: 49).

Voltaremos à abordagem crítica dos portais educativos em tópicos posteriores. Nesse momento, é importante darmos conta do fato de que os portais educativos estão cada vez mais presentes no cotidiano das escolas, em um avanço silencioso. O Portal Educacional está presente em quatro escolas de Fortaleza. O Portal Escola 24 Horas em outras duas. E, o que é mais preocupante, essa *invasão* dos portais não se restringe às escolas particulares.

Em uma estratégia comercial que remete ao Cavalo de Tróia, o Portal Aprende Brasil assinou um convênio com a Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará – SEDUC e está oferecendo acesso (momentaneamente) gratuito a um total de dez (10) escolas da rede pública, alcançando mais de quinze mil (15000) alunos da rede pública. (SEDUC, 2003)

Qual a razão deste modelo de integração da Internet à escola, tão questionável, expandir-se tão rápida e silenciosamente nas redes privadas e públicas? Na ausência de uma proposta pedagógica, de um modelo didático, de uma reflexão da escola e, sobretudo, do despreparo da quase totalidade dos professores para trabalhar com a rede, os portais oferecem uma solução pronta e acabada – conteúdos, métodos e capacitação.

Para se desenvolver uma metodologia, repensar as práticas, capacitar os professores, criar e manter páginas e ferramentas de interatividade, converter conteúdos do meio impresso para o digital, são necessários investimentos e é preciso tempo. Os portais educativos oferecem uma resposta para todas essas

questões, representam um desvio, um atalho diante de um caminho longo de preparação da escola e dos educadores para a integração das novas tecnologias intelectuais advindas com a web.

Para além dos processos pedagógicos, os portais funcionam ainda como ferramentas de *marketing*. Atuando diretamente na construção da imagem das escolas junto aos pais e à sociedade, representam um diferencial na disputa por alunos para a rede privada de ensino, e na formação da imagem de governantes interessados em obter visibilidade para suas ações (deles) no âmbito da educação.

Os portais representam a possibilidade concreta de levar a escola para dentro da casa dos alunos, com toda sua aura de modernidade, *vendendo* a idéia de que os alunos aprendem com o emprego de recursos tecnológicos, com o objetivo de encantar os pais (clientes, eleitores).

Em qualquer peça publicitária, de escolas particulares ou de campanhas governamentais, a imagem de crianças e jovens utilizando computadores ganha destaque. Como aponta Machado, o uso dos portais serve mais freqüentemente “de vitrine da moda que propriamente de estratégia de ensino-aprendizagem” (2001).

Por essas razões, acreditamos que muito mais do que um modismo típico das novas tecnologias, como já foram os laboratórios, e a linguagem LOGO, os portais educativos vieram para ficar.

2.2 Navegação livre, controle ou censura?

Ao mesmo tempo em que representa uma enorme potencialidade de aplicações de interatividade, pesquisa, ensino e aprendizagem, a Internet ainda é motivo de apreensão e medo para pais e para a comunidade escolar. Há várias origens para esse sentimento de inquietação diante das novas tecnologias digitais, que vão desde o medo disseminado da ameaça da pornografia e da violência que a grande mídia propaga diariamente, à insegurança dos professores quanto à melhor forma de trabalhar com a web na escola.

Esse contexto de famílias temerosas, escolas e educadores despreparados, fornece aos portais educativos uma forte justificativa para que sejam adotados pela escola. Ao pesquisar, produzir, selecionar, editar, classificar por série e disciplina, oferecendo grandes volumes de conteúdos didáticos e paradidáticos, além das ferramentas de comunicação, os portais educacionais atuam na perspectiva da exclusão de qualquer outra atividade da escola através da Internet.

Os portais educativos concentram em suas páginas todas as informações previamente selecionadas, controladas e organizadas que avaliam como significativas para o processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, representam a possibilidade de que alunos e professores utilizem uma Internet segura, onde todos os conteúdos foram previamente escolhidos e cancelados, onde não há riscos e ameaças, conteúdos supérfluos e inconsistentes, armadilhas e seduções a um *click* de distância.

Os portais educativos buscam ser a Internet para as escolas, privando os alunos do exercício da descoberta, da livre exploração do universo virtual, do desenvolvimento do senso crítico, da capacidade de selecionar e criticar informações - práticas cada vez mais importantes na sociedade contemporânea.

Se por um lado esse modelo responde a algumas questões mais imediatas de pais e educadores, ao mesmo tempo, representa exatamente a negação de boa parte de toda a potencialidade da rede como poderoso recurso para a construção do conhecimento.

Em vez da navegação de mar aberto, podem representar a navegação por canais fechados, restritos a uma rota previamente estabelecida, que nos conduz somente para os portos onde querem que sejamos levados. Nesse sentido, podem ser portais - portas abertas para o universo - ou porteiras, que nos cercam em áreas restritas, controladas e censuradas, de onde não podemos partir.

Navegação livre ou sob a censura dos portais? Essa dualidade de modelos, diante de tantas opções metodológicas possíveis, é o reflexo da ausência de uma maior sistematização, de um debate mais aprofundado por parte da escola, de uma melhor capacitação do professor. Apesar destas limitações, vários autores apontam as bases para uma proposta metodológica para a integração da rede à escola, que possa superar as restrições, sem perder a liberdade da navegação e da descoberta.

Em outras palavras, o modelo portal não é a alternativa às limitações e problemas da Internet como instrumento de construção do conhecimento. Há muito

o que desenvolver, refletir e sistematizar. Manuel Moran defende o livre acesso dos aprendizes à rede, mas a partir da realização de aulas-pesquisas, coordenadas pelos professores, ora em grupos, ora individualmente. “A pesquisa grupal na Internet pode começar de forma aberta, dando somente o tema sem referência a sítios específicos, para que os alunos procurem de acordo com a sua experiência e seu conhecimento prévio” (MORAN, 2000:47).

Essa proposta (re)coloca o professor como peça fundamental na pesquisa, na seleção, na transformação das informações obtidas na rede em conhecimento, um papel ocupado pela empresa no modelo Portal. Séraphin Alava discorda da livre navegação, mas reforça a importância do papel do professor, ao valorizar a mediação, o planejamento e o controle das atividades e interações humanas nas atividades educativas no ciberespaço (ALAVA, 2002).

Heide & Stilborne afirmam que a preocupação da comunidade escolar quanto aos riscos da rede é pertinente, mas que a solução não está em fazer com que os alunos vejam apenas os sítios *aprovados*, nem na utilização dos *softwares* de controle de acesso, mas no *que fazer* com a Internet, pois “alunos completamente empenhados em atividades criativas não terão tempo, nem interesse de tentar áreas proibidas” (HEIDE & STILBORNE, 2000:79).

A rápida incursão por esses autores revela o reconhecimento da importância do professor e a necessidade de metodologias específicas para a Internet, e que o impasse entre a livre navegação e o controle e a censura é facilmente superável.

Perrenoud realiza uma síntese precisa sobre a questão da censura e do controle do acesso à Internet:

“Há de se convir que, para utilizar as redes para fins de formação nas diversas disciplinas escolares, impõe-se um mínimo de precauções. Todavia, para que os alunos não se tornem escravos das tecnologias e façam escolhas lúcidas, o desenvolvimento do espírito crítico e de competências aguçadas parece mais eficaz do que as censuras” (2000:136).

2.3 O modelo Portal e a questão cultural

Os portais educativos podem ser classificados como exemplos do paradigma fordista¹⁹, ou industrial de educação, segundo os conceitos apresentados por Maria Luiza Belloni, em *Educação a Distância* (2001); um modelo esgotado pelas novas formas de produção e organização das sociedades contemporâneas, de natureza pós-fordista²⁰.

Caracterizam esse modelo a produção em larga escala aplicada à Educação, “a racionalização, divisão acentuada do trabalho, alto controle dos processos de trabalho, produção de massa de ‘pacotes educacionais’, concentração e centralização da produção” (BELLONI, 2001:18).

Como podemos constatar, os portais educativos atuam como um grande provedor especializado, onde uma equipe trabalha na montagem de um produto para ser consumido em larga escala, como um pacote bem embalado de soluções para um problema chamado Internet. Os clientes são as escolas de todo o Brasil, em todas as regiões e cidades, desde que possam pagar o preço exigido pela indústria.

Não importam as diferenças culturais, étnicas e sócio-históricas, as diferentes propostas pedagógicas, as abordagens metodológicas e didáticas da escola. Para todas, ignorando todas as especificidades e as realidades singulares de cada escola, os portais educativos apresentam único pacote. Nessa perspectiva, os portais seguem a lógica *broadcast* (modelo um para todos, transmissão emissor-massa), o que é um contra-senso em se tratando de Internet, que, por suas características, é uma mídia que favorece ao máximo a comunicação personalizada, a relação direta com cada pessoa conectada.

Elian Machado pede que se atente para a contradição que é o emprego da Internet seguindo a lógica de transmissão dos meios de comunicação de massa, pois

“Na Internet uma pessoa se comunica com outra pessoa; uma pessoa se comunica com um grupo de pessoas; ou um grupo de pessoas se comunica

²⁰ Fordismo é uma referência à criação de Henry Ford, o inventor da linha de montagem e fundador da indústria automobilística moderna, usado frequentemente como sinônimo para a produção industrial.

²¹ O pós-fordismo caracteriza-se, entre outros fatores, pelo fim do trabalho fragmentado da linha de montagem, que faz surgir um trabalhador diferente, do qual se exigem múltiplas competências, como a habilidade para o trabalho em grupo e a aprendizagem contínua na empresa.

diretamente com outro grupo. Não há por definição, uma fonte única geradora de informação tentando dirigir seu conteúdo para um grupo amorfo de pessoas espalhadas aleatoriamente” (MACHADO, 2002).

Quem produz os conteúdos do Portal o faz a partir de sua visão de mundo, com os valores, crenças e orientações de sua cultura, do lugar onde está situado. Os portais educativos são produzidos na região Sudeste e adotados (*transmitidos*) para escolas em todo o Brasil, desconhecendo as linguagens, a realidade e as culturas locais. Prevalece a lógica globalizante de que o que *serve* para uma escola serve para todas.

Belloni chama a atenção para as barreiras culturais encontradas na utilização de pacotes educativos, como os portais, em oferecer respostas e serviços de apoio demandados pelos alunos, com suas diferenças de *background*, necessidades específicas e estilos individuais de aprendizagem.

O centralismo cultural dos portais educativos orienta a produção dos conteúdos, dos materiais didáticos e paradidáticos que ignoram o projeto político-pedagógico, o planejamento e as concepções de ensino e aprendizagem da escola e dos professores, e contrariam profundamente os princípios de pluralidade cultural previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Nestes documentos que norteiam a Educação brasileira, encontramos uma reafirmação constante e uma ênfase quanto à pluralidade cultural e étnica como fator essencial da vida social brasileira, com suas manifestações religiosas, lingüísticas, de relação com a natureza, de formação histórica, organização social e visão de mundo.

Ainda nos PCNs, encontramos uma crítica à omissão diante da pluralidade cultural brasileira, como a praticada pelos pacotes educacionais-portais e as escolas que os adotam.

“Freqüentemente, porém, esse processo complexo presente na vida brasileira é ignorado e/ou descaracterizado, particularmente em processos da indústria de bens culturais. Também na escola, onde essa diversidade está presente diretamente naqueles que constituem a comunidade escolar, essa presença tem sido ignorada, silenciada ou minimizada”²²

²² Parâmetros Curriculares Nacionais, 1ª à 4ª série- Pluralidade Cultural, pág. 25. Disponível em www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro101.pdf, em 07.07.2003.

2.4 O velho com o novo, ou a necessidade de uma nova metodologia

A utilização de novas tecnologias de comunicação e interatividade na Educação formal exige muito mais do que a simples instalação de máquinas e *softwares*. Não podemos imaginar a existência de práticas educativas que não estejam fundamentadas em uma teoria, uma concepção filosófica e em uma proposta metodológica. O simples acesso à informação não garante a aprendizagem, a elaboração do conhecimento. O que faz o interesse pedagógico de uma tecnologia é antes de tudo a pertinência dos modelos de aprendizagem que ela permite empregar.

Quando não utilizada em um contexto pedagógico renovado, a Internet pode resultar em novas práticas que reproduzem modelos de ensino tradicionais, inviabilizando as novas potencialidades que a exploração do ciberespaço oferece, ou seja, fazer o *velho* com o *novo*, como nos adverte Nelson Pretto, ao assinalar que

“não se pode continuar a pensar que incorporar os novos recursos de comunicação na educação seja uma garantia pura e simples de que se está fazendo uma nova educação, uma nova escola, um novo futuro. Ao contrário, observamos que esta incorporação vem ocorrendo, basicamente, numa perspectiva instrumental, com uma pura e simples introdução de novos elementos – ditos modernos – em velhas práticas educativas” (PRETTO, 1995:2).

É impossível acreditar que a simples instalação de computadores com acesso à Internet nas escolas possa ocorrer - como parecem acreditar empresários do ensino e gestores escolares - sem profundas mudanças no “processo de ensinar e na própria concepção e organização dos sistemas educativos, gerando profundas modificações na cultura da escola”, como recomenda Maria Luiza Belloni (2001:69).

A integração da Internet ao cotidiano das escolas, ao mesmo tempo em que traz grandes potencialidades, intermediadas por novas e poderosas formas de comunicação e acesso à informação, acrescenta (muitas) complexidades ao processo de mediatização entre o ensino e a aprendizagem. Há grandes dificuldades, sobretudo na apropriação das técnicas, em sua aplicação pedagógica. Como sintetiza Alava,

“a educação é um processo interpretativo no qual o sentido emerge do diálogo e no qual os aprendizes são participantes ativos. O essencial da conduta educativa não se situa, portanto, do lado da transmissão de informação, mas do lado da construção de sentido com os aprendizes” (ALAVA, org., 2002:108).

Por suas características essenciais e inéditas – simulação, acessibilidade, virtualidade, facilidade de acesso a uma imensurável e diversificada fonte de informações – a Internet nos traz o desafio de construir uma proposta diferente de ensino, com possibilidades que apenas começamos a vislumbrar.

Esses novos recursos estão a exigir concepções e propostas metodológicas diferentes das tradicionais e “baseadas no discurso científico linear, cartesiano e positivista” (BELLONI, 2001:64). Assim, não podemos conceber a adaptação das formas tradicionais de ensino a novos equipamentos e tecnologias, ou vice-versa.

A Internet e velhos hábitos de ensino não se combinam. A inovação estará muito mais nas novas metodologias e estratégias de ensino do que na mera utilização das novas tecnologias de comunicação e interatividade. A presença pura e simples de computadores conectados à rede não leva os professores a repensarem seus métodos de ensino, tampouco os alunos a adotarem novos modos de aprender. A questão é, essencialmente, muito mais conceitual do que tecnológica.

Como defende Borges Neto³⁵, a Internet deve ser vista como uma ferramenta pedagógica, assim como o giz, o quadro-negro e o retroprojetor. Essa abordagem considera que os professores podem utilizá-las de acordo com suas necessidades, consoante com a situação de aprendizagem, escolhendo as mais apropriadas para cada situação. Uma ferramenta, poderosa, mas, ainda assim, uma ferramenta; que quebra, que “dá paus”, que pode travar em meio a uma aula, cabendo ao professor a competência de alternar as ferramentas disponíveis.

A abordagem da Internet como uma ferramenta, situa a tecnologia como um instrumento auxiliar, posta a serviço do processo de ensino-aprendizagem, utilizada somente quando puder contribuir para a qualidade e a eficácia desse processo. Sem deslumbramentos, nem posturas “tecnofóbicas”, mas com a certeza de que é

²³ BORGES NETO, Hermínio e SALES, Sílvia no artigo *Informática Educativa e Formação de Professores: Experiências Vividas, Idéias Aprendidas*.

necessário o professor saber efetivamente dominar a nova ferramenta que lhe é ofertada.

Abre-se, com efeito, outro vasto campo de pesquisa para os pensadores da Educação contemporânea: conceber, experimentar, refletir e sistematizar novas metodologias, novas práticas educativas que incorporem a Internet ao processo de ensino-aprendizagem. Essa atividade de pesquisa torna-se ainda mais importante diante das limitações bibliográficas quanto à integração da Web no ensino. Os registros de experiências de integração da Internet ao ensino ainda são muito escassos, mesmo em países mais ricos, como destaca Louise Marchand:

“Nosso conhecimento da utilização da internet para fins pedagógicos, ainda é superficial. Não temos conhecimentos suficientes sobre as características pedagógicas do conteúdo, sobre os cenários utilizados, sobre os modos de aprender os elementos que conduzem à aprendizagem” (MARCHAND in ALAVA, org., 2002:146).

Não é admissível a persistência de velhos conteúdos e anacrônicas formas de ensinar por meio dos novos meios de transmissão de informações, sob o risco de deixarmos a educação “encurralada, sem a possibilidade de se superar”, como nos alerta Nelson Pretto (1995).

2.5 Portal Educacional, o negócio da educação na Web

Entre os portais educativos brasileiros, o Portal Educacional ocupa uma posição de grande visibilidade. Direcionado à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental e Médio das escolas privadas brasileiras, configura-se como o maior portal educativo do Brasil. É o líder em número de escolas-clientes (tratados eufemisticamente de parceiros), e conta com o maior conteúdo, medido pelo número de páginas.

Somente no Ceará está presente no cotidiano de cinco escolas, sendo utilizado por um número estimado superior a 15000 (quinze mil) alunos. O Educacional foi o primeiro portal criado pelo grupo empresarial Positivo, que desde 1972 explora o mercado de produtos educativos, com sede em Curitiba (PR). Posteriormente, foi adaptado para o Portal Aprende Brasil, uma versão do

Educacional para as escolas da rede pública, e, mais recentemente, o Portal Universitário, voltado para o Ensino Superior público e privado.

O Grupo Positivo atua nas áreas de produção de materiais didáticos e paradidáticos, informática e gráfico-editorial. Seus produtos abrangem desde a Educação Infantil ao Ensino Superior. O Positivo possui uma rede de escolas próprias e uma universidade, além de administrar, terceirizar e funcionar com uma *grife* escolar, no sistema de franquias. No total, são aproximadamente 2.000 escolas, alcançando um público de mais de 500.000 alunos em todo o Brasil, segundo dados do sítio do grupo²².

No setor de Informática, o Positivo produz *softwares* educacionais empregados em mais de 4 mil escolas públicas e privadas, além de computadores, tendo como público-alvo as licitações públicas e escolas. No segmento gráfico-editorial, o Grupo Positivo detém a Posigraf, que fabrica os livros, manuais e apostilas adotados nas escolas controladas e atendidas pela área educacional do grupo. Tal é o volume produzido pela Posigraf, que a empresa informa em seu sítio que ocupa há cinco anos a liderança do *ranking* das maiores empresas gráficas do país.²³

O negócio do Grupo Positivo é a exploração do mercado dos mais diversos produtos educativos, acompanhando as mudanças culturais e tecnológicas. Foi assim na exploração da *onda* das apostilas, alimentada pela guerra dos “cursinhos” pré-vestibulares, na terceirização da gestão das escolas particulares e na implantação do sistema de franquias. Nos anos oitenta, foi a vez dos laboratórios de informática. Nos anos noventa, com a massificação da multimídia, o Positivo passou a produzir CD-ROMs.

No momento em que a Internet se consolida como meio de massa, e que há um movimento natural de apropriação dessa nova ferramenta no processo de ensino e aprendizagem, o Grupo Positivo investe na criação do Portal Educacional, antevendo um próspero negócio. O Portal Educacional já nasce dentro de uma estrutura comercial agressiva.

²⁴ Dados obtidos no sítio do Grupo Positivo, disponível no endereço www.positivo.com.br, em 10.05.2003.

²⁵ Dados obtidos no sítio da Positivo Gráfica, disponível no endereço www.posigraf.com.br, em 10.05.2003.

Na perspectiva dos conteúdos, o Educacional constitui-se a partir da transposição dos conteúdos dos livros didáticos e paradidáticos, material de multimídia dos CD-ROMs do Positivo, para o ambiente Internet. Isso explica a predominância de conteúdo textual em uma mídia essencialmente multimidiática, como veremos no capítulo seguinte.

Faremos, na seqüência, uma descrição da sistemática de trabalho do Educacional, a relação com as escolas-clientes, e os documentos de natureza pedagógica e didática do Portal, buscando responder, entre outras, às seguintes questões: qual a concepção do Educacional de Educação com a Internet? Qual o projeto pedagógico, qual a fundamentação teórica que norteia sua proposta metodológica? Qual a forma de capacitação dos professores que trabalharão com os conteúdos do Educacional em suas aulas? Em busca de respostas para estas e outras questões, consultamos os documentos, *folders* e manuais do Educacional distribuídos entre gestores, professores, pais e alunos, e que também podem ser encontrados no próprio Portal.

Classificamos dois tipos de documentos: os destinados à direção da escola e aos professores e aos alunos e pais. No primeiro grupo, estão os materiais que descrevem o Portal; a proposta comercial, onde são definidas as questões comerciais e contratuais e o manual de implantação, que detalha a relação entre o Educacional e a escola-cliente.

No segundo grupo, estão os documentos de natureza pedagógica e didática, e aqueles destinados à capacitação. Formam este grupo, as Sugestões de Atividades, os Encaminhamentos Metodológicos e os Temas para Sala de Aula. As Sugestões de Atividades é destinada aos professores, coordenadores pedagógicos e diretores, constituindo um documento essencial para compreender a filosofia de atuação do Educacional.

Nele, são apresentadas e detalhadas as propostas para a realização de oficinas e projetos educativos desenvolvidos ao longo do ano letivo, pela escola, junto ao Portal; ou seja, a escola participa de uma oficina previamente definida pelo Portal, e que é realizada por escolas de todo o Brasil; uma solução pronta que exclui a autoria do professor e da escola. Em 2002, por exemplo, em uma oficina do livro, dezenas de milhares de alunos de todo o Brasil escreveram textos para ilustrações do cartunista Ziraldo, resultando em um livro personalizado para cada aluno. Ao final

da oficina, Ziraldo, investido no papel de garoto-propaganda do Portal, percorreu o País para lançar o livro, numa visível jogada de *marketing*.

Ainda nas Sugestões de Atividades, o Educacional apresenta as mudanças e acréscimos ocorridos nas principais ferramentas do Portal. Os Temas para a Sala de Aula, por sua vez, constituem um documento que lista algumas temáticas que podem ser trabalhadas pelo professor, como as datas comemorativas, listando os recursos do Portal que podem ser utilizados na abordagem dessas temáticas.

Já os Encaminhamentos Metodológicos, na ausência de uma melhor formulação por parte do Portal, podem ser entendidos como a metodologia de trabalho do Portal a ser integrada à escola. Além disso, é um dos poucos documentos do Educacional que se referem aos professores. Em sua apresentação, afirma que

“Uma das grandes dificuldades para o(a) professor(a) que quer enriquecer suas aulas com os recursos da Internet é encontrar tempo para pesquisar e planejar. O objetivo dos encaminhamentos metodológicos é poupar você de parte desse trabalho, oferecendo um grande número sugestões de atividades que permitem incorporar endereços e ferramentas da Internet ao processo de ensino de conteúdos curriculares”.²⁴ (grifo nosso)

Indiretamente, fica evidente a concepção do Educacional de que seu papel é “poupar” o professor de atividades que lhe são próprias, como o planejamento, a seleção de materiais didáticos e paradidáticos, a pesquisa e o planejamento. Os encaminhamentos são organizados por série, e nestas, por disciplina. Em cada uma dessas unidades, o Portal lista os conteúdos e recursos, *links* e propõe atividades, como no exemplo abaixo, referente ao tópico “Regiões do Brasil”, da disciplina Geografia, de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental:

As Regiões do Brasil

Recursos utilizados:

Saiba Mais: Regiões Geoeconômicas

Construtor de Páginas

Pesquisa Escolar

Banco de Imagens

Atlas Interativo

²⁶ Encaminhamentos metodológicos, disponível em www.educacional.com.br/sugestoes2003/encaminhamentos_nc/encaminha_nc_01asp, em 22/04/2003.

Essa atividade procura utilizar um grande número de recursos da Internet para o estudo das regiões brasileiras. O aluno poderá realizá-la com base em dados encontrados no Portal, e ainda, publicar essas informações no construtor de páginas acompanhadas de um comentário ou análise.

Para acessar, digite: www.educacional.com.br/orientacoes.asp?idEnc=22554²⁵

Na leitura dos Encaminhamentos Metodológicos, encontramos uma simplificação do uso da Internet nas atividades escolares, uma tentativa reducionista de tratar a complexidade do trabalho educativo com as novas tecnologias. Some-se a isso a ausência, dos documentos pedagógicos do Portal, de referências à necessidade, as exigências ou questões outras relacionadas com a formação do professor para o trabalho com o Portal. Isso nos leva a inferir que, na perspectiva do Educacional, essas questões fundamentais são irrelevantes.

As únicas referências à formação dos professores são encontradas, não em um dos documentos de natureza pedagógica do Portal, mas no documento de caráter comercial, em que são detalhadas as obrigações e direitos do Educacional e da Escola. Na seção intitulada “Serviços do Educacional”, vamos encontrar os seguintes tópicos:

Atendimento Pedagógico constante na escola

Habilitação e acompanhamento dos professores realizada na própria escola por meio de visitas freqüentes, com o objetivo de orientar os educadores para a utilização do Portal Educacional e ajudar a escola a promover a inserção da Internet no planejamento escolar. Com isso, os professores poderão desenvolver aulas ainda melhores e mais interessantes, e a escola vai encontrar no Portal Educacional um parceiro para atividades multidisciplinares.

(...)

Guia Educacional do Professor

História em quadrinhos que fala sobre informática na educação, uso da Internet e utilização das ferramentas do Portal Educacional, especialmente desenvolvida para educadores.²⁶

Para o Educacional, pontos relativos a questões essenciais da Educação, como a formação de professores, é vista como algo de natureza comercial. Atenção para o fato de o Portal não empregar as expressões capacitação, formação ou mesmo treinamento. Os termos utilizados são **habilitação, sensibilização e apresentação** (grifo nosso) e o Educacional busca “habilitar” o professor em temas

²⁷ IDEM

²⁸ Apresentação do Portal Educacional – 2003, pág. 5 – Anexo 3.

complexos, como Informática Educativa e Internet por meio de uma simplória história em quadrinhos.

O descaso do Portal parra com a formação do professor prossegue nos documentos comerciais, que insistimos – são apenas eles que tratam da formação do professor. No “Manual de Implantação do Portal Educacional – 2003”, na seção intitulada “Atendimento personalizado”, encontramos uma descrição da figura do coordenador técnico-pedagógico – profissional do Portal responsável pelo atendimento à escola-cliente, tendo, entre outras atribuições, prestar assistência à escola e aos professores, inclusive na capacitação:

CAPACITAÇÃO DOS EDUCADORES

Objetivos:

Divulgar aos educadores o novo endereço eletrônico da escola;
Sensibilizar os educadores da escola quanto à importância da Internet na educação e quanto à contribuição que o Portal Educacional pode trazer para o trabalho pedagógico;
Apresentar os principais conteúdos e serviços oferecidos pelo Portal Educacional;
Demonstrar situações práticas de uso das ferramentas, serviços e conteúdos do Portal Educacional que visam ao enriquecimento do trabalho didático-pedagógico do educador.

Carga horária: 8 horas

Para esta atividade, os educadores serão atendidos em grupos organizados pela própria escola, conforme a disponibilidade dos profissionais e observando-se a divisão em nível de ensino e áreas de interesse.²⁷

Para o Portal Educacional, a capacitação dos professores para a utilização das ferramentas de comunicação e de ampliação dos processos psicológicos superiores, a riqueza de informações da Internet e a complexidade de sua integração aos processos de educação formal, podem ser resolvidas em uma “habilitação” de oito horas e algumas atualizações, quando julgadas necessárias.

A idéia que perpassa os documentos do Educacional é de que o Portal é tão simples, fácil de usar, que não é preciso formar os professores. Basta “sensibilizar”, “demonstrar” o Portal. Em um *folder* entregue pelo Educacional aos professores em 2002, essa idéia fica explícita:

“O Portal da nossa escola é feito para você, que entende de ensino. E a melhor parte é que as atividades e seções foram desenvolvidas para você ir

²⁹ Manual de Implantação do Portal Educacional, pág. 15 – Anexo 4.

aprendendo enquanto navega pelas páginas. Tudo muito fácil, explicado passo a passo.²⁸ (grifo nosso)

A lógica do Portal ignora a realidade das escolas, a formação docente, a questão das competências e dos saberes dos professores, e pressupõe que os educadores dominam as novas tecnologias, usam computadores, navegam pela Internet sem dificuldades.

Ainda com relação às questões pedagógicas do Portal Educacional, faz-se necessário observar mais atentamente as atribuições dos coordenadores técnico-pedagógicos. Responsáveis pelo atendimento personalizado e a capacitação dos professores, esses profissionais prestam um serviço que podemos classificar como de pós-venda. Por sua dimensão, o Colégio Sete de Setembro conta com uma Coordenadora Técnico-Pedagógica exclusiva.

É justamente na descrição dos objetivos dos coordenadores técnico-pedagógicos, no “Manual de Implantação do Portal Educacional 2003”, encontramos a única referência, entre todos os documentos publicados pelo Educacional, à questão da proposta pedagógica das escolas e sua relação com o Portal:

ACOMPANHAMENTO TÉCNICO-PEDAGÓGICO DA ESCOLA

Objetivos:

Apresentar os novos conteúdos e serviços oferecidos pelo Portal e que estarão disponíveis no decorrer do ano, incentivando os educadores a utilizá-los;

Assessorar os educadores e a equipe diretiva da escola na utilização dos conteúdos e serviços oferecidos pelo Portal Educacional, orientando-os no planejamento e desenvolvimento das atividades de ensino e aprendizagem, **com base na proposta pedagógica da escola;**

Planejar e desenvolver atendimentos personalizados de acordo com as necessidades reais de cada escola conveniada.²⁹ (grifo nosso).

E aqui deparamos a constatação de que um Portal Educativo que faz parte do processo de ensino e aprendizagem, é utilizado como material didático e paradidático nas escolas, não possui um projeto pedagógico. Não há um projeto com referenciais filosóficos e psicopedagógicos voltados para o avanço qualitativo; a abordagem do Portal é tecnológica e não conceitual.

³⁰ Folder elaborado pelo Portal Educacional e distribuído aos professores em 2002. Anexo 5.

³¹ Manual de Implantação do Portal Educacional 2003, página 16.

No “Guia para a Família”, o Educacional apresenta aos pais de alunos o que é, como funciona e as principais ferramentas da Web. No terceiro capítulo desse guia, denominado “Aprendendo na rede”, são apresentados os *perigos* da rede, como o acesso a materiais inadequados e a dispersão. O tom atemorizante do texto serve como base para que o Portal se apresente como a alternativa a todos esses riscos, afirmando ser “o porto seguro para os jovens internautas.”³⁰.

Em todos os documentos técnicos e pedagógicos do Portal, não encontramos nenhuma referência quanto à metodologia de trabalho recomendada pelo Educacional com relação aos dois modelos clássicos de trabalho com informática educativa: o acesso dos alunos aos computadores em laboratórios de informática ou a instalação de computadores na sala de aula.

2.6 Colégio Sete de Setembro, a tradição em busca da modernidade

Neste ponto, delimitamos o segundo recorte da presente pesquisa: entre as escolas privadas que promovem a integração da Internet ao processo de ensino e aprendizado no Ensino Fundamental, escolhemos, pela relevância das razões que expusemos acima, a experiência do Colégio Sete de Setembro com o Portal Educacional como objeto de nossa pesquisa.

O Colégio Sete de Setembro (C7S) é uma das maiores e mais tradicionais instituições de ensino da rede privada do Ceará. Fundado em setembro de 1935, pelo Professor Edílson Brasil Soárez, o Sete de Setembro nasceu em uma sala cedida pela Igreja Presbiteriana. Hoje é um complexo de ensino formado por três grandes sedes, onde estudam mais de 12.000 (doze mil) alunos, da Educação Infantil ao Pré-Vestibular. Completam a empresa, a editora Ipiranga, que produz parte do material didático adotado pelo Colégio, e a Faculdade Sete de Setembro (FA7).

³² Guia da Família, disponível em www.educacional.com.br/pais/Manual/Manual_Educacional.pdf, em 26/07/2003. Anexo 3.

Ao longo de sua trajetória, o C7S construiu a imagem de uma instituição eficiente e conservadora, seguidora de uma rigidez disciplinar – traço típico da moral protestante – base religiosa de seu fundador, que por quatro décadas impôs sua personalidade austera ao Colégio. Em 1975, com a morte de Edilson Soárez, iniciou outra etapa na vida do C7S. Assumiu a direção Ednilton Soárez, filho de Edilson Soárez, um executivo de carreira. Mais do que mera sucessão familiar, a ascensão de Ednilton Soárez representou uma mudança de posicionamento da instituição, que ganhou uma postura mercadológica mais agressiva. Iniciou a expansão dos negócios, com a construção de nova sede na área economicamente mais privilegiada de Fortaleza.

Com a nova gestão, a tradição preservada iniciou a busca pela modernidade. O Colégio passou a disputar diretamente com as maiores escolas privadas do Ceará. E aqui se faz necessário situar essa disputa. A competição estabelecida entre as grandes escolas privadas no Ceará transcendeu à mera competição, com reflexos diretos no projeto pedagógico. Há uma *guerra* declarada entre essas escolas para a conquista de alunos-clientes, em que os *fronts* são as olimpíadas nacionais e internacionais e sobretudo, os primeiros lugares nos vestibulares.

A competitividade das escolas irradia-se pelas salas de aula, criando uma cultura dos primeiros lugares, a formação de turmas especiais e até mesmo a remuneração dos alunos com melhor desempenho. Há uma busca permanente por qualquer resultado, conquista ou prática que possa representar um diferencial em relação aos concorrentes. Folheando a Revista *Comunicação*,³¹ editada pelo Colégio 7 de Setembro, vemos várias fotos e pequenas matérias relativas à entrega de medalhas por desempenho e participação em olimpíadas.

Essa competitividade faz com que o Colégio tenha uma postura nitidamente conteudista, reconhecida por dois coordenadores pedagógicos entrevistados por esta pesquisa. Essa cultura competitiva implica uma ampliação da carga, com reflexo direto nas condições de trabalho dos professores.

Para entrar na “guerra” das escolas privadas o C7S equipou-se com um centro de treinamento, academias de dança, centro de artes, de línguas e laboratórios de informática. Em 1993, instala os primeiros laboratórios para o ensino de informática. Hoje, o Colégio Sete de Setembro é uma instituição privada de ensino que busca consolidar uma imagem de tradição aliada à modernidade.

É na consecução desse objetivo que, em setembro de 2001 (não por coincidência o mês de aniversário do colégio), o Colégio7 de Setembro passou a integrar o Portal Educacional em suas atividades, tornando-se o maior cliente do portal do Grupo Positivo em todo o Brasil, em número de alunos³¹. Assim, configura-se, pelo menos do ponto de vista quantitativo, na maior experiência brasileira de utilização da Internet de forma sistemática como ferramenta pedagógica.

Dentre as sedes do C7S, optamos por acompanhar as atividades da Sede Aldeota. Nesta unidade, 2.631 alunos estudam da 1ª à 8ª série. No total, são 64 professores de Ensino Fundamental, além de professores-auxiliares e estagiários. A escolha da sede Aldeota decorreu de dois fatores: a sede concentra um número maior de professores e alunos, o que resultou em um universo mais amplo de pesquisa; outro fato determinante foi a informação da Direção do Colégio de que, nessa unidade, por conta do maior poder aquisitivo dos alunos, a cultura da Internet estaria mais disseminada, e, por consequência, a utilização da rede na escola seria mais intensa.

³³ Informações obtidas com a coordenadora técnico-pedagógica do Educacional no C7S, Viviane Pereira.

3. Educacional e C7S: gênese e evolução de uma experiência com a Web no Ensino Fundamental

Para melhor compreensão do uso da Internet como ferramenta pedagógica no Ensino Fundamental pelo Colégio 7 de Setembro, com a utilização do Portal Educacional e que se configura como uma experiência significativa da exploração do potencial da rede na educação formal brasileira, faz-se necessário reaver gênese e evolução.

Pela reconstrução do crescimento histórica da relação entre o Colégio 7 de Setembro e o Portal Educacional, buscamos compreender o início da experiência com o Portal Educacional, os fatores que levaram à sua concretização, bem como toda a trajetória ao longo dos primeiros dois anos, de forma a que possamos apreender esse processo no maior número possível de aspectos, sobretudo aqueles relativos à capacitação e a relação com os professores.

Acredito que a experiência do Colégio 7 de Setembro com a Internet no Ensino Fundamental constitui um processo que deve ser pesquisado e analisado, uma vez que esta poderá ser referência a outras experiências de trabalho com a Web como ferramenta pedagógica por intermédio de portais educativos. Releva dizer que a importância dessa experiência não se configura apenas pelo aspecto quantitativo, e ainda por se tratar do que pode ser considerada a maior experiência de integração da Internet no Brasil, mas, sobretudo, pela riqueza qualitativa proporcionada por esse processo junto aos educadores do C7S, suas aprendizagens, reflexões e perspectivas sobre a utilização da Internet como ferramenta pedagógica.

Neste momento, a necessidade de delinear uma metodologia de pesquisa aflora com maior intensidade na tecitura deste trabalho. Nosso objeto já tem a forma modelada pelos dois primeiros recortes: no primeiro, optamos por pesquisar a utilização dos portais educativos no Ensino Fundamental no universo de uma escola privada. No segundo recorte, definimos delimitar a pesquisa, analisando a experiência do Colégio 7 de Setembro – sede Aldeota, com o Portal Educacional, do Grupo Positivo.

Inicialmente tivemos um contato de caráter institucional com o C7S, na realização de entrevista do tipo semi-estruturada com o diretor pedagógico, prof.

Clayton Lima. Nesse encontro, ele mostrou-se receptivo à pesquisa e um entusiasta da utilização do Portal Educacional pelo Colégio.

A partir desse contato inicial com a direção, realizamos duas visitas ao C7S. Conversamos informalmente com o coordenador de Informática Educativa da sede Centro, prof. Darlan Machado, e alguns professores da área. Os primeiros contatos foram realizados no C7S Centro, por ser a sede da Direção Pedagógica do 7 de Setembro. Nesses primeiros contatos com os professores, pude perceber certo desconforto quando abordava o tema Portal Educacional.

Na sede Aldeota, meu primeiro contato foi com o prof. Dermeval Carneiro, coordenador do Departamento de Multimídia, setor do Colégio responsável pela gestão do Portal Educacional. O pesquisador foi apresentado pelo prof. Dermeval aos supervisores, coordenadores e à profa. Edinilze Soárez, diretora do Colégio. Nesta visita conhecemos os laboratórios de Informática e as demais instalações do C7S.

A partir deste momento e ao longo de todo o primeiro semestre de 2003, realizamos várias visitas ao Colégio. Inicialmente, procuramos conhecer a organização interna, saber das atribuições dos profissionais e as metodologias de trabalho. Buscamos também observar a cultura do Colégio, seus códigos e valores. Nesse período de observações sistemáticas sobre o funcionamento do C7S e de sua relação com o Portal Educacional, procuramos ainda, identificar os interlocutores de nossa pesquisa, apresentar-lhes nossa proposta de trabalho, estabelecer contatos, construindo gradualmente relações de confiança e formando uma base ampla de informações.

Neste momento de trabalho de campo, tornou-se clara a necessidade de uma metodologia qualitativa para esta pesquisa. De fato, a complexidade da teia de fontes de informações, a experiência única com a Internet no Ensino Fundamental e nossa proximidade com esse universo exigiam uma proposta que nos permitisse estabelecer um diálogo com a riqueza de possibilidades da realidade com que nos deparamos no cotidiano do Colégio.

Segundo Geraldo Romanelli e Biasoli-Alves, em *Diálogos Metodológicos sobre a Prática de Pesquisa*, a proposta qualitativa pode ser considerada como

“um processo indutivo de analisar dados descritivos da realidade, tendo como foco a fidelidade ao universo da vida cotidiana dos sujeitos: observados e/ou entrevistados. Sua função seria apreender o caráter multidimensional dos

fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de experiências vividas” (ROMANELLI e BIASOLI-ALVES Orgs., 1998:149).

Dessa forma, as abordagens qualitativas supõem o contato direto do pesquisador com o ambiente e com o problema que está sendo investigado, sua inserção no universo do objeto e a (re)elaboração das questões e o aprofundamento da compreensão do problema à medida que a pesquisa vai se desenvolvendo. Como sintetizam Ludke e André

“A justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto. Sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se inserem são essenciais para que possa entendê-los” (1986:12).

De fato, as delimitações desta pesquisa só ganharam contornos mais firmes e definitivos a partir das nossas atividades de campo. Foi a partir das conversas, do envolvimento com os educadores do Colégio que remodelamos paulatinamente as idéias e o nosso objeto. Durante nossa vivência no cotidiano do Colégio, a coleta de informações diluiu algumas poucas certezas, refez caminhos, conduziu-nos a novos rumos e descobertas.

Não trabalhamos com hipóteses, mas acreditamos que se as tivéssemos, certamente teriam ruído diante da riqueza da realidade que encontramos no C7S. Assim, a escolha da abordagem qualitativa, sem abrir mão do rigor metodológico, deu-nos a liberdade para elaborar nossas reflexões na medida exata em que mais nos aprofundávamos na realidade de nosso objeto e coletávamos informações nas entrevistas.

As metodologias qualitativas pressupõem maior relevância dos aspectos subjetivos da ação social e reafirmam a incapacidade dos métodos quantitativos ou estáticos de responder às questões dos fenômenos complexos e únicos, como a utilização de um Portal Educativo pelo Colégio 7 de Setembro.

Dentro da esfera das metodologias qualitativas, encontramos no estudo de caso a proposta metodológica mais adequada à nossa pesquisa. A partir do trabalho de campo, ficou claro que precisaríamos dialogar com diversas fontes de informação: no primeiro momento, com os coordenadores, tendo como objetivo a construção de uma narrativa coletiva, que reconstruísse os dois primeiros anos de

experiência do C7S com o Portal Educacional, mais especificamente, no Ensino Fundamental; em um momento posterior, diante das novas questões resultantes do andamento da pesquisa, entrevistaremos os professores do Ensino Fundamental da sede Aldeota do Colégio.

Uma das características essenciais do Estudo de Caso é exatamente a possibilidade de poder o pesquisador dialogar com várias fontes de informação. Segundo Ludke e André, “quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso”. (1986:17). Acreditamos que nosso objeto é único, uma representação singular da realidade, multidimensional e historicamente situada.

Outra marca do estudo de caso é abordar fenômenos contemporâneos complexos, dentro do contexto de vida real, buscando respostas para as questões: “Como?” ou “Por quê?”, como as que chegaremos ao final deste capítulo. Ainda sob os marcos do estudo de caso, apresentaremos um relato mais acessível, por vezes, informal, narrativo e descritivo.

Seguindo a metodologia do estudo de caso, procuramos realizar um levantamento de dados com base nos seguintes procedimentos: observações no cotidiano do Colégio, obtenção de documentos e registros do Portal Educacional e do C7S e as entrevistas. De fato, em nosso trabalho, as entrevistas desempenharam um papel fundamental.

Por entrevista compreendo a interação, o diálogo possível entre duas pessoas, no qual uma delas – o entrevistador – busca obter informações do outro, o entrevistado. Como instrumento de coleta de dados, está submetida aos cânones do método científico – a busca da objetividade, de captação do real. Apesar desse rigor, a entrevista admite obter mais do que informações objetivas, pois permite a captação da subjetividade, das emoções, dos valores e dos sentimentos, valores e crenças, além das expressões não verbais, como gestos, posturas, expressões.

Para a reconstrução da experiência do Colégio 7 de Setembro com utilização do Portal Educacional, optamos por entrevistar os coordenadores. Na estrutura do C7S-Aldeota, há 9 (nove) coordenadores, responsáveis por agrupamentos de séries, disciplinas, ou atividades-fim. Logo acima, no organograma do Colégio, estão os 4 (quatro) supervisores (1ª à 4ª, 5ª à 8ª, Ensino Infantil e Ensino Médio). Acima dos supervisores, está o prof. Clayton, que é o diretor-pedagógico para todas as unidades do Sete de Setembro.

Os coordenadores lidam direta e cotidianamente com os professores e alunos. Eles é que realizam a mediação entre os professores e a direção da Escola, desenvolvem e acompanham a execução das metodologias de ensino e aprendizagem, são os interlocutores de professores e alunos. Ao todo, são 10 coordenadores. Pela relevância do papel pedagógico, entrevistamos 7 (sete) coordenadores, incluindo neste grupo os coordenadores de Informática Educativa e do Departamento de Multimídia do Colégio, alcançado o expressivo percentual de 77% do universo dos coordenadores.

A idéia inicial era de realizar entrevistas com todos os coordenadores, mas percebemos certa resistência de três coordenadores, que protelavam a marcação da entrevista. Escolhemos não entrevistá-los, uma vez que já havia uma amostra mais que significativa, e por acreditarmos na importância de um diálogo espontâneo com nossos interlocutores e fontes de informação.

Todas as entrevistas com os coordenadores foram marcadas com bastante antecedência. A cada um deles apresentamos nosso projeto de pesquisa e a metodologia a ser empregada na entrevista, explicando que as entrevistas seriam gravadas, com, no máximo, uma hora de duração. Outro aspecto que fizemos questão de esclarecer, no entanto, foi o fato de que, ao contrário dos professores, os coordenadores seriam identificados; e que eles poderiam não responder a questões quando não se sentissem à vontade. Vale ressaltar que nenhum dos coordenadores entrevistados se valeu desse recurso. Em algumas entrevistas, algumas respostas não foram dadas, mas por desconhecimento de questões específicas, não sendo registrado nenhum pedido para não responder às questões apresentadas. Apesar desse acordo com os coordenadores, optamos por preservar a identidade. Excetuando-se o coordenador do Departamento de Multimídia, que fala em nome do Colégio, os demais coordenadores serão identificados por pseudônimos.

Todas as entrevistas foram realizadas em uma dependência anexa à sala do Serviço de Orientação Pedagógica (SOP), onde os coordenadores trabalham. A metodologia adotada nas entrevistas foi a semi-estruturada²¹: para cada entrevistado, utilizamos um roteiro de tópicos previamente escolhidos. Dessa forma, buscamos estabelecer uma abordagem mais flexível, dando margens para *insights* e

³⁴ Foram entrevistados os seguintes Coordenadores: de Biologia da 8ª série, de Química da 8ª série, de Matemática de 5ª à 8ª séries, de História e Geografia de 5ª a 8ª, de Matemática de 1ª à 5ª, além da coordenadora de Informática e do Departamento de Multimídia (Prof. Dermeval Carneiro).

o tratamento de questões específicas à área de cada coordenador.

São os coordenadores, juntamente com o diretor, Prof. Clayton Lima, que nos contam a origem, os primeiros passos e a evolução da experiência do C7S com o Portal Educacional.

3.1 Surge a necessidade da Internet

O primeiro passo na direção da Internet foi a criação, em abril de 1997, de um sítio para o Colégio, de caráter meramente institucional. Um ano antes, o C7S participara de uma tentativa fracassada de montar um provedor de acesso em sociedade com os Colégios Farias Brito e Christus. Em 1999, o sítio do Colégio passou a ser hospedado em um servidor próprio, e a usar o domínio www.7desetembro.com.br, além de oferecer contas de *e-mail* para os alunos. Foi feita toda uma campanha de divulgação em rádio, jornal e TV, alardeando o fato de ser o primeiro colégio do Ceará a oferecer esses recursos a todos os alunos.

Amadurecia a necessidade de o Colégio 7 de Setembro integrar a Web em suas atividades didáticas e de contar com um sítio que fosse mais do que uma vitrine institucional. Como em todos os colégios, a Internet chegou por meio dos alunos, muitas vezes sob a forma de trabalhos escolares com conteúdos surpreendentes e desconhecidos aos olhos dos professores.

Paralelamente ao crescimento da demanda dos alunos por atividades com a Internet, crescia a insatisfação com os resultados do sítio. A rede começava a repercutir no Colégio, entre professores e alunos. Assim, chegar à Internet foi uma evolução “natural”. O surgimento de alguns projetos que demandavam o uso da rede mundial de computadores foi um fator decisivo para que a necessidade da Web chegasse à Direção do C7S, que vislumbrou na Web a possibilidade de melhorar a comunicação com os pais de alunos. “De repente nos vimos precisando da Internet mesmo sem ter noção de onde chegaríamos”, resume o Diretor Pedagógico do Colégio.

Nesse momento, surgiu a questão: desenvolver um sítio educativo com os professores e técnicos do C7S, ou adotar uma solução pronta? Afinal, o C7S

contava com uma equipe de coordenadores e professores com uma experiência de quase uma década de trabalho no desenvolvimento e na aplicação de projetos de Informática Educativa, além de técnicos em informática e servidores de rede.

O debate em torno da escolha do modelo Portal e dentro desse modelo, o Portal Educacional, deu-se em um círculo restrito. Além do diretor Clayton Lima, apenas o coordenador, Dermeval Carneiro, do Departamento de Multimídia, afirma ter participado dessas decisões. Clayton Lima relata como se deu a opção por não desenvolver um Portal próprio e a terceirização desse serviço:

“tivemos que escolher entre partir para o desenvolvimento próprio e gastar mais tempo e ter mais estrutura de pessoal, para poder realmente tornar a página algo ainda mais produtivo na metodologia educacional, ou ganhar tempo nos associando a um projeto já em andamento” (LIMA, 2002).

O Coordenador do Departamento de Multimídia do C7S acentua que o desenvolvimento de um Portal próprio para o C7S era um projeto seu, mas que não foi implantado diante de outras prioridades. “Pra gente montar um Portal o Departamento de Multimídia que é esse que eu fundei no Colégio, tinha que ser ampliado em quantidade de pessoas, infra-estrutura”. (CARNEIRO, 2003)

Decidida a contratação de um Portal, restava definir qual seria o contratado. Mais uma vez, uma decisão restrita a um pequeno grupo. Dermeval Carneiro relata que ele e o prof. Clayton Lima pesquisaram vários Portais:

“Passei 4, 5 meses olhando vários portais educacionais, tanto os que ele (Prof. Clayton) indicou como os que eu ia pesquisando. (...) Pesquisei muito esse Educacional, e eu disse: olha Clayton, pra mim, o Educacional é o melhor Portal educacional do Brasil, quiçá, da América Latina” (CARNEIRO, 2003).

O que levaria, porém, o Coordenador do Departamento de Multimídia do C7S a essa avaliação? Carneiro lista uma série de fatores, como o maior número de arquivos, de páginas e de serviços para os alunos e pais, a quantidade de recursos de fomento à pesquisa, como enciclopédias; o grande número de jogos e projetos, como as oficinas do livro, mas destaca a questão financeira:

“a linha de trabalho do Educacional foi a mais parecida com o trabalho do 7 de Setembro, com a filosofia do colégio de atendimento aos pais e atendimento aos alunos” (...) quando veio a negociação financeira, porque é realmente muito caro, eles aqui cederam a valor que foi razoável pelo colégio, se você for olhar é uma soma de detalhes” (CARNEIRO, 2003)

Como é perceptível, a questão pedagógica foi efetivamente relegada a um

segundo plano no momento da escolha do Portal Educacional. Essa questão seria decidida tendo como base apenas os fatores financeiros e de *marketing*, como nos conta o Diretor Pedagógico do 7 de Setembro:

“Pesquisando o mercado, descobrimos que alguém já tinha feito isso (o que buscavam), já havia iniciado essa caminhada (...) fizemos uma comparação, uma avaliação com outros portais, fizemos também uma avaliação de como haveria uma integração entre este portal e a nossa página e aí fizemos também uma avaliação dos custos (...) o Positivo, para manter o educacional, ele tem uma equipe de duzentas pessoas, entre pesquisadores, professores, técnicos, trabalhando para alimentar o portal com recursos que sejam de interesse do aluno. Ora, a minha equipe aqui tinha três pessoas, que cuidavam da página” (LIMA, 2002).

É útil ressaltar que a integração a que se refere o Diretor não diz respeito à adequação dos conteúdos e da metodologia do Educacional ao projeto pedagógico e ao planejamento do 7 de Setembro, mas à troca do sítio do Colégio pelo Portal Educacional, de forma que a comunidade escolar não percebesse a terceirização do sítio do C7S.

Para o *marketing* do Sete de Setembro, esse foi um fator decisivo, vez que para os pais de alunos e alunos, o Portal Educacional é o Portal do Sete de Setembro. Para o colégio, um diferencial significativo na disputa pelo mercado da Educação, agregando valores como modernidade, tecnologia e vanguarda à tradição do C7S. A utilização do Portal como ferramenta da diferenciação mercadológica é patente.

Por ocasião de seu lançamento, o Colégio preparou um *folder* e um manual ilustrado para apresentar os principais recursos do Portal, que foram entregues aos pais juntamente com o *login* e senha de acesso. Na capa do *folder*, destaca-se o título “Aprender ficou ainda mais fascinante”, colocado logo acima da imagem de uma sorridente família reunida diante do computador. Na página seguinte, vamos encontrar o seguinte texto de apresentação:

“A partir do dia 7 de setembro, pais e alunos iniciarão a mais fascinante viagem ao mundo da tecnologia educacional. Trata-se do www.c7s.com.br, o portal do 7 de Setembro, planejado em parceria com o Educacional, um dos mais completos portais de educação do país. Além das poderosas ferramentas de aprendizado e pesquisa, pais e alunos vão poder contar com interatividade e serviços on-line. Porém, o mais importante é que sua escola planejou a inclusão destes recursos no dia-a-dia da sala de aula, o que garante um contato vivo com a Internet no seu aspecto mais proveitoso:

desenvolvimento educacional e humano³³ (grifos nossos).

Desde então, em todas as peças publicitárias, anúncios, propagandas na TV, *banners*, revistas e jornais internos e outros impressos destinados ao público em geral, pais, e alunos, o C7S alardeia a utilização pelos alunos do “melhor portal educacional do Brasil”. Até mesmo no próprio Portal, o Colégio, como, por exemplo, na página que apresenta a proposta pedagógica do C7S para o ensino fundamental. Sob o título “Um Ensino Baseado em Excelência”, lista, entre sete itens, o seguinte: “O uso das tecnologias nas salas de aula, inclusive Internet, com o desenvolvimento de atividades e projetos especiais através do melhor portal educacional do país – www.c7s.com.br”³⁴.

Na visão dos coordenadores, porém, como se deu esse processo de integração da Internet, através de um Portal Educacional? Como os professores foram capacitados para trabalhar com a Web? Como sucedeu a integração ao planejamento do Colégio? O que pensam os educadores do 7 de Setembro sobre o Portal? Como ele está presente na vida do Colégio? Em que medida, passados dois anos de sua implantação, as ferramentas do Portal estão sendo utilizadas? Para buscar respostas para essas e outras questões, elaboramos, a seguir, uma narrativa da gênese e da evolução da relação Professores-C7S-Portal Educacional, a partir dos depoimentos dos coordenadores do Colégio.

3.2 Educacional, uma escolha que os educadores não fizeram

O processo de escolha do modelo Portal, e, mais especificamente, do Portal Educacional, apesar de suas implicações metodológicas e didáticas, como fica evidente nos depoimentos há pouco transcritos, ocorreu sem nenhuma consulta ou participação dos professores do C7S. Ao contrário, foi uma decisão de caráter eminentemente administrativo, determinada pela cúpula dirigente do Colégio, que deu início à relação C7S-Portal Educacional.

³⁴ Folder distribuído pelo C7S em setembro de 2001, quando do lançamento do Portal. Anexo 1.

³⁵ Texto disponível em www.c7s.com.br/ensinofundamental.asp?menu=proposta em 29.04.2003.

Pelo que pudemos apurar nos relatos informais e entrevistas, de todos os coordenadores do Colégio, apenas o Coordenador do Departamento de Multimídia participou diretamente do processo de escolha, juntamente com o diretor Clayton Lima, além, é claro, dos proprietários do C7S.

Os coordenadores – e sobretudo os professores – foram surpreendidos com a incorporação da ferramenta pedagógica Web ao Colégio, como podemos ver:

“Quando nós coordenadores viemos saber do Portal já estava tudo acertado” (JOAQUINA, 2003).

“Eles (a Direção) comunicaram que estava sendo feita uma parceria, né? E que nós iríamos ter esse instrumento de trabalho com a gente. Mas não foi nada, digamos, debatido, conversado (...) Foi apenas algo, ao meu ver, positivo, mas imposto” (RAFAEL, 2003).

Essa relação, colocada de forma impositiva, de cima para baixo, talvez explique algumas das reações e dos sentimentos dos educadores quanto à presença do Portal no cotidiano da escola, o que é cristalino na pesquisa com os professores, que apresentaremos no quarto e último capítulo.

Entre os demais coordenadores pesquisados, apenas o prof. Pedro, de Biologia, chegou a ser consultado sobre a escolha do Portal Educacional, mas por um mero acaso: ele havia participado de uma feira de produtos e serviços educacionais em São Paulo e visitado um stand do Educacional, oportunidade em que se identificou como do C7S e navegou pelo Portal Educacional:

“Chegaram a ligar para mim. - Rapaz, o que você achou (referindo-se ao Educacional)? - Rapaz eu gostei muito do Portal” (PEDRO, 2003).

O distanciamento dos professores do processo decisório sobre a contratação do Portal Educacional é um episódio da história da relação portal x C7S que merece uma reflexão, como nos sugere Kenski ao questionar: “Será que vamos delegar essa função, que nos é específica – dos professores – a outros técnicos que não vivenciam o cotidiano escolar?” (2003:50).

A relação do 7 de Setembro com o Portal teve início no mês de setembro de 2001, em pleno andamento do segundo semestre letivo, e, não por acaso, exatamente no mês de aniversário de 66 anos do Colégio. Nesse período, o Portal

não chegou a ser utilizado efetivamente pelo Colégio, sendo apenas apresentado a professores e alunos, bem como no cadastramento de senhas.

Ainda nesse interregno da implantação ao início das atividades escolares com o Portal, foi realizada a chamada “sensibilização” dos professores, objeto de maior detalhamento em outro tópico deste capítulo. Pelo relatos obtidos, a “sensibilização” é uma espécie de apresentação do Educacional aos professores, onde são exibidos os recursos e ferramentas do Portal. Esse termo também é empregado pelo Educacional como sinônimo de treinamento, de capacitação dos professores das escolas conveniadas.

Excluídos do processo de escolha de uma ferramenta que passaria a ser incorporada ao planejamento e às aulas, os professores foram avisados da contratação do Portal Educacional em reuniões com os coordenadores. Estes, por sua vez, foram avisados em reunião com a supervisão e a direção do C7S, como relata o prof. Pedro:

“teve uma reunião aqui no auditório (C7S-Aldeota), eles fecharam contrato, levaram todo mundo para esse auditório, o pessoal lá de Curitiba apresentou a ferramenta, as virtudes, mostrou suporte” (PEDRO, 2003).

A escolha do modelo portal e o Portal Educacional, além da exclusão dos educadores do processo decisório restrito, do caráter impositivo à escola, também chama a atenção pelo total distanciamento da equipe de Informática Educativa do Colégio.

3.3 A Informática Educativa no C7S e o Portal: universos paralelos

Desde 1993, o C7S conta com uma equipe especializada em Informática Educativa, com coordenação e equipe própria de professores. É um grupo com uma vasta experiência no uso de computadores como ferramenta pedagógica e que ao longo dos anos desenvolveu projetos envolvendo desde o LOGO a *softwares* educativos, produzindo livros didáticos e administrando os laboratórios de informática do C7S. Alguns dos livros publicados pela equipe de I.E. do 7 de Setembro são adotados por outros colégios.

Acreditamos que o processo mais lógico no momento em que a Internet – mais especificamente um Portal – é incorporado ao Colégio, seria a integração da equipe de Informática Educativa a esse projeto. Estranhamente, isso não só não aconteceu, como a área de Informática Educativa do C7S não foi sequer consultada, não tendo nenhuma participação no processo de implantação, capacitação de professores ou qualquer outra atividade relacionada ao Portal Educacional. A coordenadora de Informática Educativa, Joaquina, assim descreve a implantação do Portal:

“Eu fiquei surpresa (com a implantação do Portal) por ser da área de informática, não só eu, juntamente com o Prof. Darlan, que é o coordenador do (C7S) Centro, a gente não estava sabendo pelo menos que havia esse interesse da escola, eu não digo nem que a gente fosse participar da escolha, mas que pelo menos perguntasse o que é que você acha?” (JOAQUINA, 2003).

O Portal C7S-Educacional é administrado pelo Departamento de Multimídia, sob o comando do prof. Dermeval Carneiro. Este setor do Colégio foi criado quando da contratação do Portal e gerencia a prestação dos serviços do Educacional ao Colégio, tendo, entre outras tarefas, o controle das senhas, acessos e conteúdos. Também é sua responsabilidade a atualização das páginas institucionais do Portal-C7S.

À Coordenação de Informática cabe a responsabilidade pelos projetos de Informática Educativa e do ensino de Informática. E aqui faz-se necessário situar a área de Informática e os Projetos de Informática Educativa do Colégio. O Colégio 7 de Setembro emprega os computadores como ferramenta pedagógica no Ensino Fundamental apenas da 1ª à 4ª série. Para essas séries, o Colégio desenvolve vários projetos interdisciplinares, com a utilização de vários *softwares* por série e 4 (quatro) livros de atividades e apoio escritos pelo coordenador de Informática da unidade Centro (prof. Darlan Machado) em parceria com outros autores, e publicados pela Editora Ypiranga, de propriedade do C7S.

Todo o projeto de Informática Educativa para as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental foi elaborado pelo prof. Mardônio Lucena, proprietário da empresa Cognitiva, terceirizada do Colégio, e que trabalha como consultor do C7S. As atividades de Informática Educativa da sede Aldeota do C7S são realizadas em 3 (três) laboratórios de informática e 3 (três) professores exclusivos para os alunos da 1ª à 4ª série. Estes laboratórios foram projetados especificamente para uso infantil.

Da 5ª à 8ª série, a área de Informática Educativa do C7S-Aldeota utiliza os computadores de dois laboratórios de informática. Por deliberação do Colégio, há seis anos o C7S deixou de trabalhar com projetos de Informática Educativa no Ensino Fundamental II, dedicando-se ao ensino sobre computadores e aplicativos básicos; ou seja, há seis anos os alunos da 5ª à 8ª série não aprendem com os *softwares*, mas sobre *softwares*.

Atualmente, os alunos da 5ª Série aprendem *Windows*, os da 6ª *Word* (editor de textos) e *PowerPoint* (programa de apresentação); os da 7ª estudam *Excel* (planilha eletrônica), enquanto os de 8ª série aprendem *Access* (banco de dados) e *FrontPage* (criação de sítios). Ressaltemos que informática nessas séries é uma disciplina como qualquer outra, com avaliação por provas, podendo aprovar ou reprovar os alunos.

E aqui constatamos um fato significativo: a partir das observações ao longo do semestre, da análise da programação da área de Informática, chegamos à conclusão de que, passados dois anos de sua implantação, o Portal Educacional não faz parte das atividades de Informática Educativa (1ª à 4ª) e da disciplina de Informática (5ª à 8ª). Portal e Informática Educativa não interagem. Nesse período, não houve nenhuma mudança no projeto de Informática Educativa para que contemplassem os recursos do Portal. Folheando os livros de atividades/apoio, não encontraremos nenhuma referência ao Portal. Tampouco o questionável ensino de informática vale-se das ferramentas do Educacional; ou seja, apesar de a Internet constituir-se como um poderoso recurso da Informática Educativa e passados dois anos de relação com o Portal Educacional, no C7S, esses dois campos convergentes estão completamente distantes, numa visível e estranha disputa, como se não fossem intrinsecamente associados.

Enquanto a área de Informática Educativa reclama da exclusão, o Departamento de Multimídia critica a ausência de envolvimento com o Portal. Isso soa ainda mais estranho quando percebemos que os projetos de Informática Educativa valem-se dos recursos da Internet: em algumas das atividades da 1ª à 4ª série, os alunos navegam pela Web, mais exatamente pelo sítio da empresa Cognitiva (www.cognitiva.com.br) – o sítio da empresa do autor do projeto de Informática Educativa do Ensino Fundamental I, onde desenvolvem algumas atividades.

Para a área de Informática Educativa, a Internet faz parte de suas

atividades, mas o Portal Educacional não. Tentamos discutir essas questões com o prof. Mardônio Lucena, da empresa Cognitiva, mas ele não aceitou que a entrevista fosse gravada, pedindo que as questões da pesquisa fossem enviadas por *e-mail*, com o que não concordamos, tendo em vista a necessidade de registro documental.

Em conversas informais com professores, ouvi relatos de que o prof. Mardônio Lucena, mesmo sendo muito respeitado pelo Colégio, também não foi consultado em nenhum momento sobre a implantação do Portal e que é um crítico do uso do Educacional, daí por que o mantém distante do planejamento de Informática Educativa. Nos relatos informais, ficou claro que a crítica do prof. Mardônio envolve também uma disputa comercial, visto que para ele, o Educacional é um concorrente da Cognitiva.

Na área de Informática Educativa, o Portal Educacional é utilizado apenas em algumas aulas extras, aos sábados, quando os alunos participam de oficinas, como a do Livro do Ziraldo. Evidenciamos que as aulas-extras acontecem aos sábados e são optativas para os alunos. Segundo relato de professoras, a participação dos alunos é muito pequena.

Nas quatro últimas séries do Ensino Fundamental, o ensino de informática ocupa a quase totalidade dos horários dos dois laboratórios de Informática destinados a estas séries. Segundo a coordenadora de informática, a disponibilidade de horários livres é muito pequena. Além do fato de que os laboratórios são destinados às atividades da área de I.E., a grade de horários destes equipamentos é diferenciada dos horários das aulas do Ensino Fundamental. Dessa forma e com o agravante do grande número de turmas por série, a utilização dos laboratórios de Informática para quaisquer atividades com o Portal torna-se inviável.

Como podemos facilmente perceber, a utilização do Educacional nas quatro primeiras séries é mínima, restCarlota apenas a projetos, em horários extraordinários, em que a presença de alunos é praticamente nenhuma, pois não se trata de atividade curricular.

Já nas quatro últimas séries do Ensino Fundamental, os alunos não aprendem com os computadores, mas sobre os computadores. Assim, podemos inferir que a utilização do Portal Educacional, ao contrário do que se poderia supor, não ocorre nos laboratórios de Informática do Colégio 7 de Setembro. Então, onde o Portal é utilizado? Na sala de aula?

E aqui nos deparamos com uma situação no mínimo curiosa: quando

entrevistamos o Diretor Pedagógico do C7S, ele nos informou que o Portal Educacional era mais utilizado pelas turmas de 1ª à 4ª série. Ao longo da pesquisa, por diversas vezes, nos deparamos com a informação de educadores do Ensino Fundamental I de que o Portal era mais utilizado pelas turmas de 5ª à 8ª série e educadores dessas séries nos afirmando que o Educacional era mais presente nas 4 primeiras séries. Então à questão anterior, acrescentamos outras: que séries do Ensino Fundamental do Colégio 7 de Setembro efetivamente usam o Portal? Prossigamos em busca da resposta para essa questão, a partir da trajetória do Educacional no Colégio.

3.4 A expectativa dos professores

O anúncio da contratação e a apresentação do Portal foram muito bem recebidos pelos professores. Como relatam os coordenadores entrevistados, o anúncio de que o Colégio passaria a incorporar a Internet como ferramenta pedagógica, embora representasse uma situação completamente nova, provocou uma expectativa otimista, apesar de alguma natural preocupação com o novo.

Carlota, Coordenadora de Matemática de 1ª à 4ª série, afirma que o anúncio da chegada do Portal originou um clima de euforia entre os professores de sua equipe, principalmente pela expectativa de que essa ferramenta ajudasse a promover uma qualidade ainda maior das aulas:

“foi a melhor possível (a receptividade), bem esperançosa, motivada para tudo, achando que ia ser assim, o que a gente estava precisando para melhorar as aulas” (CARLOTA, 2003).

A expectativa positiva quanto ao uso dos conteúdos do Portal nas aulas também está presente no relato de outros coordenadores. Miguel, coordenador de de uma disciplina de 5ª à 8ª e de Física da 8ª série, conta que

“quando o Portal chegou a gente tinha uma expectativa muito boa que tivesse muito material que a gente pudesse disponibilizar” (MIGUEL, 2003).

Entre os professores de Biologia o sentimento inicial causado pelo anúncio da utilização do Portal é descrito pelo Coordenador Pedro como de euforia

“até porque a escola saiu na frente, não tinha outra escola, aqui em Fortaleza que tivesse o Portal, que cada um ia ter um e-mail, os professores todos poderiam fazer aquele intercâmbio, foi uma coisa eufórica mesmo” (PEDRO, 2003).

Nem todos, porém, receberam o Portal de forma tão otimista. Se não houve reações negativas à novidade, alguns grupos de professores adotaram uma postura mais cautelosa diante do Portal, como os professores de História e Geografia, que segundo o Coordenador do grupo, receberam o Portal “com reservas” (RAFAEL, 2003).

Mesmo entre os professores que receberam com entusiasmo, houve quem ficasse preocupado com o anúncio da chegada do Portal, como nos conta o coordenador Miguel,

“eles (os Professores) ficaram satisfeitos mas preocupados, com aquela reunião, com aquela informação de que é preciso utilizar o Portal e os professores muitos ainda sem computador, sem essa prática de utilização, e aí o nervosismo, a tensão foi muito grande, os professores preocupados, como é que iam conseguir de uma hora para outra” (MIGUEL, 2003).

É interessante constatar que, mesmo se tratando de algo completamente novo no universo do Colégio, a Internet foi recebida com uma expectativa favorável pelo conjunto dos professores, como apontam os relatos. Mesmo havendo posicionamentos mais reticentes, não encontramos nenhum depoimento, mesmo que informal, sobre rejeições ao Portal em seus primeiros momentos no Colégio.

3.5 A capacitação dos professores

Após o anúncio da chegada do Portal, o próximo passo significativo foi a formação dos professores para o trabalho com a nova ferramenta pedagógica do Colégio, um processo essencial que o Educacional denomina como “sensibilização” dos professores.

Conforme o relato dos coordenadores entrevistados, a capacitação dos

professores do C7S pelo Portal ignorou por completo os diferentes níveis de conhecimento e experiência dos docentes sobre as ferramentas da Internet, além de apresentar várias limitações:

“não foi bem um treinamento, foi apenas uma exposição, tá? Do Portal, supondo que todos os professores já dominem, pelo menos em parte, o uso desse instrumento” (RAFAEL, 2003).

“treinamento propriamente dito não, mais nós já tivemos com a coordenação do portal aqui em Fortaleza, a Viviane Pereira⁵⁰, ela já em reuniões, eu acredito que umas três vezes ela participou de reuniões trazendo informações sobre o que tinha no Portal, onde encontrar determinadas coisas, nos entregou o manual com informações gerais sobre o Portal, mas curso mesmo, não” (MIGUEL, 2003).

A curta duração do treinamento, a metodologia empregada, não atendeu às necessidades dos professores, de acordo com as entrevistas dos coordenadores. A capacitação para todo um conjunto de novas e poderosas ferramentas de comunicação e ampliação dos processos psicológicos superiores, sobretudo em grupo de educadores com vários graus de conhecimento sobre a Internet, não poderia ser dada aos professores num espaço de aproximadamente duas horas, sobretudo quando o objetivo é integrar a rede no processo de ensino e aprendizagem.

E no que consistia esse “treinamento”? Segundo descrevem os coordenadores, a “sensibilização” pode ser entendida como uma navegação, na qual a representante do Educacional apresenta os recursos e serviços do Portal, de acordo com os professores presentes. Essa conceituação amplia o entendimento do que vem a ser a “sensibilização” realizada pelo Portal.

Dessa forma, a um grupo de professores de História, por exemplo, são mostradas as páginas, recursos, enfim, todos os conteúdos desse campo de conhecimentos disponíveis no Educacional para esse campo do conhecimento.

Como empregar esses recursos, porém, se o professor não sabe utilizar o correio-eletrônico, se não sabe navegar? Ou se é um usuário já familiarizado com a rede, saberá trabalhar adequadamente os recursos do Portal em sala de aula? Sobre essas questões, o Coordenador Rafael faz lúcida reflexão:

“Eu acho que seria interessante é não só mostrar ao professor o que tem no Portal dentro da área dele, como também orientá-lo na hora de utilizar, a gente tem que adequar o conteúdo de sala de aula ao material preparado como apoio

didático que tem no Portal (...) não pode ser numa tarde que eles vão fazer essa capacitação, senão vai ser uma amostragem como a Coordenadora Técnico-Pedagógica³⁴ faz na nossa reunião, ela mostra na internet o que é que o Portal tem, que conteúdos ele traz de apoio didático e pronto, mas aí o professor é que vai ter que trabalhar no sentido de como eu vou fazer essa aula utilizando isso?” (MIGUEL, 2003).

Além da insuficiência de carga horária, e das limitações dos conteúdos abordados, agravou as atividades de “sensibilização” para o Portal pelo menos um problema com a estrutura de redes do C7S. Logo em sua primeira experiência prática com o Portal, alguns professores saíram com a sensação de frustração, como nos conta a Coordenadora Carlota,

“o treinamento do Portal foi pouco e falho. Inclusive uma que nós fomos com os professores (...) chega a hora da aula, dá uma pane no computador, isso aqui saiu de não sei de quê, aquele saiu de não o que (...) o momento que ia ser importantíssimo para a os professores e pra gente coordenador foi uma decepção pra todo mundo (..) aconteceram outras vezes e decepciona todo mundo preparado para aquele negócio que vai ser legal” (CARLOTA, 2003).

As falhas apresentadas na rede referem-se à baixa velocidade da linha de acesso à Internet. Quando os professores acessavam simultaneamente a Internet, a velocidade, e por vezes a rede, caíam, inviabilizando a “sensibilização”. O fato é reconhecido pelo Coordenador do Departamento de Multimídia e levou a que o C7S investisse na ampliação da velocidade de acesso, no início de 2003.

Passados quase dois anos após a “sensibilização” dos professores para o Portal, vamos encontrar no relato dos coordenadores uma elaboração crítica quanto à capacitação. O Coordenador Pedro, construiu uma imagem para avaliar a capacitação oferecida pelo Portal, que, por suas limitações, acabou por diluir toda uma expectativa favorável entre os educadores:

“o que nós tivemos foram pequenas palestras para a apresentação do portal, para que o professor aprendesse a navegar. (...) Na realidade houve um contrassenso. Surgiu uma onda imensa (o interesse pelo Portal) e a gente não sabia se equilibrar em cima da prancha, o Portal veio, a Internet veio e as pessoas que deveriam colocar isso em prática não estavam preparadas para isso” (PEDRO, 2003).

Entre a expectativa inicial e as primeiras decepções, chegou a hora de planejar o primeiro ano letivo com o Portal integrado ao Colégio.

³⁴ A coordenadora técnico-pedagógica do Portal Educacional em Fortaleza, é a profissional responsável pelo atendimento ao Colégio 7 de Setembro, tendo, entre outras missões, a de treinar os professores para o trabalho com o Portal.

3.6 – O Planejamento de 2002

Passados os primeiros meses, dedicados à apresentação do Portal Educacional/C7S a pais e alunos, à “sensibilização” dos professores e às questões mais administrativas, como o cadastramento de senhas para alunos, pais, funcionários e professores, num universo de aproximadamente 20.000 (vinte mil) pessoas, segundo dados do Departamento de Multimídia, chegou a hora do planejamento das atividades escolares com os recursos do Portal.

No final de 2001 e no início de 2002, foi realizado o primeiro planejamento do C7S para o ano letivo de 2002. O ineditismo da inclusão do Portal Educacional no planejamento das atividades das disciplinas fez com que o Colégio utilizasse a mesma metodologia empregada quando da capacitação dos professores. A Coordenadora Técnico-Pedagógica do Portal trabalhou com os coordenadores de cada área, procurando identificar os conteúdos e recursos mais adequados às atividades de cada série. Como nos conta a Coordenadora Carlota,

“as professores, eles mesmos foram atrás, nós fizemos, chamavam a Viviane (...) sentei várias vezes com a Coordenadora Técnico Pedagógica e as professoras, ela mostrando o que tinha de ferramenta para a gente trabalhar, o que se podia usar, explorar isso e aquilo, dali a gente partia para o planejamento, colocava, então fui muito bem assistida, esse início, a preparação para se colocar (no planejamento) foi beleza” (CARLOTA, 2003).

Quase todos os coordenadores entrevistados descrevem a etapa do planejamento de 2002, como sendo uma atividade sem maiores dificuldades. O coordenador Rafael resume a questão e aponta outras que irão surgir:

“Não é difícil fazer planejamento com o Portal, o que tá sendo difícil é a implantação em sala de aula” (RAFAEL, 2003).

Segundo os relatos, o Colégio cobrou dos coordenadores a inclusão das ferramentas e recursos do Portal em todas as disciplinas e séries do Ensino Fundamental. Nesse esforço de integração, encontramos várias referências destacando o papel desempenhado pela Coordenadora Técnico-Pedagógica do Portal.

De que maneira, no entanto, o Portal foi incluído no Planejamento? De que forma se pensou a utilização do Educacional? Em sala de aula? Nos laboratórios de Informática ou como fonte de pesquisa? Pelo relato dos coordenadores, todas as formas possíveis de utilização do Portal Educacional estão presentes no

planejamento de 2002, como pudemos comprovar nos planos de aula.

Apesar de transcorrer sem o registro de maiores dificuldades, porém, encontramos relatos dando conta do planejamento de 2002 como o momento em que surgiram os primeiros questionamentos quanto à ausência de uma metodologia e os conteúdos do Portal:

“Nós vamos usar como material de pesquisa ou vamos utilizar como um veículo em sala de aula? Nós vamos estudar somente como pesquisa ou nós vamos levar para a sala de aula e os alunos irão assistir aulas através do Portal? (RAFAEL, 2003).

“Nosso primeiro planejamento foi feito no laboratório de informática, até para a gente se familiarizar com a ferramenta, então a gente ia pesquisando o que nós íamos ver no (durante) ano com o que tinha no portal, então foi aí que entrou em desespero – rapaz tem nada aqui não” (PEDRO, 2003).

Se estes questionamentos afloraram já no planejamento, exatamente no início do semestre, quando o que foi planejado começou a ser executado, e que os professores começaram a pôr em prática o que aprenderam na capacitação, foi que esses questionamentos ganharam maior intensidade.

3.7 A hora da prática, ou sobre as primeiras decepções

O início do ano letivo de 2002 inaugurou uma experiência de integração da Web ao Colégio, que já alcança dois anos. Ao longo desse período, vamos encontrar nos relatos dos coordenadores uma série de tentativas frustradas de utilização do Educacional em sala de aula pelos professores do 7 de Setembro.

Esses eventos malsucedidos de integração do Portal ao Colégio, formam um conjunto de situações e dificuldades que apontam para uma série de problemas e limitações na utilização da Internet na Escola, sobretudo no Ensino Fundamental. Com as dificuldades enfrentadas pelos professores do C7S, outros educadores e outras escolas podem aprender sobre como melhor implementar projetos de inclusão da Internet no processo de ensino e aprendizagem. E mais: refletir melhor sobre o modelo Portal e a relação com os professores.

Ainda que essas experiências frustrantes tenham ocorrido com alguns

professores individualmente, repercutiram no conjunto dos educadores do C7S, com influências diretas na construção da imagem do Portal (e do próprio trabalho com a Internet), nos sentimentos e na postura dos professores do C7S em relação ao Educacional. Isso ficou patente nas conversas informais com professores durante a pesquisa. Vários deles contaram experiências malsucedidas com o Portal acontecidas com colegas de trabalho, como o professor preparar uma aula com os recursos do Portal e na hora da aula não conseguir acessar o Portal.

Os episódios de insucesso, na maioria das situações relatadas, têm sua origem atribuída à ausência de uma estrutura do C7S, tanto na questão da velocidade do acesso à Internet, quanto na ausência de disponibilidade de laboratórios e computadores, de pontos de rede e computadores na sala de aula.

A existência dessas falhas estruturais revelam a ausência de uma definição metodológica do Colégio. O C7S não se definiu previamente por uma estratégia, por uma metodologia de trabalho com o Portal, que poderia acontecer nos laboratórios de informática, ou ainda, em sala de aula, uma das formas previstas pelo próprio Educacional⁷¹. O Colégio nem criou laboratórios específicos para as atividades com o Portal, nem dotou todas as salas de aula da estrutura de pontos de acesso à rede.

Como alternativa à inexistência dessa estrutura, o Colégio montou *kits* multimídia, formados por um carrinho equipado com computador, projetor de vídeo ou monitor. Desde o início do ano letivo de 2002, para realizar uma aula com os recursos do Portal em uma série, o professor teria que reservar esses equipamentos. O problema é que além de contar com um número muito pequeno de *kits* multimídias, cada série do C7S-Aldeota conta com várias turmas. Assim, para trabalhar com o Portal em uma série, o professor deveria reservar um *kit* em vários horários e deslocar o equipamento pela escola, tornando essa atividade ainda mais complicada, como nos conta o coordenador Rafael:

“Veja bem. Um professor tem 10 turmas, ou seja, para ele fazer isso (usar os laboratórios) ele precisa de quê? De 10 horários nos laboratórios, ai é pouco viável” (RAFAEL, 2003).

Já a Coordenadora Carlota refere-se às limitações de trabalho com o

³⁵ Segundo Carlos Motter, gerente de atendimento do Portal Educacional, as formas recomendadas de utilização do Portal às escolas são: laboratórios de informática, em sala de aula, com um computador ligado a um projetor ou tv de tela grande e pelo aluno, acessando de casa. – *E-mail* enviado ao pesquisador em 26/08/2003.

Portal por meio dos *kits* de multimídia:

“chegava a hora da aula, não era possível o aparelho (kit multimídia) para passar aula porque estava ocupado ou não tinha ponto (de rede) lá para trabalhar. Então o que acontecia? Quase que de última hora tinha que refazer o planejamento e foram acontecendo (essas situações), foi acontecendo, o pessoal (os professores) foi vendo que não valia a pena colocar porque não ia dar certo” (CARLOTA, 2003).

Apesar dessas dificuldades, o interesse despertado pelos recursos da Internet fez com que vários professores buscassem levar o Portal em suas aulas, seja na sala ou em um laboratório de informática. A coordenadora de Informática, narra dessa forma um desses episódios:

“uma professora de geografia trouxe os alunos para o laboratório (...) foi um fracasso porque o portal era lento e ela perdeu a aula dela, ela não acrescentou nada e os alunos reclamaram. (...) ela saiu revoltada e isso ela deve ter passado para os outros e aí nem vieram (JOAQUINA, 2003).

A queixa mais comum nesses episódios malsucedidos é a baixa velocidade de acesso, como a relatada por Miguel:

“professores que tentaram fazer (usar o Portal) e acabou não dando certo, não funcionou a internet, ficou lento demais para fazer o trabalho, tentaram uma vez, não tentaram mais” (MIGUEL, 2003).

A lentidão do acesso à rede fez com que pelo menos um coordenador tentasse uma experiência inusitada em se tratando de Internet: gravar disquetes com o conteúdos dos materiais do Portal para apresentação *off line*.

Pelo relato dos coordenadores, constatamos que pelo menos nos primeiros meses, o C7S enfrentou dificuldades de natureza infra-estrutural de acesso à rede. Esse tipo de restrição é um dos mais comuns em se tratando da incorporação das tecnologias digitais nas escolas. Segundo Kenski,

“um dos desafios para o uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação no ensino presencial é implantar uma infra-estrutura adequada (...) mas apenas a existência da infra-estrutura e a manutenção dos equipamentos não garantem a almejada qualidade pedagógica para o desenvolvimento das atividades em aula” (KENSKI in ALVES e NOVA, orgs., 2003:12).

Para compreendermos o impacto dessas experiências malsucedidas junto aos professores, é preciso contextualizá-las. O C7S é uma escola muito competitiva, que cultua os primeiros lugares, que é voltada para resultados em olimpíadas.

Qualquer falha, insegurança, ou insucesso em uma aula fragiliza, torna o professor vulnerável diante de seus alunos e do próprio Colégio. Miguel retrata muito bem esse quadro, ao relatar as tentativas de utilização do Portal por seus professores:

“o professor fica naquela angústia, com aquele medo de chegar e não dar certo (...) chegar com o material de apoio em sala de aula, e o material não funcionar é motivo para o aluno fazer uma pequena bagunça, fazer uma gozação e o professor fica sem jeito, fica preocupado” (MIGUEL, 2003).

Ele reforça esse grande temor dos professores pela experimentação, o que o coordenador Pedro denomina de “conteudismo” do Colégio. O “conteudismo” pode ser definido com uma enorme valorização da aplicação dos conteúdos e um grande volume de aulas, visando à preparação dos alunos para o vestibular e outras competições. O “conteudismo” do 7 de Setembro é reafirmado pelo Coordenador do Departamento de Multimídia, que vê nessa questão uma barreira à utilização do Portal, uma vez que

“o professor tem ‘N’ dias para dar aquele conteúdo, a coisa é muito amarrada ao conteúdo, que não dá espaço ao professor para outras experiências, outras atividades” (CARNEIRO, 2003).

Diante dessa cultura do Colégio, não é de estranhar que as primeiras experiências sem êxito de utilização do Portal se tenham tornado também as últimas para vários professores. Dessa forma, é compreensível a “resistência” do professor em utilizar um recurso didático que não domina (ao contrário de seus alunos), que pode falhar e deixá-lo numa situação constrangedora em sala de aula, pois como descrevem Heide e Stilborne, “alguns professores podem estar intimidados pelo fato de que seus alunos sabem muito mais do que eles próprios sobre a Internet” (2000:25).

Os problemas com a velocidade de acesso no primeiro ano de funcionamento do Portal são reconhecidos pelo Departamento de Multimídia do Colégio. A conexão foi ampliada e hoje atende satisfatoriamente aos laboratórios, como apontam os coordenadores, mas se a questão estrutural está em parte solucionada, a “resistência” dos professores com relação à integração do Portal permanece.

Acreditamos que parte dos problemas enfrentados pelos professores não foi de natureza estrutural, mas da falta de conhecimentos sobre como utilizar as

ferramentas e recursos pedagógicos do Portal. A questão estrutural é importante, mas pode encobrir o despreparo dos professores para o trabalho com o Portal na sala de aula. As falhas estruturais, dessa forma, podem constituir-se no argumento que pode encobrir a ausência de uma metodologia, de uma formação que permita ao professor a capacidade de superar as dificuldades que possam surgir no trabalho com a Internet.

3.8 Críticas aos conteúdos

Outra questão de grande importância para que possamos compreender melhor a relação entre o Portal Educacional, coordenadores e professores do Colégio 7 de Setembro está na avaliação dos conteúdos do Portal por professores e coordenadores. À medida que passaram a navegar pelo Educacional no decorrer do período letivo, eles puderam navegar e conhecer os recursos do Portal e assim, estabelecer uma comparação com os demais materiais didáticos e paradidáticos utilizados pelo Colégio, tanto aqueles adotados quanto aqueles editados pelo 7 de Setembro.

O questionamento mais freqüente dos coordenadores é quanto à qualidade dos conteúdos do Portal. É o caso por exemplo, do coordenador de História e Geografia, que, apesar de enfatizar a riqueza de informações da Web, não vislumbra um diferencial no conteúdo do Portal quando comparado aos conteúdos ministrados pelo C7S:

“Às vezes eu entro no Portal e o que eu encontro lá não me acrescenta nada, se eu pegar um livro de história e geografia me responde a mesma coisa, me diz a mesma coisa. Talvez até com mais riqueza” (RAFAEL, 2003).

A ausência de um diferencial qualitativo, presente nesta afirmação é mais bem explicitada por dois outros coordenadores, que exibem um desencanto com os conteúdos do Educacional justamente pela ausência de conteúdos que diferenciam a Internet de outras ferramentas pedagógicas, especialmente a capacidade de multimídia e de simulação:

“A gente esperava mais alguma coisa como os simuladores (...) aqueles textos a gente tem muitos livros para isso” (PAULA, 2003).

“Eu esperava que ele fosse melhor (...) A vantagem do Portal seria em você projetar aquilo, projetar o experimento, projetar a simulação (...) as simulações que ele (Portal) tem são muito poucas e umas não são interessantes para você mostrar em sala de aula” (MIGUEL, 2003).

Outra crítica aos conteúdos do Portal refere-se às diferenças curriculares entre os conteúdos do Portal e do Colégio em qualquer uma das séries. Carlota exemplifica essas diferenças, apontadas por vários coordenadores com um fato: ao abordar a questão dos nutrientes e rótulos de alimentos, em uma aula de ciências, uma professora recomendou aos alunos da 4ª série que pesquisassem o assunto no Portal, como atividade complementar. Acontece que este conteúdo é encontrado no programa da 7ª série.

“Eles começaram a ir (pesquisar no Portal), os pais ligavam, e a gente: ‘não, tente nos conteúdos da 7ª série’, a mãe ia, encontrava, às vezes até com os termos e linguajar ao nível deles, mas só que na 7ª série e isso dificultou muito” (CARLOTA, 2003).

As diferenças qualitativas entre os conteúdos do Portal e do Colégio ficam mais evidentes no relato do coordenador Pedro. Com uma visão mais ampla sobre o Portal e os recursos da Internet, ele critica a ausência de conteúdos que trabalhem as características específicas da Web, como a multimídia e as simulações:

“Quando nós elaboramos nosso plano de curso, sempre tinha o cuidado de casar algumas aulas que estavam prontas no Portal (...) eu fui ver, o que tinha no livro tinha no Portal, figuras e textos, figura e texto” (PEDRO, 2003).

O Coordenador Pedro vai além da mera crítica, e descreve a sua concepção de como deveriam ser os conteúdos do Portal. Segundo ele,

“o uso dessa ferramenta tem que ser algo que empolgue o aluno. Não adianta ter lá no Portal um conteúdo que tem no livro, porque aí você só tem a transformação de um meio para o outro, só tem a mídia diferente. (...) a minha concepção de Portal para ser utilizado em sala de aula, é alguma imagem, o ver é melhor do que o imaginar” (PEDRO, 2003).

Na opinião do coordenador Pedro, essa “inadequação” de alguns conteúdos do Portal, como a não-exploração dos recursos intrínsecos da Internet, pode ser explicada pela ausência de maior vivência em sala de aula de alguns dos profissionais do Educacional, pois,

“algumas pessoas que trabalham lá dentro não tem o sentimento de sala de aula, não tem a prática de ensinar. Eu dou aula e eu sei o que é mais importante para o aluno, e eu sei onde é que ele sente mais dificuldade, eu sei o que é importante o cara ver, esse sentimento eu tenho, eu só posso criar uma coisa atrativa se tiver a prática” (PEDRO, 2003).

3.9 A questão da autoria

A afirmação do prof. Pedro traz à tona a questão da autoria dos materiais didáticos. Apesar dos pontos de vista diferenciados, encontramos nas entrevistas com os coordenadores do Colégio um certo consenso de que a qualidade dos materiais didáticos produzidos pelos professores do C7S é superior à qualidade dos conteúdos do Portal.

Ainda em comum entre os coordenadores, está a idéia de que, se fossem produzidos pelos educadores do C7S, os conteúdos do Portal seriam melhores. Rafael argumenta que se isso acontecesse, o conteúdo do Portal

“iria estar dentro da realidade, dos objetivos dos professores, seria uma coisa mais centrada no que a gente pretende fazer aqui na escola, não seria algo de fora para dentro” (RAFAEL, 2003).

Se, porém, os materiais produzidos pelos professores do C7S são avaliados como de boa qualidade pelos coordenadores e o Educacional abre espaços para a publicação do material das escolas conveniadas, até mesmo por meio das ferramentas de criação de páginas, por que encontramos tão pouco material didático do produzido no C7S no Portal?

Segundo os coordenadores, a resposta para esta questão é a existência de dificuldades para a publicação no Portal junto ao Departamento de Multimídia:

“A grande dificuldade nossa é a quantidade de produção, porque nós não temos uma equipe de produção, nós temos professores que pedem uma aula, escreve como quer a aula, mas até o setor (Depto.de Multimídia) produzir aquela aula, demanda um tempo muito grande” (MIGUEL, 2003).

A coordenadora Carlota afirma que essa demora na publicação no Portal dos materiais produzidos no Colégio desestimula os professores. O Coordenador do Departamento de Multimídia justifica a demora por conta da limitação na sua equipe,

incapaz de atender a toda demanda do Colégio, e afirma que isso poderia ser solucionado se os professores utilizassem a ferramenta de criação de páginas pessoais do Portal.

A importância da questão da autoria dos materiais didáticos no Portal pode ser mais bem avaliada por um episódio concreto acontecido com o prof. Pedro para justificar esse avaliação. Examinando o conteúdo de sua disciplina no Portal, Pedro encontrou materiais que qualificou de “horrorosos”, cheios de erros conceituais e materiais desinteressantes para os alunos.

Após criticar de maneira veemente alguns conteúdos de Biologia do Portal, ele foi convidado pelo Portal Educacional a visitar a sede da empresa, em Curitiba, onde apresentou as suas restrições, apontou erros e sugeriu modificações.

Com essa iniciativa, o prof. Pedro fez com que o Portal reconhecesse as falhas e promovesse alterações significativas nos conteúdos. Do episódio, resultou, além das mudanças propostas, um sentimento perceptível entre os coordenadores e professores de que o Portal pode (e deve) ser alterado pelos professores, e de que os conteúdos do Educacional são questionáveis, desde que se tenha a postura “corajosa” adotada pelo prof. Pedro.

Ainda como consequência desse episódio de afirmação da capacidade autoral e crítica dos professores, o prof. Pedro tornou-se uma referência para todos os professores do Colégio 7 de Setembro quando o assunto é o Portal. Em praticamente todas as conversas que mantivemos ao longo da pesquisa com os coordenadores e professores, ouvimos a seguinte pergunta fazer parte dos diálogos iniciais: já conversou com o prof. Pedro? Fica a sensação de que, para professores e coordenadores, Pedro fez o que eles gostariam de fazer e, por temor ou falta de oportunidade, não o puderam.

3.10 O declínio da presença do Portal no planejamento de 2003

O primeiro ano letivo do Colégio com a inclusão do Portal Educacional teve início sob uma grande expectativa positiva por parte dos educadores, e terminou com um conjunto de experiências nem sempre bem-sucedidas.

Estas experiências repercutiram intensamente no planejamento para o ano letivo de 2003. Ao contrário do que se poderia esperar, à medida que o Colégio

acumulava mais de um ano de trabalho com o Portal, durante o qual coordenadores e professores puderam navegar e explorar as ferramentas e os recursos do Portal, a inclusão do Educacional nos planos de curso das disciplinas das séries do Ensino Fundamental foi bem menor.

Do ponto de vista estrutural, o ano de 2003 marcou uma grande mudança no C7S. O problema da velocidade das conexões à Internet foi superado com as alterações realizadas, como a criação de *links* exclusivos para os laboratórios. Se, contudo, a questão estrutural, que levou alguns professores a tentativas traumáticas, como entender a redução da presença do Portal no planejamento das atividades escolares? A Coordenadora Carlota resume a questão:

“teve um recuo, primeiro porque não dava para planejar, já que não ia poder usar. Como é que eu ia botar uma coisa no planejamento, se eu tinha certeza de que não podia fazer aquilo ali. (...) Então o que deveria estar no auge, sendo trabalhado maravilhosamente, caiu totalmente” (CARLOTA, 2003).

Consultando os planos de cursos de todas as séries do Ensino Fundamental do C7S de 2003, vamos encontrar o planejamento das seguintes atividades:

Em sala de aula

Aula expositiva com o apoio dos recursos do Portal; e
exercícios com os recursos do Portal.

Em casa

pesquisas em páginas do Portal previamente selecionadas
(*links*);
pesquisas no Portal; e
pesquisas em outros sítios selecionados pelos Professores.

Diante, todavia, de todos os problemas e limitações abordados em tópicos anteriores, compreendendo a formação e as experiências dos professores com atividades envolvendo o Portal Educacional, o questionamento surge naturalmente: as atividades planejadas estão sendo efetivamente realizadas?

3.11 Dois anos depois, o que é feito com o Portal?

O ano letivo de 2003 poderia representar uma etapa de amadurecimento na experiência do Colégio 7 de Setembro com a integração da Internet, através do

Portal Educacional ao processo de ensino e aprendizagem. Superada a questão da velocidade do acesso e com os conhecimentos acumulados, o Colégio poderia estar vivenciando a realização de pelo menos boa parte de todo o potencial pedagógico da Internet, suas ferramentas de comunicação e interatividade ou como instrumentos de ampliação dos processos psicológicos superiores.

O que se verificou, no entanto, nesse período foi exatamente o oposto. Passada a expectativa inicial e em razão dos fatores que procuramos descrever ao longo deste capítulo, o que constatamos foi o esvaziamento do Portal pelo C7S. Ao longo de 2003, o Portal Educacional passou a ser utilizado apenas como fonte de projetos e pesquisas.

Nas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries, o Portal é empregado apenas como fonte de projetos realizados pelos alunos nas chamadas “aulas-extras”, que acontecem aos sábados, com pouca participação. Vale destacar que estes projetos são elaborados pelo Portal, e são os mesmos para todas as escolas do Brasil conveniadas ao Educacional, ou seja, não há nenhum envolvimento dos educadores do Colégio em sua elaboração. Além disso, esses projetos também possuem um caráter promocional para as escolas. Como exemplo, podemos citar a Oficina do Livro, em que os alunos produzem um livro em co-autoria com Ziraldo. O próprio Ziraldo esteve em Fortaleza para fazer o lançamento dos livros, fato amplamente explorado pelo C7S na imprensa, por meio de anúncios e materiais editoriais nos jornais da Cidade.

Mesmo utilizando o Portal apenas para os projetos, ainda assim, a participação dos alunos nessas atividades pode ser considerada baixa. Apenas na sede Aldeota, estudam 3.631 alunos no Ensino Fundamental. Segundo dados fornecidos pelo Colégio*, a participação dos alunos do C7S nos projetos do Portal em 2003 foi a seguinte:

Nome do Projeto	Total de alunos participantes**
Virtudes	607
Tablóide	597
Água nossa de cada dia	970
Ziraldo e os meus direitos	230
Os voluntários da pátria	187

* Dados fornecidos por e-mail pelo Coordenador Dermeval Carneiro. Nestes totais podem estar incluídos os alunos do C7S Sede Centro **Consideramos como alunos participantes os alunos que concluíram os projetos

Já na 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries, o Portal Educacional funciona apenas como fonte de pesquisas, assim como qualquer outro sítio. No planejamento, nas estratégias dos planos de cursos, vamos encontrar várias referências à utilização do Portal, mas na prática isso não acontece, como reconhece o coordenador Rafael,

“O nosso plano de curso está bem detalhado, inclusive na estratégia de cada aula tem lá o endereço no Portal, existe, os endereços onde o professor deveria levar o computador para a sala de aula, fazer a projeção do material da Internet, do apoio que tem na Internet para cada conteúdo (...) tudo aquilo que foi planejado está sendo executado, exceto a utilização do Portal” (RAFAEL, 2003).

Se no papel estão previstas atividades em sala de aula ou em laboratórios de Informática, na prática, a utilização do Portal está restrita às pesquisas, como relatam dois coordenadores:

“Nós usamos muito mais o Portal como fonte de pesquisa para as crianças (...) as pesquisas a gente continua incentivando, os meninos tem usado bastante, professor, todo mundo usa, mas na aula, não” (CARLOTA, 2003).

“No caso da área de história, eu digo que nós trabalhamos unicamente com pesquisas” (RAFAEL, 2003)

A coordenadora Paula justifica que essa prática é necessária porque o Portal não oferece tudo aquilo que os alunos procuram:

“pelo que a professora me fala, eles vão (pesquisar) em outros locais, a gente coloca mais eles: ‘Ah, lá não tem tudo o que eu quero, vou procurar em outro lugar’ ” (PAULA, 2003).

Já o coordenador Pedro afirma que o Portal é utilizado apenas como fonte de pesquisa, mas não por parte dos alunos, mas por ele e os professores, onde encontram outros sítios para pesquisas. É nesses sítios sugeridos pelo Educacional que os alunos realizam suas pesquisas para a disciplina que Pedro coordena.

A coordenadora Paula chama a atenção para o fato de que a utilização do Portal Educacional se dá apenas como mais uma fonte para as pesquisas. Isso se configura com um claro sinal da falta de formação dos professores para o trabalho com a Internet, pois

“na verdade, quando a gente pede para o aluno pesquisar, não tem muito do trabalho do Professor, não é?” (PAULA, 2003).

Dessa forma, basta ao professor sugerir o que está no Planejamento, no Plano de Curso, que, por sua vez, tem origem nos documentos de natureza pedagógica do Portal. Esse distanciamento com relação ao Portal também pode ser mensurado pelas estatísticas do Educacional, que apontam os seguintes dados sobre a pouca utilização do Portal pelos professores da sede-Aldeota:

Total de professores que criaram suas próprias páginas no Portal	1
Total de salas de jogos que foram criadas pelos professores	6
Total de professores que enviaram perguntas para os jogos do Portal	2
Total de professores que criaram e publicaram projetos no Portal:	0

Fonte: Departamento de Multimídia – C7s.

Ainda sobre a não-utilização do Portal, surpreende-nos ainda, como as ferramentas de comunicação e interatividade, apesar de serem as mais conhecidas, são pouco empregadas pela comunidade escolar do C7S, conforme as estatísticas do Portal. De todos os professores do Colégio, cerca de 600, apenas 383 mantêm contas ativas de correio eletrônico, e apenas 06 (seis) salas de bate-papo foram criadas em 2003.

Quando nos propusemos acompanhar a experiência do Colégio com a Internet através do modelo Portal, esperávamos concentrar nossa pesquisa em como o C7S utilizaria o Educacional. Ao longo de alguns meses de observações e entrevistas, e a obtenção dos dados acima, a questão passou a ser: por que o Portal não é utilizado?

3.12 O Portal e os professores do C7S

O acompanhamento da experiência do C7S de integração da Internet ao Ensino Fundamental permitiu constatar que a ferramenta pedagógica Internet requer novas metodologias, novas práticas, nas quais o professor exerce novos e fundamentais papéis, como anota Peraya, in Alava (2002:49):

“uma tecnologia não constitui em si uma revolução metodológica, mas reconfigura o campo do possível. E essa oportunidade que evocamos apenas será dada aos aprendizes se, primeiramente, os professores a perceberem, apropriarem-se dela e a dominarem. Em outras palavras, se a compreenderem.”

Durante as investigações realizadas no C7S, observamos a ausência de uma formação específica para o trabalho com as novas tecnologias digitais, aspecto que vêm sendo apontado por vários autores como responsável por um sentimento de *mal-estar* dos professores. Um estado que pode ser constatado por sentimentos como o medo, a insegurança, ansiedade, vergonha, constrangimento, entre outros. Esses sentimentos fazem com que os professores assumam uma atitude de resistência para incorporar a Internet às suas aulas.

No relato dos coordenadores, encontramos várias referências a esses sentimentos entre os professores do C7S, como o do coordenador Miguel, ao afirmar que

“a resistência do professor com o Portal está no receio, na ansiedade que ele tem de não fazer um bom trabalho em sala de aula, esse é que é o grande problema, a resistência que nós temos, é a falta de treinamento dos Professores” (MIGUEL, 2003).

O coordenador Pedro relata a existência desses sentimentos de insegurança, originários de uma formação deficiente para o trabalho com a Internet, o que leva o professor a ter

“vergonha de assumir que não sabe usar a ferramenta, o computador, não é o Portal, não é não saber não usar o Portal, não é por exemplo, não saber navegar no Portal, mas é saber pelo menos usar uma máquina (computador)” (PEDRO, 2003).

O reconhecimento da existência de sentimentos de insegurança, porém, que levam os professores a resistir ao trabalho com a Internet não é unânime entre os coordenadores. Dermeval Carneiro, coordenador do Departamento de Multimídia, defende o argumento de que a resistência origina-se em uma postura fechada, de rejeição às mudanças:

“Algumas pessoas que são muito tradicionais em suas aulas, e aí por medo da máquina, não se aproximou, nem viu os frutos que o computador pode dar, ainda mais a Internet” (CARNEIRO, 2003).

O Coordenador de Multimídia relata, ainda, que muitos professores desconhecem a riqueza dos recursos do Portal, mas que vários outros já estão despertando para as potencialidades da Internet. Como se percebe, o relato dos coordenadores é insuficiente para compreendermos a complexidade dos sentimentos e posturas dos professores.

3.13 A resposta está com os Professores

Acreditamos que após dois anos da relação Portal Educacional-C7S, a utilização da ferramenta pedagógica está longe de realizar todas as suas potencialidades e vive um visível esvaziamento. As razões do insucesso só poderão ser compreendidas a partir da visão dos professores sobre esse processo.

De fato, acompanhando a trajetória da experiência do C7S com o Educacional, pudemos observar o papel determinante dos professores. Se a princípio a causa mais aparente da não-utilização do Portal era estrutural, a solução desse problema foi incapaz de reverter esse quadro.

Dessa forma, podemos inferir que a questão não está entre conexões e cabos, mas na mediação, nos professores. Sem conhecer os sentimentos e as razões dos professores, não é possível entender por que a experiência de integração da Internet ao Ensino Fundamental não pôde se efetivar.

As posturas de resistência, temor ou mesmo adesão acrítica à Internet são sinais claros de uma recontextualização das práticas dos professores, diante dos novos desafios que lhes são apresentados. Como preparar situações de

aprendizagem sem dominar o ambiente virtual onde seus alunos pesquisam? Como interagir nas comunidades de aprendizagem? Como utilizar os recursos de multimídia para tornar a aprendizagem mais efetiva?

O que os professores do Colégio 7 de Setembro-Aldeota pensam e sentem diante da inclusão do Portal Educacional em suas atividades? Qual o grau de aceitação, engajamento ou resistência dos professores com relação ao uso do Portal? Como avaliam a capacitação que receberam? Como eles vêem as novas tecnologias digitais? Como os professores avaliam o conteúdo do Portal? Que proposta de metodologia de trabalho com a Internet apresentam?

Se encontrarmos respostas para estas e outras questões, poderemos compreender a experiência do Colégio 7 de Setembro com a Internet, através do Portal Educacional, podendo contribuir para uma reflexão sistematizada da integração da Web ao Ensino Fundamental pela aplicação do modelo Portal.

Com esse objetivo aplicamos uma entrevista estruturada com os professores do Ensino Fundamental do C7S-Aldeota, um universo composto por um total de 64 educadores.

Cada professor recebeu um envelope lacrado, contendo uma carta de apresentação da pesquisa, o questionário e uma etiqueta para lacrar novamente o envelope, assegurando assim a confidencialidade das respostas. A pesquisa foi aplicada com a inestimável colaboração dos coordenadores. Cada coordenador recebeu os questionários do seu grupo de professores, ficando responsável pela entrega e recolhimento, uma semana depois.

Os questionários foram colocados em envelopes lacrados. Foram entregues 64 (sessenta e quatro) questionários. Desse total, 50 (cinquenta) foram devolvidos pelos professores aos coordenadores. Desse total, apenas 2 (dois) foram entregues sem respostas. Assim, foi recebido um total de 48 (quarenta e oito) formulários, que corresponde a uma amostra superior a 70% do universo pesquisado.

Por decisão nossa e do orientador desta pesquisa, passamos a trabalhar com apenas 30 (trinta) questionários, o que ainda alcança uma amostra que se aproxima de significativos 50%. É o que passamos a apresentar no capítulo a seguir.

4 O Portal nos corações e nas mentes dos professores do C7S

A partir do conjunto de questionários aplicados junto aos professores do Ensino Fundamental da sede Aldeota do Colégio 7 de Setembro, iniciamos mais uma nova etapa de análise dos dados. Como forma de assegurar o sigilo e a plena liberdade de expressão de suas idéias e avaliações, os Professores são identificados com pseudônimos.

Todos os questionários foram minuciosamente lidos, analisados, comparados e organizados, passando por sucessivos refinamentos, até chegar a cinco categorias de análise: Os Professores e a Internet antes do Portal, Formação, Avaliação, Conhecimento do Portal e Proposta Metodológica dos Professores para a Internet.

Com base nessas categorias buscaremos estabelecer uma referência teórica, buscando promover um diálogo entre os diversos autores e as visões dos professores do C7S, construindo pistas capazes de nos levar a encontrar respostas para as questões que emergiram ao longo deste estudo de caso.

Ressaltemos as limitações teóricas que enfrentamos nesta pesquisa, porquanto não temos conhecimento de registros sistematizados de experiências com a Internet, nos moldes híbridos, como no caso dos portais. Em nossa pesquisa bibliográfica, encontramos livros e artigos que se restringem basicamente a descrever as potencialidades da rede, sem abordar experiências ou registrar novas metodologias de aprendizagem, pois, como anota Kenski, “a teoria pedagógica ainda não está dando inteiramente conta dessa nova realidade educacional. Fazemos adaptações, aproximações e incorporações” (2003:142). Na ausência de uma fundamentação sobre a incorporação da Internet à Educação Formal, buscamos uma referência teórica com os pesquisadores do campo das novas tecnologias digitais de comunicação e interatividade e, sobretudo, com estudiosos da área de Educação a Distância.

Segundo o filósofo francês Pierre Lévy, computadores e Internet configuram-se como uma nova tecnologia intelectual (LÉVY, 1993), algo análogo ao advento da escrita e da palavra impressa. No universo da Educação, isso representa o surgimento de exigências, que demandam novos conhecimentos e habilidades por parte dos professores. Nesse contexto de mudança, a importância crescente das novas tecnologias na sociedade cria uma pressão sobre os professores, desafiando-

os a desenvolver atividades para as quais não foram capacitados ao longo de sua formação e vivência profissional.

Neste quadro, as posturas de resistência, medo ou mesmo a adesão acrítica às práticas que envolvam a utilização de novas tecnologias, como Internet em suas atividades, representam uma recontextualização das práticas profissionais dos professores.

Essa realidade foi vivida pelos professores do Colégio 7 de Setembro, quando da implantação da Internet por meio do Portal Educacional. Qual a relação que mantinham com os computadores e a Internet? Como eles se sentiram nesse momento? Será que imaginavam vir a empregar a rede mundial de computadores em suas atividades escolares? Como receberam essa mudança em suas práticas profissionais?

4.1 Internet na Educação, uma pré-visão dos educadores

A primeira categoria a ser analisada é a Expectativa dos Professores. Perguntamos aos professores do C7S se antes da chegada do Portal eles já vislumbravam o trabalho com a Internet. Apenas um professor não respondeu à questão, e todos os demais responderam que sim.

O pesquisador francês Serge Pouts-Lajus no artigo *Os Professores Face à Internet: resultados e perspectivas de uma pesquisa de campo* (ALAVA, org., 2002: 171), apresenta as conclusões de uma pesquisa do Ministério da Educação da França, que por dois anos acompanhou as atitudes dos professores diante da questão: é preciso ou não recorrer à Internet, e de que forma?

Como resultado, a pesquisa identificou uma tipologia de atitudes dos professores diante da chegada da Internet à escola. Mesmo considerando as diferenças entre os universos pesquisados (Liceu Lapérouse, na França e Colégio 7 de Setembro, em Fortaleza, Ceará, Brasil), podemos reconhecer posturas semelhantes entre os professores das duas escolas, quando analisamos as expectativas dos profissionais de educação diante do advento da Internet no universo escolar.

Segundo Pouts-Lajus, são três os tipos de disposição dos professores, que expressam atitudes intelectuais e comportamentos profissionais:

adesão total - caso dos professores que incorporam sem restrições a ferramenta internet, para eles mesmos e para seus alunos. As atitudes de adesão total ao uso didático das novas tecnologias variam de acordo com as personalidades dos indivíduos e seu gosto pela inovação. Três argumentações caracterizam a atitude de adesão total:

Motivação pedagógica - não importa o nível de domínio técnico, esses professores seguem motivações de natureza pedagógica ou didática - eles procuram fazer com que seus alunos trabalhem de outra forma para trabalhar melhor.

Desinibição em relação à tecnologia - manifesta-se pelo engajamento pessoal como usuário da ferramenta - é bom para mim mesmo, é bom para meus alunos. A experiência pessoal, para esses professores, é uma preparação para o que viverá com seus alunos.

Desejo de cooperação profissional - O desejo de interagir com outros professores é a motivação do professor. Para esses, a Internet é, ao mesmo tempo, o pretexto, o conteúdo e uma das ferramentas desse intercâmbio.

Adesão separada - Trata-se dos professores favoráveis ao uso didático das tecnologias, mas que consideram separados os interesses dos alunos e dos professores.

Ambivalência - Para os professores identificados nesse grupo, há disposições negativas e positivas diante do interesse pedagógico pelas novas tecnologias, para eles próprios e para seus alunos.

Entre os professores do C7S Aldeota, encontramos motivações semelhantes às encontradas pela pesquisa francesa. De vinte e nove professores que responderam à questão (“antes da chegada do Portal, já vislumbravam o trabalho com a Internet?”); um total de onze professores (36,6%) responderam “Sim” à questão, sem oferecer maiores explicações quanto à fundamentação de suas respostas.

Em quase a metade dos questionários (14, que correspondem a 46,6%), no entanto, vamos encontrar explícitas as motivações que levaram a maioria dos professores a acreditar que viriam a trabalhar com a Internet, antes mesmo que o

Portal fosse anunciado. Nessas respostas, identificamos a postura de adesão total, com justificativas que se enquadram nos três tipos de motivação.

Entre os fatores que levaram a essa antevisão, podemos listar os avanços tecnológicos:

Sim, pois a educação procura acompanhar o avanço científico e tecnológico (Tango 7).

Sim, trata-se do futuro, e a educação deve acompanhar as mudanças tecnológicas (Beta 1).

Outros 3 (três) professores (10%) fundamentaram-se nas informações coletadas no próprio ambiente escolar, seja por eventos educativos, como palestras, bem como por intermédio de experiências de outras escolas:

Sim. Já tinha assistido várias palestras que davam este enfoque (Delta 1).

Sim, já conhecia outras experiências, entre elas a da Escola Vila (Tango 4).

Para 10% dos professores, as razões para vislumbrar a utilização da Internet no ensino estão nas potencialidades que ela representa para a Educação:

Sim, pois seríamos arcaicos se pensarmos que um instrumento tão especial não encontrasse a sua adaptação ao meio pedagógico e educacional (Alfa 2).

Sim, como ótima fonte de pesquisa e ampliando a comunicação entre os educadores de todo o país (Charle 2).

Já tinha bastante noção de que a Internet poderia contribuir muito na educação (Delta 2).

Nestas respostas, identificamos as motivações pedagógicas e o desejo de cooperação profissional, apontadas por Pouts-Lajus como típicos da postura de adesão total.

No entanto, a antevisão de que a Internet seria integrada à Escola antes mesmo do anúncio da chegada do Portal é praticamente um consenso no universo pesquisado, isso não pode ser interpretado como uma adesão acrítica. Em quatro questionários (13,3%), vamos encontrar restrições e críticas por parte dos professores, em relação à presença da Internet na Escola:

Sim, porém acho que a Internet na Escola tem sido mais utilizada para apresentação de trabalhos de alunos e não nas aulas especificamente (Charle 3).

Sim, apesar de achar algo bem distante de nossa realidade (Charle 4).

Seu potencial é muito grande, apesar de justamente por isso representar algumas dificuldades (Fox 3).

Como podemos perceber, antes mesmo que o Colégio 7 de Setembro implementasse o Portal Educacional, os professores já vislumbravam que a Internet seria integrada ao cotidiano das escolas. Assim, a chegada do Portal não representou nenhuma surpresa, não constituiu um acontecimento extraordinário. E mais que isso: os professores já possuíam algumas concepções e pontos de vista firmados sobre o processo de integração Internet-Escola.

Como visto no capítulo anterior, pelo relato dos coordenadores, nem estes nem os professores foram consultados sobre a adoção da Internet e do modelo Portal pelo Colégio, com essa escolha sendo feita apenas pela Direção e o Departamento de Multimídia. Isso nos leva a concluir que se tivessem sido consultados pelo Colégio quando da escolha do Portal, os professores poderiam contribuir significativamente nesse processo.

Se tivessem sido ouvidos pelo C7S, os professores teriam plenas condições de oferecer opiniões e propostas, que imaginamos capazes de ter evitado uma série de erros observados ao longo da relação Portal – Colégio. Como anota Valente e Almeida, a possibilidade de sucesso dos projetos de integração das novas tecnologias à Escola está em

“considerar os professores não apenas como os executores do projeto, responsáveis pela utilização dos computadores e consumidores dos materiais e programas escolhidos pelos idealizadores do projeto, mas principalmente como parceiros na concepção de todo o trabalho” (1997)

4.2 Experiência com os computadores e Web antes do Portal

Quando questionados sobre qual era a relação que mantinham com computadores e Internet antes do Portal Educacional ser implantado no C7S, apenas um não respondeu à questão, enquanto outros dois professores (6,6%)

informaram que não utilizaram essas duas ferramentas. Esses números demonstram ampla inserção dessas tecnologias na vida pessoal e profissional dos professores do C7S, independentemente de sua presença na Escola.

De todo o grupo entrevistado, apenas um professor reportou uma postura aberta de oposição ao uso de computadores e internet, manifestando sua

Resistência a estas inovações tecnológicas (Tango 8).

Na minha perspectiva, a resistência do professor necessariamente não deve ser vista com uma conotação negativa, nem analisada como mera reatividade. Assim como Alava, compreendemos que a resistência do professor é, de forma geral, “um sintoma da dificuldade das instituições e dos atores (da educação) de se redirecionar” (2002:19) diante de mudanças no seu ofício por conta da introdução de novas ferramentas tecnológicas.

Assim, diferente de uma negação da importância da integração das novas tecnologias ao processo de ensino e aprendizagem, a resistência pode ser entendida com uma rejeição do professor à adoção de práticas que não domina. Isso é ainda mais evidente em um colégio competitivo, onde uma falha em sala de aula pode expor e fragilizar o educador diante dos alunos.

Outro professor informou não ter “Nenhuma” relação com as novas tecnologias antes de o Portal ser integrado ao Colégio; mas se a ampla maioria dos professores entrevistados (90%) já utilizava computadores e Internet anteriormente à implantação do Portal no C7S, vamos encontrar no universo pesquisado uma variedade de graus de intensidade no uso das novas tecnologias digitais em suas atividades pessoais e profissionais.

Apenas 4 (quatro) professores (13,3%) responderam ter “pouca” relação com os computadores e a Internet, enquanto um informou dispor de um micro, mas que precisava recorrer a terceiros para a execução de suas tarefas pessoais. Dois professores (6,6%) com menor grau de utilização e conhecimento qualificaram sua relação com as novas tecnologias digitais como sendo “muito distante”.

Em um outro grupo, podemos reunir os professores que já utilizavam computadores, mas de forma restrita a determinadas atividades. É o caso do professor que informou utilizar apenas *softwares* educativos (um entrevistado). Três entrevistados (10%) declararam que utilizavam os computadores apenas para a digitação de textos, como ilustra o seguinte depoimento:

Com o computador era de simples digitação de trabalhos, com a Internet pouco contato (Tango 16).

Dez outros questionários (33,3%) mostram professores utilizando computadores em suas atividades pessoais e profissionais, navegando e pesquisando na Internet, como exemplificam os depoimentos a seguir:

Antes da implantação (do Portal) eu já utilizava para elaboração de trabalhos e pesquisas na Internet (Tango 7).

Sempre gostei de utilizar a Internet para a realização de meus trabalhos profissionais ou do dia a dia (Tango 1).

Pesquisa em sites sobre Olimpíadas de Matemática; jogos, bate-papos. Leitura de jornais e pesquisas sobre assuntos atuais (Charle 4).

Outro grupo identificado nos questionários é o formado por três professores (10%) que podem ser qualificados como usuários avançados, pois informam dominar plenamente computadores e Internet, seja por conta de sua atuação como profissionais da área – caso dos professores de Informática Educativa – por autodidaxia, ou mesmo por uma formação adquirida em cursos:

(Sou) Professora de Informática (Eco 1).

Ampla, pois fiz cursos e trabalhava com a criação de homepages, antes de lecionar (Charle 2).

Já dominava a Internet e programas de computador (Delta 1).

Essas respostas podem ser identificadas com a postura de adesão total que tem como motivadora a desinibição em relação à tecnologia, segundo a classificação de Pouts-Lajus.

Pelo conjunto de respostas à questão sobre a relação dos professores com os computadores e a Internet antes do advento do Portal, podemos constatar grande desigualdade no nível de conhecimentos, habilidades e experiências no uso dos computadores e da Internet. Esse fato significativo foi ignorado por completo no processo de formação dos professores, como relatam os coordenadores e reafirmado pelos professores, como veremos adiante.

4.3 Imaginando um ensino melhor com a Internet

No tópico anterior, pudemos constatar que a visão de que a Internet seria integrada à Educação estava presente entre os professores do Colégio 7 de Setembro – Aldeota, antes mesmo do advento do Portal. Vimos ainda, que estes professores, em sua maioria, e em diversos graus de conhecimentos e tipos de uso, já eram usuários de computadores e da Internet.

A partir destas duas questões, procuramos conjugar duas perspectivas (a de usuário das novas tecnologias e de educador), mediado pela seguinte questão: “Você acredita que seja possível o professor utilizar-se das tecnologias da informação e da comunicação para melhorar a qualidade do ensino?” Com essa pergunta, buscamos conhecer a visão educativa da Internet dos professores no período anterior à chegada do Portal, permitindo compor um esboço de como os professores imaginavam trabalhar com a Internet na Escola.

E aqui encontramos a afirmação de um consenso. Todos os questionários (100%) informam que os professores do C7S acreditam que a Internet e outras tecnologias podem melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Um total de doze questionários (40%) traz como resposta para essa questão apenas o “Sim”. Os demais dezoito (60%) questionários trazem diversas críticas e observações consistentes.

Cinco professores (16,6%) apontam, ainda que indiretamente, para a importância de um planejamento e de uma metodologia específica para o trabalho com as novas tecnologias:

Basta que haja um propósito sério e um planejamento que seja seguido à risca (Alfa 1).

Mas temos de ser conscientes de que apenas o uso de tais tecnologias não é o bastante (...) só pelo fato de um usar computador ou portal o ensino não é melhor (Charle 4).

Desde que ele tenha uma boa orientação e acompanhamento (Alfa 2).

Nas respostas à questão feita há pouco, podemos reconhecer a postura de *ambivalência* por parte destes professores, pois a “argumentação e a prática são partilhadas, de diversas formas, entre disposições positivas e negativas em relação aos usos didáticos das tecnologias” (POUTS-LAJUS in ALAVA, 2002:174).

A formação para o trabalho com as novas tecnologias e o papel fundamental do professor são ressaltados em quatro questionários (13,3%), dos quais destacamos:

Sim, com o prévio acompanhamento do Professor (Beta 1).

Sem dúvida. O Professor precisa se capacitar para que se utilize desses recursos (Delta 1).

Já para outros cinco professores (16,6%), a adoção das novas tecnologias será capaz de melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que elas já são utilizadas e desejadas pelos alunos, como nas seguintes respostas:

Os alunos sentem-se mais motivados, interagem (Tango 10).

É urgente o uso dessas tecnologias as aulas, uma vez que os alunos do Colégio já tem acesso a todas essas tecnologias (Charle 3).

Com certeza o aluno se atrai muito pela informática (sic) (Tango 1).

As afirmações acima aproximam-se das argumentações utilizadas pelos professores que adotam a postura de *adesão separada*, uma vez que os professores se mostram favoráveis à adoção das tecnologias, “mas que consideram separadamente os usos dos professores e os usos dos alunos” (POUTS-LAJUS in ALAVA, 2002:173). Se não há uma distinção clara entre as formas de utilização por parte de alunos e professores, fica patente a referência aos alunos como fonte de motivação para a integração da tecnologia Internet ao Colégio.

Nos demais questionários, vamos encontrar relatos que destacam os recursos disponíveis com as novas tecnologias:

É uma lúdica e inovadora maneira de ensinar (Tango 12).

Para dois professores, a capacidade das novas tecnologias promoverem uma melhoria do ensino é tão evidente, que reagiram à questão formulada pela pesquisa com certa indignação:

É óbvio! (Tango 11).

Porquê não? (Fox 1).

A partir destes relatos, é cristalina a variedade de argumentos que levam os professores do C7S a acreditar na capacidade das novas tecnologias representarem um incremento na qualidade do processo de ensino e aprendizagem. E mais: tornam claras a receptividade e a disposição dos professores em incorporar a Internet às suas atividades profissionais.

4.4 Como os Professores reagiram ao Portal Educacional?

O conjunto de opiniões e conceitos que surgiram em respostas às questões anteriores permite-nos avançar na elaboração de um quadro com a avaliação dos professores sobre o Portal Educacional. Num primeiro momento, vamos nos deter em tentar apreender como os professores receberam o Portal.

As informações dos questionários confirmam a avaliação dos coordenadores do C7S, que relatam o entusiasmo e uma grande receptividade ao Portal por parte dos professores. De todos os entrevistados, nenhum demonstrou rejeição, mas isso está longe de representar uma adesão acrítica. Alguns professores, não obstante expressarem uma recepção positiva, expõem claramente suas preocupações e ressalvas.

Em exatos 20 questionários (66,6%), encontramos relatos de uma recepção muito positiva ao Portal, como ilustram as citações a seguir:

Adorei, pois gosto de trabalhar com informática (Tango 1) .

Muito positiva, avaliei que seria de extrema importância (Tango 4).

Contentamento e entusiasmo pela utilização de um recurso tão útil (Tango 7).

Otimista com uma ferramenta a mais para melhorar a comunicação (Eco 1).

Interessante para o enriquecimento das aulas (Tango 5).

Dois professores, apesar de informarem uma reação positiva à implantação do Portal, explicitam suas precauções e receios:

Entusiasmo com cautela, pois percebi as limitações (Fox 2).

Com cuidado, pois era mais uma ferramenta e não a solução para todos os problemas de aprendizagem (Fox 3).

Sentimentos como ansiedade e insegurança também estão presentes em quatro questionários, que correspondem a 13,3%:

Fiquei ansiosa, pensando se realmente seria utilizada de forma satisfatória (Tango 11).

A primeira reação foi de insegurança, mas sempre considerando que seria uma ferramenta muito importante (Tango 12).

Um professor informa haver recebido o Portal de forma positiva por considerá-lo

Importante para motivar os professores (Tango 8).

Em outro questionário, vamos encontrar uma crítica direta ao processo de implantação do Portal:

No início, tudo pareceu complicado, é como se muita coisa estivesse sendo jogada de pára-quebras (Tango 3).

Como que dando continuidade e aprofundamento à crítica, encontramos o seguinte relato de um professor:

Acho que foi uma implantação brusca, não havendo uma preparação, capacitação dos professores para melhor utilizar tão importante ferramenta (Charle 4).

De fato, já em uma primeira avaliação sobre o Portal, o professor identificado nesta pesquisa como Charle 4, chama a atenção para a questão essencial da formação dos professores para o trabalho com as novas tecnologias digitais, tema da próxima categoria a ser apresentada neste trabalho.

4.5 A formação dos professores para o trabalho com o Portal Educacional

A integração das novas tecnologias de comunicação, interação e hipertextualidade da Internet, sobretudo no Ensino Fundamental, representa um desafio aos professores e à Escola: o desenvolvimento de novas metodologias de ensino e aprendizagem para estas tecnologias.

Neste processo inexorável, a formação dos professores é uma questão central para a realização de todas as novas potencialidades que se descortinam. Manuel Moran assinala que as novas tecnologias exigem muito esforço na preparação dos professores, enquanto o aluno faz parte de uma cultura da qual a Internet é um instrumento natural. “Ele é privilegiado na relação que tem com a tecnologia” (MORAN, 2000). Ampliando esse conceito, podemos afirmar que o despreparo do professor está na exata medida do despreparo da escola em lidar com a Internet como ferramenta auxiliar na construção do conhecimento.

A pesquisa perguntou aos professores do C7S-Aldeota se, quando do momento da chegada do Portal Educacional ao Colégio, eles julgavam-se capacitados para o trabalho com essa nova tecnologia. Do universo pesquisado (30 professores), um total de 17 (56,6%) respondem que “Não” se julgavam preparados.

Outros 12 educadores (40%) responderam que “Sim”, enquanto um professor respondeu criando uma nova opção ao questionário, assinalando de próprio punho que se julgava “Mais ou menos” preparado.

Pelas informações colhidas junto aos coordenadores e apresentadas no capítulo 3, este resultado surpreende. Supúnhamos que um reduzido número de professores - mais exatamente os que trabalham com informática educativa - respondesse afirmativamente. Acreditamos, no entanto, que esses dados refletem a avaliação de um momento específico - a chegada do Portal - quando ainda não haviam experimentado o trabalho efetivo com o Educacional.

Para melhor compreensão do processo de capacitação dos professores do C7S pelo Portal Educacional, perguntamos aos educadores do Ensino Fundamental da sede Aldeota quantos e quais cursos, treinamentos ou capacitações sobre o Portal eles haviam realizado até o primeiro semestre de 2003, período em que foram

coletados os dados. As respostas que obtivemos comprovam que o C7S seguiu exatamente o modelo de “capacitação” de professores do Portal Educacional.

Apesar de questionar de quantas capacitações, cursos ou treinamentos haviam participado - uma pergunta que poderia levar à obtenção de respostas exclusivamente quantitativas - esse item do questionário fez com aflorassem os primeiros posicionamentos críticos dos professores ao modelo de formação do Portal.

Dos 30 professores que participaram da pesquisa, apenas um informou não ter participado de nenhuma forma de capacitação, por julgar não ser necessário, vez que

“Já sabia como utilizar” (Charle 2).

Se o Professor Charle 2 não participou da capacitação por julgar-se devidamente preparado, outros dois (02) professores afirmaram não ter participado de nenhuma formação para o trabalho com o Portal por não reconhecerem nos treinamentos que participaram uma atividade de formação:

“Não participei de nenhum treinamento, apenas me apresentaram de maneira bem superficial o que seria o Portal” (Tango 13).

“Treinamentos, cursos ou capacitações não foram realizados, mas alguns demonstrativos” (Delta 1).

Três (03) professores responderam qualificando de “poucas” as oportunidades de capacitação para o Portal. Ambos apontam a exigüidade e a superficialidade da formação, pois:

“Foram poucas reuniões de 50 minutos, sobre os detalhes do Portal, algo muito rápido e com muito pouco aproveitamento” (Charle 4).

“Muitas vezes algumas informações são transmitidas rapidamente antes de outros assuntos numa reunião” (Alfa 1).

“Poucas, foram realizados sem muito aprofundamento” (Tango 2).

Dois outros professores afirmaram ter participado de “alguns” treinamentos, além de descreverem como sendo realizados nos laboratórios, com a coordenadora técnico-pedagógica do Portal. Outros quatro (13,3%) professores responderam não

saber quantificar os momentos de capacitação que passaram, apresentando dúvidas entre o número exato destes eventos, como na afirmação do professor identificado como Tango 3:

“Dois ou três, não me lembro bem. A pessoa responsável (pela capacitação) passou uma parte do dia aqui no Colégio, por exemplo, uma manhã e repassou as informações”.

A maioria dos professores (53,3%) responde quantificando quantos treinamentos, cursos ou capacitações receberam. Dos dezesseis integrantes desse grupo, cinco (05) informaram ter recebido apenas um (01) treinamento. Dentre estes, 3 (três) descrevem onde o treinamento foi realizado (laboratórios de informática) e dois descrevem cargas horárias diferentes:

“Um treinamento de duração de 4 horas” (Tango 5).

“Um. Treinamento e demonstração de uma hora e trinta minutos” (Eco 1).

Seis professores (20%) informaram ter participado de dois (02) treinamentos, enquanto outros cinco (16,6%) responderam que participaram de três (03).

Um outro agrupamento de respostas, composta por dois (02) professores, não quantifica, mas suas informações apontam a existência de um modelo de capacitação que se faz à medida da necessidade dos professores, sem um momento específico, e que classificamos como “treinamento-suporte”:

“Sempre que o grupo de Professores apresentou dificuldades a equipe responsável nos atendeu comparecendo à Escola e oferecendo-nos capacitação” (Tango 4).

“Participamos dos treinamentos todo o ano e aproveitamos para tirar nossas dúvidas. Ficamos manipulando o computador, em sala com o Professor e qualquer dúvida, procuramos resolver” (Tango 1).

A partir da variedade de respostas encontradas para esta primeira questão relacionada à formação dos professores para o trabalho com o Portal, podemos inferir a inexistência de um modelo bem definido de capacitação. Se há uma proposta metodológica – a do Portal Educacional – encontramos uma indefinição da carga horária e da periodicidade, emblemáticas da falta de uma regularidade, de um

processo ou método de formação. A realização de treinamentos a partir das necessidades demonstradas pelos professores, sugere improvisação.

4.6 Os professores avaliam a capacitação

Perguntei aos professores do C7S que avaliação eles faziam da capacitação que receberam para trabalhar com o Portal e se a julgavam suficiente. As respostas revelam uma reprovação do processo de formação do Educacional. Do total de 30 questionários, apenas dois professores (6,6%) não responderam à questão. Apenas um professor não avaliou de forma positiva ou negativa, considerando “média” a formação recebida.

A capacitação oferecida pelo Portal foi bem avaliada e considerada como suficiente por apenas três professores (10%):

“Pra mim foi, pois já sabia usar o computador e aprender um novo programa é mais fácil” (Charle 3).

“Suficiente, é sempre bom receber mais instruções” (Fox 1).

“Boa e suficiente, pois foi transmitida de forma objetiva” (Tango 11).

Já as avaliações críticas representam a maior parte dos questionários, com 80% do universo desta pesquisa. Essas avaliações estão fundamentadas em questões que afloram de forma recorrente ao longo de toda a pesquisa, como as limitações do tempo, da ausência de infra-estrutura, a não-utilização do Portal, além de outras críticas mais específicas em relação à capacitação.

Um total de três professores, que correspondem a 10%, avaliou como “insuficiente” a formação recebida, enquanto um respondeu apenas “não”, sem detalhar as razões que os levaram a esse julgamento.

A maior parte dos professores (66,6%), no entanto, fundamentou por escrito sua avaliação negativa do processo de formação para o trabalho com o Portal. A insuficiência da carga horária dos encontros de capacitação é apontada pelos

professores como a principal razão para uma avaliação negativa. Um total de 8 (oito) professores, que corresponde a 26,6%, indica a necessidade de maior número de horas de capacitação e navegação pelo Portal. Vejamos algumas dessas respostas:

“É necessário que haja mais tempo disponível para melhor conhecermos o portal e como aplicar em sala de aula” (Tango 9).

“Insuficiente em relação à qualidade e ao tempo, já que são muitas informações a serem passadas” (Alfa 1).

“Bem, gostaria que tivéssemos mais tempo para navegar com o portal. O tempo, na minha opinião, poderia melhorar” (Tango 1).

“Não, a capacitação deveria ter uma carga horária bem maior” (Tango 3).

Estes depoimentos acerca da exigüidade da carga horária dos treinamentos oferecidos pelo Portal reforçam a importância dessa questão, já levantada em vários relatos de coordenadores. O tempo de formação é um dos fatores mais significativos no processo de integração de novas tecnologias à Escola e um dos elementos mais problemáticos na metodologia de trabalho do Educacional.

Treinamentos, “sensibilizações” e “treinamentos-suporte”, de curtíssima carga horária na formação para a integração com tecnologias que reorganizam o trabalho docente, formam um conjunto de ações de capacitação tão evidentemente precárias, que só podem ser entendidas como uma estratégia deliberada e articulada com o objetivo de transformar os professores em meros operadores do Portal.

Sem o tempo necessário para nivelar, conhecer, aprofundar, explorar e adaptar os recursos e potencialidades da Internet às suas experiências e práticas, o professor torna-se um simples monitor das ferramentas do Portal, nem de longe tocando a superfície de um mundo de novas possibilidades. Dessa forma, para os professores capacitados nesse modelo – a grande maioria – Internet na educação é igual ao modelo Portal.

Mesmo não tendo nenhum dado que confirme essa afirmação, podemos imaginar as dificuldades dos professores do C7S formados nesse modelo em utilizar alguma atividade navegando com seus alunos para além dos limites *conhecidos* do Portal Educacional.

Outra questão relevante apontada pelos professores nesta pesquisa foi a ausência de uma infra-estrutura adequada, utilizada para fundamentar uma avaliação negativa por dois professores (6,6%):

“Deixou a desejar, por falta de infra-estrutura” (Tango 7).

“Não, infelizmente faltou um pouco de infra-estrutura, os cursos poderiam ter sido melhores” (Delta 1).

Quando pensamos na incorporação, pela Escola das novas tecnologias, a questão da infra-estrutura assume grande importância, pois esse é um dos maiores desafios para o uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação. A formação dos professores e as metodologias de trabalho são fundamentais, mas a questão da infra-estrutura também é relevante, pois outro argumento utilizado pelos professores para fundamentar suas críticas é exatamente a não-utilização do Portal em sala de aula. Para esse grupo, formado por três professores (10%), o fato de não utilizar o Portal em sala de aula faz com que a capacitação seja avaliada negativamente, como ilustra a resposta:

“O treinamento seria mais eficaz caso houvesse mais uso do portal” (Tango 5).

Outro conjunto de respostas faz referências diretas ao método de capacitação do Portal Educacional, e pode nos apontar caminhos para a sua superação. Um professor critica a falta de continuidade do processo de capacitação:

Para iniciar o programa foi bom, mas se faz necessário um treinamento contínuo” (Tango 16).

Já para outros dois educadores, o problema está no que qualificam de superficialidade da capacitação:

“Superficial” (Tango 12).

“Não. Acredito que uma demonstração mais aprofundada seria muito interessante e proveitosa” (Alfa 2).

Essa superficialidade pode ser compreendida como uma crítica aos conteúdos da capacitação, também presente nas respostas de outros dois

professores, que criticam a pequena abrangência e sinalizam para a necessidade de um treinamento mais específico:

“Não, precisamos de algo mais técnico” (Beta 1).

“Não, por que só vimos os projetos” (Tango 15).

O modelo de formação do portal enquadra-se no que Kenski classifica de “treinamentos para usar”, ou seja, um tipo de capacitação que tem seu foco no domínio de um *software* específico (o portal), em treinamentos de curta duração “mas sem se deter em informações básicas, críticas e esclarecedoras acerca do ‘por que usar’”, em uma forma de “adestramento tecnológico” (KENSKI, 2003:77). Por esse modelo, não se busca a “fluência tecnológica”, nem as competências para a transposição didática via Internet, mas “a manipulação, utilização e consumo acrítico das tecnologias e dos conteúdos disponíveis em *pacotes*” (KENSKI in ALVES e NOVA, 2003:31).

Analisando o conjunto de respostas-avaliação, encontramos um total de 21 professores, que corresponde a 70% do universo pesquisado, os quais avaliaram de forma negativa a formação que receberam do Portal Educacional. Esse é um dado muito significativo e que revela a incapacidade desse modelo em preparar os professores para o trabalho com a Internet.

4.7 Um ano e meio depois, os Professores conhecem o Portal?

No momento da coleta de dados, completava-se pouco mais de um ano de integração do Portal ao Colégio 7 de Setembro. Como fica límpido nas avaliações dos professores, a metodologia de capacitação para o trabalho com o Portal não ofereceu a formação teórica para que a ferramenta pedagógica Internet pudesse ser efetivamente incorporada ao trabalho dos docentes.

E como esse modelo de formação do Educacional se reflete na prática dos professores, no cotidiano da sala de aula? Passado mais de um ano e meio de formação, como os professores utilizam o Portal, quais as ferramentas de

comunicação e interatividade e desenvolvimento dos processos psicológicos superiores utilizadas? Quais atividades são realizadas com a ferramenta Internet?

Para responder a estas questões, incluímos na pesquisa uma lista das principais ferramentas e recursos do Portal Educacional e pedimos que os professores assinalassem as que conheciam e utilizavam. Os percentuais de conhecimento e utilização, por ferramenta, foram os seguintes:

Saiba Mais (área de multimídia do Portal)	63,3%
Pesquisa Escolar	56,6%
Oficinas	46,6%
Central de Projetos	43,3%
Notícias Educacionais	40%
Webmail	36,6%
Enciclopédia	36,6%
Salas de jogos	33,3%
Consulta ao especialista	26,6%
Mural da Escola	26,6%
Banco de imagens	23,3%
Professor <i>Online</i>	23,3%
Livros Recomendados	20%
Planos Curriculares Nacionais	20%
Entrevistas	16,6%
Clássicos Virtuais	13,3%
Relatos de experiências	13,3%
Curso <i>Online</i>	13,3%
Sala de bate-papo	13,3%
Glossário Pedagógico	10%
Atlas Educacional	10%
Brasil Multimídia	10%
Catálogo de Sites	10%
Editor de Projetos	6,6%
Editor de Páginas	3,3%
Comunicador Instantâneo	3,3%
Fóruns	3,3%
Guia Educacional	3,3%
Legislação	3,3%
Especialista <i>Online</i>	3,3%
Ampliando idéias	3,3%

Perguntei, ainda, que atividades os professores já haviam realizado com seus alunos utilizando as ferramentas e recursos do Portal. As respostas foram as seguintes:

Participei de uma Oficina	60%
Uso regularmente o Correio Eletrônico do Portal	23,3%
Utilizei a sala de jogos com meus alunos	20%
Consultei o Glossário	20%
Indiquei um livro para a seção de Livros Recomendados	13,3%
Criei uma página pessoal no Portal	6,6%

Uso regularmente o Comunicador Instantâneo	3,3%
Criei uma sala de bate-papo	3,3%
Criei um Projeto para trabalhar com meus alunos	0%

Como é de fácil percepção, após um ano e meio de integração do Educacional ao C7S, o conhecimento e a utilização pelos professores, das ferramentas e recursos do Portal podem ser considerados muito baixos, mesmo entre as ferramentas de comunicação – as mais populares da Internet.

Pelo que podemos concluir a partir dos dados há pouco delineados, a principal aplicação do Portal está na realização de pesquisas. Duas ferramentas de pesquisas, o Saiba Mais - a área de multimídia do Portal – e a Pesquisa Escolar, com 63,3% e 56,6%, respectivamente, são as ferramentas mais conhecidas e utilizadas pelos professores. Ainda podem ser incluídas neste grupo as ferramentas Enciclopédia, conhecida por 36,6%, e Banco de Imagens, com 23,3% de reconhecimento pelo universo pesquisado.

E aqui cabe uma reflexão: as ferramentas Pesquisa Escolar e Saiba Mais, as mais conhecidas/utilizadas pelos professores, por suas características, são as que mais se aproximam da idéia de uma pesquisa/navegação pela Internet.

A procura por informações (Pesquisa Escolar), disponíveis em multimídia (Saiba Mais), está mais próxima da idéia da livre navegação pela rede, do que algo a ser encontrado pelos professores em único lugar (Portal); ou seja, a principal aplicação do Portal poderia ser realizada pelos professores com a Internet e sem o Portal.

Ainda sobre as ferramentas/recursos mais conhecidas/utilizadas, encontramos as Oficinas e a Central de Projetos, reconhecidas por 46,6% e 43,3% dos professores, respectivamente. Do universo pesquisado, 60% informaram ter participado de uma Oficina. Isso confirma a informação dos coordenadores, que apontaram a participação nas Oficinas e Projetos, juntamente com as pesquisas, como as principais aplicações do Portal no C7S.

Se, porém, as Oficinas e Projetos são conhecidas/utilizadas por um número razoável de professores, chama a atenção o baixo reconhecimento obtido pelo Editor de Projetos, sendo apontados por apenas dois professores (6,6%); ou seja, parte significativa do uso do Portal pelo Colégio, que se dá pelas oficinas, acontece de uma forma passiva, com os professores apenas se utilizando dos projetos

prontos do Educacional, sem que desenvolvam ou adaptem seus próprios projetos ao editor de projetos.

O dado que considero, contudo, mais significativo é o fato de nenhum dos professores do C7S-Aldeota ter criado um Projeto Educativo, o que é possível ser feito via Central de Projetos do Portal Educacional.

Apenas um professor (3,3%) criou uma sala de Bate-Papo para seus alunos e somente dois educadores criaram páginas pessoais no Portal. Estes dados são Indicadores claros da mínima atuação autoral dos professores do C7S com as ferramentas da Internet disponíveis no Portal. Como as Oficinas vêm prontas para serem aplicadas, e com o conhecimento muito pequeno da ferramenta de criação de Projetos, podemos concluir que o Colégio é um mero “consumidor” dos projetos desenvolvidos e repassados pelo Portal e que, por desconhecimento, deficiência da capacitação ou mesmo desinteresse, os professores deixam inexploradas uma série de ferramentas em que poderiam criar as próprias aplicações, exercitando a autoria e produzindo conteúdos em harmonia com o planejamento, as necessidades de seus alunos e suas estratégias de ensino.

Destacamos também a razoável procura dos professores pelos recursos do Portal que tratam de questões relacionadas ao exercício da atividade docente. A seção Notícias Educacionais é acessada por 40% dos professores. O Professor *Online*, por sua vez, é uma área do Portal onde os professores podem se comunicar por correio eletrônico com um professor-especialista do Educacional: é utilizada por 23,3% do universo pesquisado. Complementam essa busca por informações relativas ao universo da educação as consultas às seções de Livros Recomendados e Planos Curriculares Nacionais (PCN), ambas reconhecidas por 20% dos professores. Podemos citar, ainda, o fato de 13,3% dos professores terem indicado obras para a seção Livros Recomendados.

Outros dados que surpreendem são os baixos conhecimentos e a pequena utilização das ferramentas de comunicação e interatividade, sejam síncronas ou assíncronas. Apesar de serem de longe as mais conhecidas e utilizadas ferramentas da Internet, estando inseridas no cotidiano e no imaginário de milhões de pessoas, o correio eletrônico é reconhecido por apenas 36,6%. As salas de Bate-Papo, com 13,3%, os Fóruns, com 3,3% e o Comunicador Instantâneo, com 3,3% de reconhecimento/utilização, demonstram o quanto essas ferramentas são subutilizadas pelos professores.

Com base nas respostas dos professores, chegamos à conclusão de que a metodologia de formação de professores para o trabalho do Portal Educacional é muito ineficiente. Como resultado dessa capacitação, temos uma utilização das ferramentas e recursos que apenas tocam na superfície do enorme conjunto de potencialidades que a Internet representa para a Educação formal.

Estamos convencido de que se faz necessário (re)pensar o modelo de formação para o Portal Educacional, tendo como referência a experiência do Colégio 7 de Setembro. A partir desta reflexão, poderemos estabelecer alguns caminhos que conduzam a um modelo de formação de professores para a incorporação da Internet no processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental, para além dos limites dos portais.

4.8 Avaliação: o que é o Portal Educacional?

Os professores, em seu trabalho cotidiano, ocupam uma posição fundamental na Escola. Eles são os mediadores do conhecimento, em relação à cultura escolar e os alunos. Sobre seus ombros, repousa a missão educativa da Escola, sintetiza Maurice Tardif, em *Saberes Docentes e Formação Profissional* (TARDIF, 2002).

Segundo esse pesquisador canadense, a afirmação do papel central do professor passa pelo reconhecimento de que estes profissionais produzem e mobilizam saberes específicos no cotidiano de suas atividades. Por esse postulado, é preciso que se superem duas visões: a primeira considera o professor como um técnico que aplica conhecimentos produzidos por outros profissionais, tais como pesquisadores e especialistas em currículos; na segunda, o professor é visto como um agente social, cuja ação é determinada apenas pelo conjunto de forças sociais do universo em que está inserido (TARDIF, 2002).

Segundo Tardif, a superação destas duas visões, que classifica de *reducionistas* quanto à importância do professor e o reconhecimento de seu papel central, fazem com que seja necessário recolocar a subjetividade no centro das

pesquisas sobre o ensino. Dessa forma, as pesquisas em ensino devem levar em conta a subjetividade dos professores, pois

“Nessa perspectiva, toda pesquisa sobre ensino tem, por conseguinte, o dever de registrar o ponto de vista dos professores, ou seja, sua subjetividade de atores em ação (...) a pesquisa sobre ensino deve se basear num diálogo fecundo com os professores, considerados não como objetos de pesquisa, mas como sujeitos competentes que detêm saberes específicos sobre seu trabalho” (TARDIF, 2003, pg. 230).

Assim, a pesquisa em educação deve considerar o professor como um

“sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhes dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele se orienta” (TARDIF, 2003: 228).

Compartilhando das idéias do pesquisador canadiano, procuramos criar as condições para que os professores do Colégio 7 de Setembro – Aldeota pudessem expressar suas visões sobre o trabalho com a Internet no Ensino Fundamental, por intermédio do Portal Educacional.

Acreditamos que, após 3 (três) semestres de trabalho com o Portal Educacional em suas atividades cotidianas, os professores tenham vivenciado um amplo conjunto de experiências, bem ou malsucedidas. Nesse período, as atividades com o Portal exigiram que os professores produzissem e mobilizassem saberes próprios em relação ao ensino por meio da ferramenta Internet.

A partir dessas experiências, os professores do C7S tornaram-se os mais capacitados profissionais para avaliar o Portal Educacional, podendo contribuir, assim, para uma reflexão mais ampla, sobre a própria inserção da Internet no Ensino Fundamental. Nesse sentido, procuramos, inicialmente, saber dos professores como eles percebiam, e, em seguida, como avaliavam, na qualidade de Educadores, o Portal Educacional.

Apresentamos, de início, uma questão em solicitamos que informassem como viam o Portal Educacional do ponto de vista institucional, assinalando uma das seguintes opções: como algo pertencente ao Colégio, uma entidade estranha ao C7S, ou uma outra. Esta última opção era destinada àqueles que não se sentissem contemplados com as duas opções anteriores. Junto à questão, foi aberto um espaço para que os professores pudessem apresentar respostas subjetivas,

expressando, se houvesse, outras visões sobre o Portal. Todos os 30 professores responderam a essa questão.

A maioria das respostas (46,6%), que correspondem a quatorze questionários, mostra que os professores percebem o Portal como algo integrado à estrutura do Colégio, ou seja, de certa forma, eles não estabelecem uma distinção, uma separação entre o que pertence ao C7S e o que é do Educacional.

Foi um resultado de certa forma surpreendente, visto que a distinção entre o Educacional e o C7S sempre foi clara aos professores, inclusive no processo de capacitação. Por outro lado, também podemos vislumbrar nessas respostas uma postura de incorporação, de aceitação e proximidade dos professores em relação ao Portal.

Para nove (9) professores, que correspondem a 30% do universo pesquisado, o Portal não é percebido como a presença ou o próprio Colégio na Internet, nem como uma entidade estranha, que presta serviços ao C7S, assinalando a opção “outra” como resposta. Destes, apenas um não comentou sua resposta. Observando este conjunto de respostas, vamos encontrar diferentes concepções sobre o Portal. Entre estas, podemos apontar uma visão mais funcional, com o Educacional sendo reconhecido pelos professores como uma empresa que realiza um serviço para o Colégio:

“Uma empresa que foi contratada para atender a uma nova necessidade do Colégio 7 de Setembro” (Fox 2).

“Um complemento na educação” (Tango 16).

Outra visão, presente nos comentários de três professores (10%), refere-se ao Portal como uma entidade estranha ao Colégio - não por sua relação institucional - mas pelo distanciamento a que foram levados pelas dificuldades enfrentadas, o que faz com que estes professores tenham dificuldades ou não consigam utilizá-lo:

“Uma ferramenta que pretende ser parte do Colégio, porém, só o será quando seu uso for democratizado, ou seja, dominado e aceito por todos ou pela maioria. Por enquanto, ainda é uma entidade estranha posto que poucos conhecem ou navegam por ele” (Tango 4).

“Um meio que acredito logo será uma parte quando todos estiverem utilizando” (Eco 1).

“Uma ferramenta que aos poucos ganha espaço no colégio, mas que devido ao seu potencial poderia ser mais utilizado” (Tango 7).

Ainda no conjunto de comentários associados à resposta “outra”, encontramos um professor que mesmo percebendo o Portal como uma parte do C7S, também se refere a um distanciamento, pois o Educacional é uma

“Parte que precisa ser mais utilizada pelos Professores” (Alfa 3).

Vale ressaltar que essa dificuldade no uso e a não-utilização do Portal correspondem a uma resposta recorrente em nossa pesquisa, e nas várias respostas da questão que analisamos nesse momento. É o caso de dois professores (6,6%), que assinalaram simultaneamente as opções “parte do Colégio” e “outra” e comentaram:

“Um trabalho, uma ferramenta riquíssima que muitas vezes não temos a oportunidade de explorarmos com os alunos” (Tango 12).

“Um meio que precisa ser melhor utilizado” (Tango 11).

A recorrência prossegue com o professor que assinalou simultaneamente as opções “parte do Colégio” e “entidade estranha”:

“Faz parte, mas não é utilizada como deveria ser” (Tango 6).

Dois outros professores não se sentiram contemplados com as opções propostas à questão sobre como vêem o Portal, deixando em branco as colunas. Não se esquivaram, porém, de expor suas visões:

“O Portal é um equipamento que o Colégio tem para melhorar sua forma de ensinar e ajudar aos alunos, nas suas dificuldades” (Delta 2).

“Está entre os dois” (Delta 1).

Por último, constatamos que o professor identificado como Tango 9, criou a própria opção, escrevendo “Em parte”; e justifica sua resposta trazendo de volta a questão da dificuldade no uso e em relação à não-uso:

“A utilização é mínima”.

Ainda em busca de respostas que permitam maior compreensão do que pensam os professores do C7S sobre o Portal Educacional, propus a seguinte

questão: Qual a sua (dos professores) avaliação - como profissional da Educação – sobre o Portal Educacional? Os dados oriundos das respostas serão apresentados e condensados no item a seguir.

4.9 O Portal Educacional-C7S, segundo os professores

O objetivo da questão - desde a elaboração de seu enunciado – foi propor aos professores que fizessem uma reflexão sobre o Portal Educacional. De maneira intencional, essa foi a única em que nos referimos a educadores e não a professores. Ainda de forma deliberada, não estabelecemos referências que pudessem de alguma forma limitar as respostas.

A proposta era que eles se abstraíssem dos problemas do cotidiano de professor em sala de aula com o uso do Portal, e, como educadores que são, elaborassem uma reflexão mais ampla, distanciada de sua experiência pessoal mais imediata, muitas vezes marcada pelo insucesso, e que dessa forma, a subjetividade pudesse fluir com maior liberdade.

Apenas um professor não escreveu sua avaliação sobre o Portal, deixando o campo em branco. Nas avaliações dos professores sobre o Educacional, vamos encontrar um rico painel de pontos de vista e fundamentações, que reafirmam problemáticas já detectadas em questões anteriores desta pesquisa e apontam novas e interessantes visões sobre o Portal.

Entre os 29 professores que escreveram sua avaliação, o maior grupo de respostas (23,3%) é formado pelos professores que julgam de forma muito positiva o Portal Educacional, baseando-se em argumentos de ordem didática e pedagógica. Neste grupo, encontramos adjetivos e expressões adjetivas como “excelente” e “muito bom”;

“Excelente forma de encontrar pesquisas relacionadas à nossa matéria” (Charle 2).

“Uma ferramenta importante. A Internet precisa caminhar de mãos dadas com a educação” (Delta 1).

“Ajuda bastante na educação” (Delta 2).

“É um bom recurso para alunos e professores, em busca das informações de todo o mundo da educação” (Beta 1).

Ainda entre os que avaliam de forma positiva e justificam suas falas com razões didáticas e pedagógicas, encontramos ressalvas quanto ao uso:

“É um recurso pedagógico de excelente qualidade, rico, mas que vem sendo pouco utilizado” (Tango 7).

Essa não-utilização do Portal, recorrente ao longo desta pesquisa, talvez explique as avaliações positivas, mas que remetem a potencialidades, a uma utilização futura:

“Um instrumento de excelente apoio pedagógico, de oportunidades para acrescentar o nível cognitivo” (Tango 10).

“Acho que é uma excelente ferramenta para usada nas aulas, como apoio pedagógico, como gancho entre professor-aluno. Estou aberta a utilizar novas idéias em minhas aulas” (Charle 3).

Não é sem razões que o segundo maior grupo de avaliações é formado por três professores que (re)afirmam a necessidade do Portal ser mais utilizado. Mesmo neste grupo, o Portal é julgado de forma positiva:

“É uma ferramenta interessante, mas precisa ser mais utilizada” (Alfa 2).

“É muito bom, porém não está sendo devidamente utilizada” (Tango 14).

“É muito, mas deveria ser mais utilizada” (Tango 6).

No grupo de Professores que apontam a necessidade de maior utilização do Portal, apenas um não adjetiva sua avaliação:

“Na realidade, o Portal quase não é utilizado” (Tango 9).

Outro agrupamento é formado por 3 (três) professores, que correspondem a 10% do grupo pesquisado e que avaliam de forma crítica, mesmo que apontando

fatores positivos do Portal. Destes, dois fundamentam-se na qualidade dos conteúdos:

“É um recurso que oferece ferramentas importantes. Gosto muito do professor online, entretanto, precisa ser melhorado e muito – no que relaciona-se aos aspectos conteudinais (sic) para uso na sala de aula” (Tango 4).

“É uma embalagem bonita e atrativa, mas sem conteúdo nenhum” (Alfa 1).

Completa esse grupo crítico o professor identificado como Charle 1, que avalia o Portal como

“Muito fraco” (Charle 1).

As avaliações que se seguem mostram várias fundamentações para julgar de forma crítica e/ou positiva o Educacional, caso de 2 (dois) professores, que correspondem a 6,6%, a destacarem a importância do Portal para os alunos:

“Um complemento (instrumento) bom para a utilização do aluno, pode ser mais explorado” (Tango 16).

“É um recurso muito bom, traz curiosidade e leva o aluno a pesquisar” (Tango 13).

Dois outros professores também avaliam o Educacional como algo de grande importância para o Professor:

“Interessante e de grande importância para o professor” (Eco 1).

“Uma ferramenta para nós, professores, primorosa” (Tango 12).

Também está presente em várias avaliações a idéia do Portal como uma ferramenta ou recurso a ser empregado no processo de ensino e aprendizagem, sendo enfatizada em duas outras avaliações, que julgam positivamente o Educacional:

“É uma excelente ferramenta de trabalho” (Tango 11).

“Excelente recurso, de grande potencial e aplicabilidade em estudos particulares, informacionais, pesquisas etc” (Fox 3).

Um grupo de dois professores apontou dificuldades em realizar uma avaliação do Portal. Eles mostram um desconhecimento do Educacional, e que supomos seja causado pela não-utilização tantas vezes apontada ao longo desta pesquisa:

“A minha avaliação é limitada pelo desconhecimento de sua utilidade na íntegra. Entretanto, considero-lhe um bom recurso pedagógico para a escola” (Tango 8).

“É difícil avaliar o desconhecido, ouve-se que é uma ferramenta importantíssima, é como se fosse, digamos, uma Ferrari F-1, só que não fizemos auto-escola e não temos carteira de motorista, portanto, não me sinto em condições de avaliar o desempenho” (Charle 4).

Chama a atenção o fato de que, mesmo alegando desconhecimento, estes professores reconhecem as potencialidades do Portal, pouco exploradas pelo Colégio.

Duas avaliações não nos permitem maiores conclusões:

“Tenho ainda o que aprender” (Tango 5).

“Favorável” (Alfa 3).

Outras respostas vão além da avaliação e apontam necessidades, sinalizam caminhos a serem seguidos. Este é o caso do professor identificado como Tango 15, que se refere à questão do “tempo” para que o professor possa capacitar-se e conhecer os recursos do Portal:

“É bom, mas não tempo para utilizá-lo”.

A constante citação do tempo não acontece por acaso ao longo desta pesquisa, tanto por parte dos coordenadores como dos professores do C7S. Muito mais do que o tempo do treinamento, há a necessidade de tempo como a construção de uma habitualidade, de um tempo para que o Professor possa conhecer e explorar as potencialidades da rede e ir paulatinamente experimentando, refletindo e partilhando com seus colegas de profissão, (re)elaborando continuamente a sua didática para a Web.

Para que essa convivência do professor com as novas tecnologias aconteça, é fundamental que a escola reveja uma série de questões, como a carga horária e

grades curriculares. Kenski resume bem essa necessidade e descreve um quadro que parece inspirado na realidade que encontramos no Colégio 7 de Setembro:

“Ao não alterar a estrutura da escola e do ensino para poder contemplar as especificidades de uso dessa nova tecnologia, a escola compromete seu ensino e qualifica o meio digital como um recurso caro, sofisticado e que, mais uma vez, não funciona” (2003:73).

Já o professor identificado como Tango 3 reconhece a potencialidade do Portal em sua avaliação, mas defende a necessidade de que o Educacional tenha uma maior inserção no planejamento das aulas:

“Seria uma ferramenta fantástica, caso houvesse espaço no plano (de aula) para encaixá-lo” (Tango 3).

A necessidade de uma maior presença do Portal também está presente na avaliação do professor aqui identificado como Tango 1, mas por meio de uma ampliação dos espaços físicos:

“Poderíamos ampliar o trabalho do Portal. Poderíamos dar um maior espaço em sala ou laboratório, com o uso da multimídia” (Tango 1).

As dificuldades na utilização do Educacional são vistas como algo quase intransponível, na avaliação do professor Tango 2, ainda que ele ofereça uma referência positiva ao Portal:

“Muito interessante, porém quase impossível ser aplicado” (Tango 2).

Analisando estas avaliações, constatamos que, apesar das dificuldades de formação e de utilização dos recursos do Portal, os professores do C7S reconhecem as potencialidades da ferramenta de aprendizagem Internet e vislumbram o quanto ela poderia contribuir no processo de ensino-aprendizagem. É como sintetiza a avaliação do professor Fox 1:

“Instrutivo, interessante, porém falta alçar o vôo para atingir na sua totalidade, os nossos alunos”.

A predominância de avaliações positivas do Portal, malgrado tantas e fundamentadas críticas apresentadas nesta pesquisa, pode parecer contraditória. Supomos, todavia, que, ao avaliar o Educacional, os professores não tinham em mente esse Portal – até pela ausência de experiências com outros portais –, mas a idéia da Internet; ou seja, ao avaliar o Portal, na verdade, os professores do C7S julgaram a Web, com seus recursos e ferramentas.

A ampla maioria de avaliações apresentadas nesse tópico, fundamentadas em argumentações de ordem didática e pedagógica, demonstram a capacidade dos professores do C7S na elaboração de uma reflexão sobre os métodos e formas de trabalho com a Internet. Essa capacidade analítica de pensar sobre o próprio ofício, somada à experiência de mais de um ano e meio de trabalho com o Portal Educacional, credencia os professores do C7S a contribuir significativamente em uma reflexão sobre os métodos e formas de trabalho com a Internet no Ensino Fundamental.

4.10 Uma proposta metodológica dos professores do C7S para a Internet no Ensino Fundamental

No exercício cotidiano de suas funções de mediador da construção do conhecimento, os professores valem-se de um conjunto de saberes²². Segundo Maurice Tardif, esse conjunto de saberes constitui um “saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional, de saberes curriculares e experienciais” (TARDIF, 2002:36).

Nesse conceito, os saberes profissionais são compreendidos como aqueles adquiridos nas instituições de formação de professores, como faculdades e escolas normais. Já os saberes curriculares correspondem

²² A noção de saberes que adotamos nesse trabalho é a formulada por Maurice Tardif, para quem esse conceito tem um sentido amplo, englobando os conhecimentos, as competências, as habilidades, aptidões e atitudes dos docentes, “ou seja, aquilo que por muitas vezes foi chamado de saber, saber-fazer e de saber-ser” (TARDIF, 2002, pág. 60).

“aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos, a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados (...) Apresentam-se concretamente sob a forma de programas escolares (objetivos, conteúdos e métodos) que os professores devem aprender a aplicar” (TARDIF, 2002:38).

Por sua vez, os saberes experienciais, ou saberes práticos surgem da ação prática e cotidiana dos professores com seus alunos. À medida que vão surgindo e sendo validados, esses conhecimentos são incorporados à experiência individual e coletiva dos professores.

Refletindo sobre os saberes docentes nos estreitos limites desta pesquisa, buscamos compreender como os professores foram capacitados para o trabalho com o Portal e, ainda, que superficialmente, com os métodos e objetivos escolares do Colégio 7 de Setembro. A questão da formação profissional transcende ao objeto de nossa pesquisa.

Dentre o conjunto de saberes que formam o saber docente na elaboração de Tardif, a experiência do C7S com o Portal Educacional nos parece muito rica do ponto de vista da produção de conhecimentos experienciais pelos professores. De fato, na atividade diária de trabalho com o Portal Educacional, os professores do C7S são levados a rearticular os conhecimentos profissionais adquiridos em sua formação, procurando adaptar-se às normas e práticas do Colégio. Nesse processo, descartam o que lhes parece inútil, sem relação com a realidade vivida, mantendo aquilo que possa servir de algum modo.

Isto quer significar que, em sua prática cotidiana, os professores são chamados a reinterpretar, recriar, rearticular e adaptar os conhecimentos recebidos em função da realidade vivida na sala de aula, originando novos saberes baseados em suas experiências.

Como anota Tardif (2002), na maioria das vezes o professor precisa tomar decisões, fazer escolhas e desenvolver estratégias de ação em plena atividade, sem ter como apoiar-se em um saber-fazer técnico científico. Ao escolher, reinventar ou criar procedimentos em sala de aula para atingir seus objetivos com seus alunos, ele assume - ainda que inconscientemente - uma teoria de ensino-aprendizagem, desenvolve novas metodologias, faz surgir novas práticas educativas.

No dia a dia da sala de aula, os professores precisam interpretar os objetivos do Colégio, “dar-lhes sentido em função das situações concretas de trabalho e, ao

mesmo tempo, conceber e construir as situações que possibilitem a sua realização” (TARDIF, 2002:128).

A experiência do Colégio 7 de Setembro com a Internet, por meio do Portal Educacional, mostra a validade dessas afirmações. Sem uma formação adequada para o trabalho com as ferramentas de comunicação e desenvolvimento dos processos psicológicos superiores da Internet, os Professores do C7S viram-se diante da necessidade de empregar a Internet - Portal em suas aulas, dentro do modelo adotado pelo Colégio.

Ao longo desse processo, os professores do C7S tiveram que realizar escolhas, recorrer a conhecimentos de sua formação e, sobretudo – foram levados a desenvolver suas próprias estratégias e métodos de trabalho, ou seja, elaboraram novas práticas, criando uma metodologia própria para o trabalho com a Web.

Esses saberes experienciais, construídos pelos professores de Ensino Fundamental do Colégio 7 de setembro no trabalho concreto com a Internet, resultam em um conhecimento significativo e que pode orientar novas experiências nesse momento de transição, em que não há uma metodologia consolidada de integração da rede à Escola.

Justamente esses conhecimentos, esse saber-fazer com a Internet, a modelagem metodológica que os professores do C7S desenvolveram ao longo do trabalho com o Portal Educacional, é que buscamos apreender. A partir de algumas questões expressas aos professores, procuramos construir um modelo de utilização da Internet formulado pelos professores do C7S. Tendo como base os saberes experienciais que acumularam, os professores apontam caminhos, indicam práticas e métodos advindos de um rico aprendizado, que acreditamos, podem vir a iluminar outras experiências de integração da Internet ao processo de ensino e aprendizagem.

4.11 Pesquisa e seleção de conteúdos

Formulamos algumas questões que permitissem aos professores realizarem uma descrição de como propõem que a Internet seja utilizada com seus alunos.

Nossa primeira questão foi: o próprio Professor deve pesquisar e escolher na Internet os conteúdos e determinar qual(is) atividade(s) deseja realizar com seus alunos? Juntamente com as opções-respostas objetivas, os questionários ofereceram espaços para que os professores pudessem comentar suas respostas, oferecendo elementos de natureza subjetiva.

Um total de 22 professores, que correspondem a 73,3% do universo de 30 pesquisados, respondeu Sim a essa questão, enquanto 6 responderam Não (20%), um (3,3%) preferiu dar outra resposta e apenas um (3,3%) não respondeu.

A escolha da resposta Sim pela grande maioria torna patente o desejo dos educadores assumirem o processo de escolha dos recursos da Internet a serem utilizados por seus alunos. Para a maioria dos entrevistados, o professor deve pesquisar e selecionar na rede que dados, informações e recursos podem vir a ser empregados na construção do conhecimento. Essa opção dos professores do C7S caracteriza uma rejeição ao modelo Portal, em que os conteúdos, recursos e projetos são previamente definidos e repassados em *pacotes* aos educadores. Fica evidente o desejo dos professores assumirem a tarefa de promover a integração dos recursos da Internet ao processo educativo, numa afirmação de sua autonomia.

Entre os que responderam que o professor deve pesquisar e escolher na Internet os conteúdos e determinar qual(is) a(s) atividade (s) desejam realizar com seus alunos, 18, que correspondem a 60%, comentaram suas respostas.

Nesse significativo conjunto de respostas subjetivas, temos pelo menos quatro principais motivações para que o próprio Professor navegue pela rede e escolha os conteúdos que serão trabalhados com os alunos: pelo conhecimento dos alunos e de suas necessidades, a capacidade de adequação à disciplina, como uma oportunidade do professor acessar a Internet, aprender e desenvolver-se profissionalmente, além da qualidade dos conteúdos disponíveis na rede.

A primeira dessas razões, comentadas em sete questionários (23,3%), é a que defende a idéia de que o Professor conhece os alunos e as suas necessidades:

“Nós estamos diariamente ligados com os alunos, atendendo suas necessidades” (Tango 14).

“O Professor conhece as características e anseios de seus alunos” (Alfa 3).

“Somos nós que conhecemos a realidade da sala de aula” (Charle 2).

De acordo com as respostas subjetivas, o conhecimento da realidade e das necessidades dos alunos permite ao professor selecionar na Internet o material adequado para cada turma ou aluno. Dessa forma, ele é o mediador certo para a transposição didática dos conteúdos da rede para a sala de aula, encontrando a metodologia mais indicada para cada situação.

“Conhecendo nossos alunos, é muito melhor de planejar e encaixar o recurso didático” (Alfa 2).

“O Professor é aquele que tem contato direto com o aluno e pode ser a “ponte” entre as suas necessidades (que muitas vezes eles nem sabem) e a educação” (Fox 3).

“Pois é a melhor pessoa para indicar a melhor forma de trabalho” (Tango 11).

Mesmo reconhecendo que por seu conhecimento sobre os alunos e suas necessidades, o professor identificado como Tango 4 aponta novamente a falta de “tempo” dos professores para pesquisar e selecionar conteúdos na internet – um papel que pode ser feito pelo Portal:

“Para que adequem-se às suas necessidades, porém, pela falta de tempo inerente à profissão, é bom que hajam as sugestões do Portal” (Tango 4).

A segunda razão para que os professores pesquisem e selecionem conteúdos na rede, está fundamentada na importância da correta adequação dos conteúdos às disciplinas, uma atividade que cabe ao Professor:

“Neste caso, ele adequa a atividade ao conteúdo” (Tango 7).

“Com isso o Professor terá domínio da matéria e poderá adaptar à sua realidade” (Delta 1).

“Com critérios específicos da disciplina” (Eco 1).

A terceira razão fundamental, segundo as respostas comentadas, vem do fato de que a tarefa de pesquisar na Internet para selecionar conteúdos adequados ao trabalho com os alunos representa uma oportunidade de acesso à rede, pois

“O Professor precisa também, ter essa possibilidade para que possa utilizar-se de uma proposta tecnológica mais democrática” (Tango 8).

Além do acesso a essa ferramenta, fazer do professor um navegador representa uma oportunidade de desenvolvimento profissional, de aprendizado, de ampliar sua formação, com resultados que alcançam os alunos:

“Dessa forma o professor aprenderá mais e estará em contato com a ferramenta” (Tango 5).

“É uma forma dele mesmo se aprofundar no assunto e repassar para os alunos” (Tango 9).

No agrupamento de professores que responderam Não à questão “o próprio Professor deve pesquisar qual (is) atividade(s) deseja trabalhar com seus alunos”, quatro (13,3%) comentaram suas respostas, revelando um dado muito significativo: mesmo abdicando da autonomia para decidir quais os conteúdos ou atividades que podem ser realizadas com a ferramenta Internet, eles não delegam essa tarefa ao Portal, ou a outros especialistas, mas a um coletivo:

“Deve ser o trabalho de um grupo” (Alfa 1).

Se, porém, o professor identificado por Alfa 1 não especifica a composição do grupo, dois outros educadores propõem a participação dos alunos na escolha dos conteúdos e recursos:

“O Professor deve logicamente guiar e ter em mente os trabalhos e pesquisas que deseja fazer, mas estando aberto a indicações dos próprios alunos, tentar ensinar também a trocar idéias” (Charle 4).

“O aluno deve ser apenas orientado, pois o professor deve ser um facilitador” (Fox 2).

A idéia de que professores e alunos devem atuar conjuntamente na escolha das informações, conteúdos e recursos da Internet também está presente no questionário do professor identificado como Tango 2, que mesmo não assinalando a resposta objetiva, escreveu que

“Deve haver uma sintonia entre alunos e professores” (Tango 2).

Como podemos observar no conjunto de respostas e comentários, para a maioria do universo entrevistado, cabe aos professores a missão de navegar, selecionar e transpor, levando em conta a realidade da sala de aula, adequando os conteúdos à disciplina ministrada. Podemos inferir, a partir desta análise, que os conhecimentos experienciais dos professores do C7S apontam que o modelo Portal é desnecessário, e que a integração da internet à escola deve se dar com e pelos professores.

4.12 Os alunos e a Internet: liberdade ou controle?

Na perspectiva de elaboração do esboço de uma proposta metodológica surgida a partir dos conhecimentos experienciais dos professores do C7S com relação à incorporação da ferramenta Internet, procuramos saber como propõem que seja a relação dos alunos com a rede. “Como os alunos devem pesquisar na rede?” – perguntamos. Os professores escolheram entre “pesquisando livremente”, “acessando apenas os sites recomendados pelos professores”, ou a opção “outra”. Essa última foi acompanhada de um campo para que os pesquisados pudessem explicitar sua proposta com relação ao tema.

A análise dos questionários mostra que, na opinião da maioria dos pesquisados, os alunos devem pesquisar livremente pela rede. Um percentual de 46,6%, que correspondem a 14 professores, assinalaram esta opção. Percebemos então, que os professores não temem o acesso dos alunos à rede, ou seja, para a maioria, não deve haver nenhuma forma de censura ou controle, muito embora o único professor a comentar sua resposta tenha ressalvado que os alunos podem navegar livremente na rede, mas realizando

“Pesquisas sugeridas pelos professores” (Tango 6).

Outros nove pesquisados, que representam 30%, assinalaram que os alunos devem pesquisar “acessando apenas os sites recomendados pelos professores”. Destes, cinco (16,6%) fizeram questão de defender sua escolha, comentando a

resposta. Nesse grupo de respostas subjetivas, encontramos três fundamentações, referentes à faixa etária dos alunos, à necessidade de um acompanhamento e de integração entre o que os conteúdos que podem ser obtidos na rede com o que é ministrado na disciplina.

Para apenas dois professores (6,6%), as pesquisas devem ser feitas nos sites recomendados, haja vista a questão da idade dos alunos e a ausência de confiabilidade em matérias disponíveis na rede, o que demanda um acompanhamento:

“Para as crianças menores fica difícil pesquisar livremente. Ela pode fazer sua pesquisa livremente dentro do que foi ou se pretende conhecer, estudar, terá um direcionamento” (Tango 12).

“Pela diversidade nem sempre recomendável encontrada na net é mais confiável que realizem pesquisas em sites recomendados. Pelo menos os mais novos (fundamental 1)” (Tango 4).

A necessidade de uma orientação, de um método que norteie a realização de pesquisas e navegações também está presente em outros dois comentários:

“Para evitar desperdício de tempo” (Tango 7).

“Devem ser periodicamente orientados” (Alfa 3).

Já o professor identificado como Eco 1 defende a necessidade de que o aluno pesquise em sítios recomendados como uma forma de assegurar a integração com os conteúdos ministrados na disciplina,

“Através de projetos e atividades relacionadas à disciplina” (Eco 1).

Um total de 7 professores, que correspondem a 23,3% do universo pesquisado, não defende a livre pesquisa, nem a navegação apenas em sites recomendados. Este foi o grupo de professores que assinalou a resposta objetiva “outra forma” à questão: “como os alunos devem pesquisar na Internet?”.

Todos os professores desse grupo comentaram suas respostas, e o que podemos observar é que todos esses comentários, respeitadas algumas considerações, apontam para uma metodologia de trabalho que reúne a livre navegação pela rede e a pesquisa orientada pelos professores:

“Pesquisando livremente – esporadicamente e freqüentemente os sites recomendados pelo Professor” (Tango 3).

“Pesquisando livremente e também os sites recomendados pelo Professor” (Tango 8).

“Eles devem pesquisar à vontade, mas podem também receber sugestões dos Professores” (Alfa 1).

“Livremente e seguindo orientações” (Fox 3).

Essa junção de pesquisa livre e orientada, porém, deve se dar de forma gradual, de acordo com dois professores, que defendem a idéia de que os alunos pesquisem

“Inicialmente sob orientação, depois livremente” (Tango 11).

“O Professor deverá dar algumas opções e o aluno escolherá onde quer pesquisar” (Tango 13).

Já o professor identificado como Charle 4 faz uma reflexão sobre a necessidade de que a forma de trabalho dos alunos com a Internet seja relativizada em função do senso crítico do aluno:

“Ficamos aqui com o problema da liberdade c/ responsabilidade não podemos tratar os alunos como seres desarticulados, mas infelizmente, eles também não têm ainda senso crítico e de responsabilidade para tanta liberdade” (Charle 4).

Refletindo sobre o conjunto de respostas à questão “como os alunos devem pesquisar na Internet”, encontramos nítida divisão quanto à melhor forma. Fica patente, é que, para os professores pesquisados, a Internet é uma ferramenta que não desperta temores, muito embora alguns riscos sejam considerados. Não há uma só voz que clame por controles rigorosos ou censura, tampouco uma proposta metodológica mais restrita no tocante à navegação pela rede.

As três formas elencadas na questão (navegação livre, orientada ou a opção outra), dividem as opiniões dos professores. Não há uma posição com maioria ampla, o que reflete a necessidade de uma metodologia mais nítida de trabalho com a Internet – o que o modelo Portal não proporcionou aos educadores do C7S.

Outro aspecto muito significativo é que esta proposta metodológica dos professores do C7S, amplamente favorável à liberdade de navegação e à orientação

dos Professores, desmonta um dos principais argumentos para a existência dos portais educativos: a necessidade de controle do acesso à rede por conta dos perigos da Internet para crianças e jovens.

4.13 Internet na Escola: como usar?

Como pudemos observar ao longo deste trabalho, uma das questões mais indefinidas na proposta metodológica do Portal Educacional, adotada pelo Colégio 7 de Setembro, diz respeito ao modo de utilização da Internet, mais especificamente, não fica evidente nem na proposta do Portal, nem na prática no cotidiano do Colégio, como a Web deve chegar à sala de aula, se por meio de um computador instalado na sala de aula, pelo acesso dos alunos ao Educacional nos laboratórios de Informática, ou, ainda, a rede sendo acessada em casa, pelos alunos, como fonte de pesquisa.

Nessa questão, como pôde ser visto em momentos anteriores deste trabalho, corrobora as questões estruturais do C7S, que vão desde a ausência de disponibilidade de pontos de rede e computadores nas salas de aula e de horários nos laboratórios, ao distanciamento entre a área de informática educativa e o Portal.

Apesar de todas essas dificuldades, que resultaram algumas vezes em experiências malsucedidas e em uma utilização do Portal bem pequena diante de suas possibilidades, os professores do C7S demonstram ter definido bem a forma de uso que acreditam ser a mais apropriada para a integração da Internet à escola.

Apresentamos a seguinte questão: “De que forma você gostaria de utilizar a Internet em suas aulas?”. Oferecemos quatro opções objetivas, com base na literatura da Informática Educativa e do próprio Portal, para que o professor assinalasse a sua escolha entre “Na sala de aula, com o uso de um projetor ou TV de tela grande”, “No laboratório de Informática”; “Como fonte de pesquisa, com os alunos acessando a Internet” e “Somente em oficinas”. Os Professores puderam assinalar mais de uma resposta, contemplando assim, outras possibilidades de uso da Internet.

De todos os 30 (trinta) professores pesquisados, somente um questionário foi devolvido sem resposta. Os resultados encontrados foram os seguintes:

<u>Forma de uso</u>	<u>Quantidade de respostas</u>
1. Na sala de aula, com o uso de um projetor ou TV de tela grande	25
2. Como fonte de pesquisa, com os alunos acessando a Internet em casa	21
3. No laboratório de Informática	18
4. Somente em oficinas	0

Um total de 25 professores, que correspondem a 83,3%, escolheu a primeira opção, em que a Internet é utilizada na sala de aula, com o uso de um projetor (*data show*) ou TV de tela grande. Essa escolha, por suas características de uso (o único ponto de acesso à rede), demonstra o interesse do professor em estar no controle do uso da Internet, de assumir pessoalmente a mediação entre as informações e recursos da rede e seus alunos, dentro do espaço da sala de aula, sem delegar ou compartilhar essa atividade com técnicos e/ou outros profissionais em um laboratório de informática.

Quando pensamos no universo do Colégio e em sua experiência com a Internet - Portal, a ampla escolha dessa modalidade de trabalho com a rede nos parece emblemática de um desejo de conquistar o espaço ocupado pelo Educacional, de obter mais autonomia, no planejamento e no trabalho com a Web com os alunos.

O modelo Portal, ao mesmo tempo em que oferece uma resposta imediata à questão “como usar a Internet na escola”, também representa, em certa medida, a perda da autoria do professor sobre o seu trabalho. O Portal Educacional segue um modelo que adota “uma série de medidas metodológicas, psicológicas didáticas, organizativas etc., que afastam o professorado da reflexão e tomada de decisões sobre os fins e conteúdos do ensino” (SILVA, 2000:80)

Ainda segundo Silva, nesse modelo, o professor vive uma decrescente valorização de suas condições de trabalho, ao ser distanciado das suas “funções conceituais e convertido num mero executor daquilo que técnicos e administradores decidem e planejam” (2000:80)

Em segundo lugar na preferência dos professores do C7S como método de trabalho, com 70% de respostas, está a opção 2 - utilização da Internet como fonte de pesquisa, com os alunos acessando a Internet em casa. O resultado não chega a surpreender, pois essa é a forma mais utilizada no Colégio, com o Portal Educacional, ou seja, é a reafirmação de um modelo em uso, com o qual os professores estão habituados.

A terceira modalidade de trabalho com a rede na educação (opção 3), na escolha dos professores, com 60% das opções assinaladas, está o uso da Internet nos laboratórios de Informática. Acreditamos que essa escolha pode ser entendida como o desejo de experimentar essa modalidade de uso, que ao longo da experiência do C7S com a Internet foi pouco utilizada. Outra leitura possível é que essa escolha representa uma proposta de trabalho mais compartilhada com os alunos. Vale lembrar que a maioria dos Professores defende o livre acesso dos alunos à rede.

Outro resultado digno de destaque é o fato de nenhum professor haver escolhido a opção metodológica do uso da Internet em Oficinas – prática comum na experiência do C7S com o Portal. Esse resultado pode ser entendido como uma reprovação a essa forma de trabalho com a rede ou desconhecimento desse modo de uso.

O resultado mais significativo, no entanto, obtido com a questão “de que forma você gostaria de utilizar a Internet em suas aulas?”, está no número elevado (76,6%) de professores que assinalaram mais de uma opção, expressando suas propostas de múltiplas formas de utilização da Internet.

Um total de onze professores (36,6%) defende a utilização da Internet simultaneamente na sala de aula, nos laboratórios de informática e como fonte de pesquisa. Para outros sete (23,3%), a Internet é uma ferramenta que deve ser utilizada na sala de aula e como fonte de pesquisa. Já para 16,6%, que correspondem a cinco professores, a Web deve estar presente na sala de aula e nos laboratórios. A defesa de múltiplas formas de utilização da Internet feita pelos professores fica ainda mais nítida quando constatamos que, de todo o universo pesquisado, apenas cinco (16,6%) assinalaram única opção: sala de aula (2), laboratório de informática (1) e como fonte de pesquisa (2).

Esses resultados evidenciam que, apesar de pouco utilizada no cotidiano do Colégio e das falhas na formação, os professores têm um bom conhecimento sobre

as diversas formas como a Internet poderia ser utilizada no processo de ensino e aprendizagem. Isso nos leva a acreditar que, se lhes fossem dadas possibilidades de escolha quanto à forma de trabalho, os alunos do C7S utilizariam a Internet com maior intensidade e diferentes formas. Expressam, também, um perceptível desejo dos professores em adotar novas práticas, em experimentar com a rede, de incorporar esta ferramenta ao cotidiano da sala de aula, a partir de uma metodologia proposta com base nos saberes experienciais acumulados ao longo de mais de um ano e meio de trabalho com a Internet, e que é possível superar a necessidade do Portal, por meio da formação dos professores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão fundante desta pesquisa está na premissa de que os computadores e sua extensão – a Internet – são instrumentos da cultura das sociedades contemporâneas. Como tal, não podemos conceber a escola como um espaço onde esse importante aspecto de nossa cultura não é apropriado, criticamente trabalhado e empregado na formação de crianças e jovens.

Cabe à escola, como local da transmissão e da produção do conhecimento, valer-se dos instrumentos e das práticas criadas pela inteligência humana ao longo da história. Nesse sentido, a escola deve estar sempre se reinventando, numa reconstrução permanente de seus métodos, numa releitura constante do mundo onde está inserida.

Isso se torna ainda mais necessário em nossos dias, quando a Internet e os meios eletrônicos representam uma nova tecnologia intelectual que está transformando a maneira como as pessoas se comunicam, interagem, produzem e distribuem informações, e o que mais significativo: como aprendem.

A Internet e os meios eletrônicos digitais configuram uma nova cultura, marcada pela intensa riqueza sensorial do audiovisual, da não-linearidade do hipertexto, da velocidade e das diferentes formas de interatividade, onde crianças e jovens estão completamente inseridas. A escola, por sua vez, ainda permanece sob a tradição da oralidade e da lógica cartesiana, ensejando um descompasso da realidade social em relação aos métodos de construção do conhecimento.

Nessa conjuntura, a escola vê-se diante da pressão social pela incorporação da Internet e dos meios eletrônicos como ferramenta pedagógica e assim possa efetivamente cumprir a missão de preparar as novas gerações para a vida. Esse é um enorme desafio para a escola, e que se reveste de maior grandeza, quando comparamos a velocidade com que evoluem as tecnologias digitais com a lentidão com que a educação formal se apropria das inovações científicas e tecnológicas e lembramos que a capacitação de professores demanda tempo e recursos – bens escassos na área da educação.

A integração da Internet à escola é um processo complexo, uma vez que não estamos diante de uma inovação de caráter técnico, não se trata de incorporar ao processo de ensino e aprendizagem um mero artefato ou uma técnica.

Computadores e Internet representam novas formas de pensamento, de articulação de saberes, de construção do conhecimento, por meio de recursos até então inexistentes, como a capacidade de simulação.

O valor dessa tecnologia da inteligência não está em si mesma, mas no que fazemos com ela. É de fundamental importância compreender a tecnologia para entender nosso mundo e nosso modo de viver, situando em primeiro plano sua dimensão humana e social. A inserção da Internet à escola, sobretudo no ensino fundamental, não se pode dar de maneira acrítica, intempestiva, dentro de uma perspectiva que coloque o mero acesso a máquinas e à rede mundial de computadores como questão central.

Não se pode imaginar a possibilidade de produzirmos uma inovação educacional sem que se cuide de duas coisas essenciais: a produção de um conhecimento pedagógico e a formação adequada dos professores. A integração de um novo suporte à informação, com a riqueza e a complexidade hipertextual e multimidiática, a multivocalidade e as ferramentas de comunicação e interatividade não pode se dar sem uma reformulação das práticas educativas, sem novos métodos e novas práticas didáticas.

O acesso à informação e aos canais de comunicação síncronas e assíncronas, não são, por si próprios, dotadas de capacidade educativa. Eles só ganham essas características quando são apropriados por um método que os empregue como ferramentas, como instrumentos de mediação em um processo de ensino e aprendizagem e mediados pelos professores, a quem cabe a promoção do diálogo interpretativo, de onde emergem o sentido e a construção do conhecimento.

A construção de uma metodologia, de uma didática capaz de explorar toda a potencialidade da Internet, está em relação direta com o processo de capacitação dos professores. A formação docente para o trabalho com as ferramentas de comunicação e interatividade é condição vital para que a rede mundial de computadores seja incorporada à escola. Uma metodologia requer um enorme esforço intelectual, demanda tempo, experimentação, reflexão, sistematização. A ainda pequena literatura existente em torno de experiências de integração da web à escola atesta as dificuldades da elaboração da metodologia. A formação dos professores, por sua vez, também exige tempo, investimento e vontade política.

É nesse cenário de enormes desafios à escola que os portais inserem-se com sua proposta totalizante, apresentando-se como uma solução pronta e acabada para

a necessidade de um método e de formação de professores para a integração da Internet à escola. Essa proposta representa uma solução imediata para os problemas da escola, razão pela qual esse modelo cresce significativamente e hoje é o modelo predominante de aplicação da Internet ao ensino fundamental.

Ao longo desta pesquisa, no entanto, pudemos constatar que por trás dessa solução rápida e fácil, esconde-se uma série de questões preocupantes para todos os que pensam e fazem a educação, seja na rede pública ou privada.

Ao optar pelo modelo portal - como no caso do Colégio particular - a escola abdica de desenvolver uma metodologia, e, por conseqüência, de investir na formação de seus professores para a utilização da web como ferramenta pedagógica. Voluntária ou involuntariamente, as escolas-clientes tornam-se dependentes de um modelo pedagógico que não lhe pertence, renunciando ao desenvolvimento de uma metodologia, de uma didática própria, a partir da reflexão de seus docentes. E se o contrato entre o Colégio e o portal for encerrado, o que ficará em termos metodológicos para o C7S?

A alternativa dos portais também não representa uma superação da formação dos professores para o trabalho com as novas tecnologias digitais. Ao contrário, promove a alienação do professor de suas tarefas essenciais, como o planejamento das aulas e a escolha dos conteúdos, comprometendo profundamente a autonomia, uma questão essencial na atividade docente.

O momento histórico em que a Internet começa a ser efetivamente incorporada à escola representa uma grande oportunidade de que os professores estejam à frente dessa integração, dando formas efetivamente pedagógicas à apropriação da rede mundial de computadores como instrumento de apoio ao processo de ensino e aprendizagem, não permitindo que essa tarefa seja delegada a tecnólogos de qualquer natureza.

Outro aspecto significativo que pudemos constatar ao longo deste trabalho, foi a postura muito receptiva, entusiasmada até, com que os professores receberam o portal. Isso refuta por completo a idéia de uma resistência às novas tecnologias no trabalho docente. Muitos acreditam (inclusive membros da escola) que o professor boicota as novas tecnologias. Os resultados obtidos neste trabalho negam essa idéia.

Ao contrário, do que se poderia imaginar, os professores aceitaram a tarefa nada fácil de incorporar a web como ferramenta pedagógica.

Essa postura está claramente descrita no relato dos coordenadores e professores do Colégio. Ao longo de toda a trajetória de trabalho com o Educacional, os professores vêem de maneira positiva o portal. Isso fica nítido desde o momento do anúncio da chegada do Educacional, até a avaliação mais ampla sobre o portal. Em várias questões, os professores deixam patente sua visão favorável ao portal. Melhor ainda é perceber que, mesmo diante de uma postura entusiasta, da aprovação ao portal, essa adesão não se dá de forma acrítica.

Mesmo sendo “simpáticos” ao portal, os professores têm muito claras em seus conceitos a importância da Internet, de como ela pode ser empregada no processo de ensino e aprendizagem, como podemos constatar em várias afirmações ao longo da pesquisa.

Talvez a questão mais importante, o aspecto vital deste trabalho está na descrição e na análise da formação dos professores para a incorporação da Internet, segundo a metodologia do Portal Educacional. É desse aspecto que podemos chegar a algumas constatações e conclusões que permitam aprender com a metodologia do Educacional e, a partir daí, vislumbrar caminhos para uma outra proposta, capaz de superar as falhas que constatamos.

O primeiro item da formação docente do Educacional a ser destacado é a ausência de uma aferição do nível de conhecimento dos professores sobre a Internet. É um aspecto elementar em qualquer formação, e que é ignorado pelo portal. Como fica patente neste trabalho, os professores tinham os mais diversos níveis de conhecimento e experiência sobre computadores e Internet, indo desde professores com grandes limitações nesse campo, até professores de Informática; no entanto, não houve nenhuma avaliação nesse sentido, nem qualquer diferenciação durante os momentos de capacitação.

O segundo e não menos importante aspecto diz respeito à forma, à modalidade de treinamento adotado pelo portal, e que recebe fortes críticas dos professores. O modelo de treinamento do Educacional caracteriza-se por não preparar o professor para que tenha um domínio, uma fluência no uso das tecnologias digitais, para que os docentes se tornem aptos a realizar a transposição didática dos conteúdos de suas disciplinas para o novo suporte hipertextual e multimidiático, para a exploração das ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona.

Ao contrário, o formato, a carga horária e a sistemática adotada, o treinamento em uso e o treinamento-suporte formam um modelo deliberado de formação para a dependência do professor ao portal; ou seja, a prática de formação baseada no conhecimento dos recursos do portal configura-se como uma estratégia para que o professor se limite ao uso do portal quando pretender usar a Internet. Nesse sentido, o modelo de formação do Portal é uma porteira para os professores na medida em que restringe seu conhecimento e sua liberdade de exploração, de descoberta e experimentação no ciberespaço.

Os resultados desse modelo de formação docente podem ser aferidos em vários indicadores presentes ao longo deste trabalho, na afirmação constante do pouco aproveitamento do portal no cotidiano do Colégio, no baixo nível de conhecimento e de utilização das ferramentas e recursos do Educacional.

Mas talvez o indicador mais emblemático do fracasso do modelo de capacitação do Educacional esteja, no entanto, no temor manifestado por alguns professores de empregar o portal em suas aulas. Isso representa o despreparo, a fragilização do professor diante do medo de errar, de não conseguir usar a Internet com seus alunos, em uma escola onde a competitividade e o “conteudismo” são características tradicionais.

Como se esses indicadores não fossem suficientes para constatar o despreparo resultante desse modelo de formação, outra forte crítica recorrente dos professores é a falta de uso do Portal, a necessidade de uma maior “tempo” para o professor. E aqui temos uma constatação interessante: apesar da formação insuficiente que receberam, os professores querem utilizar o Portal, querem a Internet em suas atividades com os alunos.

A reincidência com que os professores relatam a necessidade de mais tempo revela uma dupla demanda: os docentes reclamam mais tempo de capacitação e tempo para experimentar, para a exploração dos recursos da rede. E aqui podemos inferir a importância de que a integração da rede à escola contemple uma readequação da carga horária dos professores.

Somente assim, os professores poderão explorar, experimentar e obter a segurança e a fluência essenciais para a que a ferramenta pedagógica Internet seja empregada em toda a sua potencialidade. Além disso, não podemos esquecer de que as ferramentas de comunicação e interação da Web, ao ampliarem o espaço-

tempo da aula, exigem a disponibilidade do professor, ou seja, da existência de uma carga horária ampliada.

Ainda neste trabalho, pudemos constatar que o emprego da web como ferramenta pedagógica só se justifica quando os conteúdos, o material didático disponível na web for preparado para explorar as características hipertextuais e multimidiáticas da rede; quando os conteúdos agregarem recursos de simulação ou que sejam plenos de riqueza sensorial. A mera transposição de textos impressos para o suporte Internet, como é o caso de muitos dos conteúdos do Educacional, resultam em um material pobre, que não faz sentido ser empregado. Em outras palavras, podemos dizer que só faz sentido usar a Internet no processo de ensino e aprendizagem quando os conteúdos a serem trabalhados com os alunos ofereçam recursos que nenhum outro aparato possa oferecer. Em síntese, a Internet só acrescenta à educação quando consegue oferecer o que nenhum outro meio ou suporte oferece.

Outro aspecto que considero da maior importância, é o fato de que, por meio deste trabalho, os professores puderam formular uma proposta de utilização da Internet em suas atividades pedagógicas. Dessa forma, eles puderam propor uma metodologia de trabalho com a web – o que não tiveram oportunidade de fazer quando da implantação do portal. A proposta metodológica dos professores aponta caminhos para a integração da Internet ao ensino fundamental e merece algumas reflexões.

A livre navegação como forma de pesquisa, com os alunos podendo realizar suas pesquisas na rede, como defende a maioria dos professores, é uma concepção que nega um dos principais argumentos para a existência do modelo portal: a necessidade de “proteger” os alunos dos perigos da web; ou seja, os professores não compartilham desse temor, que é um dos mais fortes argumentos de “venda” dos portais educativos.

Muito interessante, também, é o fato de os professores expressarem o desejo de pesquisar e selecionar na Internet os conteúdos e atividades a serem trabalhadas com seus alunos, a partir de 3 (três) argumentos principais: o conhecimento das necessidades dos alunos, a adequação dos conteúdos à turma e pelo fato de representar uma oportunidade de autodesenvolvimento profissional.

Mais uma vez, a proposta metodológica desconstrói as razões basilares dos portais educativos. A postura dos professores em querer assumir a tarefa de

pesquisar e selecionar os conteúdos mais adequados aos seus alunos pode ser compreendida como uma afirmação da autonomia do professor, uma tentativa de reaver uma atividade tipicamente docente, e que é suprimida pelos portais.

A seleção de conteúdos da rede mais indicados para cada série, assim como a questão da “segurança” compõem os argumentos essenciais para a existência dos portais. E mais: os professores vislumbram, de maneira lúcida, que a conquista da autonomia, a postura ativa e pedagógica do professor diante da Internet representa uma possibilidade concreta de aperfeiçoamento profissional.

Além dessa construção metodológica que sinaliza claramente a superação do modelo portal, ressaltamos a multiplicidade de formas de utilização da Internet presente na proposta dos professores. Apesar das experiências nem sempre bem-sucedidas, os professores fazem uma afirmação de fé nas potencialidades da rede mundial de computadores, ao expressarem o desejo de utilizá-la em sala de aula, nos laboratórios, em casa e em oficinas. Essa ordem de preferência também é digna de nota. Como pudemos observar, a forma de uso do portal de maior utilização no Colégio, - as oficinas - é apontada pelos professores como o modo menos desejado de utilização.

Com base no que discutimos anteriormente, podemos concluir que os professores do C7S têm uma clareza muito grande da potencialidade da rede, querem efetivamente incorporá-la como ferramenta pedagógica e estar à frente desse processo, em uma metodologia de trabalho que prescinde da presença de um portal. Estamos convencido de que o modelo portal poderia ser superado, desde que os professores recebessem uma formação adequada, que respondessem às necessidades individuais e coletivas de capacitação.

Como seria essa capacitação? Certamente que temos alguns indicadores do que *não* fazer, mas que saberes são necessários ao uso da Internet como ferramenta pedagógica? Esses são alguns dos questionamentos que afloraram ao longo deste trabalho e que chegam ao seu final sem respostas, e que certamente deverão ser objeto de trabalhos futuros.

A aplicação educativa da Internet constitui um vasto campo de questões em aberto. Cada vez exploramos uma fração desse universo, novas questões emergem, como em um hipertexto de desafios intelectuais. As questões metodológicas relacionadas à Internet também estão a merecer um estudo específico, dada a sua relevância e complexidade.

Chego ao término deste trabalho convicto de que, ao mesmo tempo em que a escola enfrenta o enorme desafio de integrar a Internet à escola como forma de potencializar o processo de ensino e aprendizagem, vive um momento muito propício a que os professores ocupem o poder decisório quanto ao emprego das novas tecnologias. É fundamental que os docentes assumam esse processo, que promovam a *desintermediação* entre as tecnologias digitais, os meios eletrônicos e a escola; que não permitam que tecnólogos, sistemas ou portais assumam atividades que lhes são intrinsecamente inerentes.

Acreditamos que o modelo portal não é inevitável. Ele pode e deve ser superado pela qualificação dos professores, pelo emprego de ferramentas de comunicação e interatividade disponíveis gratuitamente na Internet, adaptadas ou desenvolvidas pelas escolas em suas páginas próprias na web. Não há uma só ferramenta de comunicação e interatividade que não disponha de uma versão gratuita na rede. As pesquisas, as aplicações que podem servir de apoio à realização de aulas mais dinâmicas e com maiores informações estão disponíveis à manheira no ciberespaço, sem que a escola precise pagar por isso ou restringir as possibilidades de descobertas pelos aprendizes.

Estamos convencido de que, se todas as ferramentas e recursos dos portais estão acessíveis, se os professores desejam pesquisar e selecionar os conteúdos, bem como trabalhar com rede como apoio à melhoria do processo de ensino e aprendizagem, por que adotar o modelo portal? Por que em vez de investir em um portal, não investir na formação dos professores?

Por tudo o que vimos ao longo deste trabalho, podemos concluir que o melhor portal para escola é o professor capacitado. Com professores bem preparados, cada escola pode ser um portal, um caminho seguro por onde crianças e jovens podem alcançar o mundo fascinante de possibilidades de comunicação, interação e aprendizagem da Internet.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAVA, Séraphin (org.) **Ciberespaço e formações abertas** – rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed, 2002.

ALVES e NOVA (orgs.) **Educação a distância**. Uma nova concepção de aprendizagem e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

BARRETO, Raquel Goulart (org.) **Tecnologias educacionais e educação a distância**: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distancia**. Campinas, SP: Autores associados, 2001.

BORGES NETO, Hermínio e SALES, Sílvia. **Informática Educativa e Formação de Professores**: experiências Vividas, Idéias Aprendidas. Mimeo, 2002.

CANDAU, Vera. **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e no aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

COSCARELLI, Carla Viana, org. **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Professores e máquinas**: uma concepção de informática na educação. Mimeo, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro, 1975.

GOULART, Íris Barbosa, (org.) **A Educação na Perspectiva Construtivista** – Reflexões de uma equipe interdisciplinar. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1995

HEIDE e STILBORNE. **Guia do professor para a Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, Ed. Papirus, 2003.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** Editora 34, São Paulo, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34, São Paulo, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência** – o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **A Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, E.P.D. U., 1986.

MACHADO, Elian de Castro. **Educação online e ensino médio**: por que não d'e(s)cola? Mimeo, 2002.

MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e didática**. São Paulo: Cortez, 1995.

MORAN, MASSETO e BEHRENS. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MORAN, José Manuel. **O que é educação a distancia**. Disponível em www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm. Acesso em 20.03.2003.

MORAN, José Manuel. **Educação inovadora e presencial e a distância**. Disponível em www.eca.usp.br/prof/moran/inov_1.htm. Acesso em 27.08.2003.

MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de ensinar e aprender com tecnologias**. Transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. Disponível em www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm. Acesso em 27.08.2003.

MORAN, José Manuel. **"A Internet na Educação"**. Entrevista ao Portal Educacional. Disponível em www.educacional.com.br. Acesso em 20.05.2003.

PALLOFF, Rena M. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma nova escola com/sem futuro**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

PRETTO, Nelson de Luca. **A educação e as redes planetárias de comunicação**. Salvador, 1995. Disponível em www.alternex.com.br/~esocius/t-pretto.html Acesso em 09/07/2002.

RAMAL, Andrea Cecília. Internet e educação. **Revista Guia da Internet**. Ediouro, nr. 4, 1996.

ROMANELLI e BIASOLI-ALVES. **Diálogos Metodológicos sobre a Prática de Pesquisa**. Ribeirão Preto (SP), Legis Summa, 1998..

RAMAL, Andrea Cecília. **Práticas de Ensino na Cibercultura**. Disponível em <http://sites.uol.com.br/aramal>. Acesso em 15/12/2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro (coord.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VALENTE, José A. e ALMEIDA F. J. “Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor”. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. V1, setembro de 1997. Disponível em <http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/nr1/valente.htm> Acesso em 09/05/2003.

VIGOTSKI L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fortes, 1998.